



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Arthur Alves Motta

**Sentidos das masculinidades em vídeos do canal do YouTube Porta dos
Fundos**

Duque de Caxias

2024

Arthur Alves Motta

Sentidos das masculinidades em vídeos do canal do YouTube Porta dos Fundos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Orientador: Prof. Dr. Dilton Ribeiro do Couto Junior

Coorientador: Prof. Dr. Leandro Teófilo de Brito

Duque de Caxias

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

M921 Tese	Motta, Arthur Alves Sentidos das masculinidades em vídeos do canal do YouTube Porta dos Fundos. /Arthur Alves Motta; orientação Prof. Dr. Dilton Ribeiro do Couto Junior. - 2024. 165 f. Orientador(a): Dilton Ribeiro do Couto Junior. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1. Gênero - Teses. 2. Cibercultura - Teses. 3. Educação – Teses. 4. Performatividade – Teses. I. Couto Junior, Dilton Ribeiro do. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título. CDU 37:007
--------------	--

Bibliotecária: Ana Paola Araujo – CRB7/6387

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Arthur Alves Motta

Sentidos das masculinidades em vídeos do canal do YouTube Porta dos Fundos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Aprovada em 22 de novembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dilton Ribeiro do Couto Junior (Orientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. Leandro Teófilo de Brito (Coorientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Ivan Amaro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Denize Sepulveda
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. Tiago Duque
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Duque de Caxias

2024

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Dilton Ribeiro do Couto Junior, que desde meu ingresso no mestrado me acolheu com paciência e empatia, trazendo leveza para um processo extremamente desafiador. Obrigado por todos os momentos de troca de conhecimento, por toda a disponibilidade de tempo e por todas as reflexões que me fizeram crescer enquanto ser humano, aluno, professor e pesquisador.

Ao meu coorientador, Prof. Dr. Leandro Teófilo de Brito, que aceitou o nosso convite e embarcou junto comigo e com o Dilton nessa jornada. Obrigado por todo o carinho durante o processo, por toda a atenção e pela troca de conhecimento. Ambos mudaram a minha percepção sobre o processo de orientação, tornando-o mais leve, compreensivo e agradável.

Aos companheiros/as do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cíbercultura (JEGESC), por nossos encontros, pela orientação coletiva e por todas as contribuições que me auxiliaram na tessitura desse trabalho.

À professora Dra. Denize Sepulveda e aos professores Dr. Ivan Amaro e Dr. Tiago Duque por aceitarem o convite para fazer parte da banca do exame de qualificação. Desde já agradeço pela disponibilidade de tempo e pelas contribuições que com certeza serão essenciais para elevar o nível do texto e auxiliar no meu desenvolvimento acadêmico. É uma honra ter pessoas que eu tanto admiro fazendo parte desse processo junto comigo.

A todos os/as amigos/as que acompanharam todo esse processo, desde o início de um sonho até a realização desse momento. Aos/às amigos/as que o mestrado me deu. Que sempre me apoiaram e torceram por mim. Que entenderam os momentos em que não pude estar presente e me deram forças para continuar. Sem vocês nada disso seria possível.

E, principalmente, aos meus pais, Robson e Kátia, que sempre apoiaram meus estudos. Que sacrificaram tantas coisas para que eu pudesse me formar em uma universidade federal. Que nunca mediram esforços para que eu tivesse acesso a uma educação de qualidade. Que entenderam todos os meus momentos de ausência, todos os finais de semana, todos feriados, todas as datas festivas em que não pude estar presente. Espero um dia poder retribuir pelo menos metade do que vocês fizeram por mim.

A resistência tem que ser *plural* e *corporificada* para representar os princípios de
democracia pelos quais luta

- *Judith Butler*

RESUMO

MOTTA, Arthur Alves. *Sentidos das masculinidades em vídeos do canal do YouTube Porta dos Fundos*. 2024. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

Este trabalho de mestrado tem como objetivo investigar a construção de códigos e sentidos das masculinidades presentes em vídeos do canal do YouTube Porta dos Fundos. Os principais conceitos que fundamentam o estudo são: cibercultura, a heteronormatividade e as masculinidades pensadas por meio da performatividade de gênero. A cartografia *online* balizada em aportes pós-estruturalistas foi a metodologia adotada para acompanhar o fluxo informacional criado/postado em um dos maiores canais do YouTube no Brasil. Meu percurso cartográfico reuniu 10 vídeos do canal Porta Fundos, publicados nos anos de 2020 e 2021, que tem como temática central questões relacionadas às masculinidades. Os vídeos foram transcritos e os enunciados separados em cinco linhas de significação, a saber: 1) masculinidade tóxica, 2) homem desconstruído, 3) masculinidades dissidentes, 4) tamanho do pênis e 5) paternidade. Os enunciados foram analisados por meio do referencial teórico da performatividade da linguagem e de gênero. Dentre os achados da dissertação, destaco que a masculinidade tóxica foi entendida como perforatizações de masculinidade em que a reiteração da norma aparece mais que seus deslocamentos. Ao abordar a masculinidade normativa de forma cômica por meio da paródia, um dos potenciais efeitos performativos pode ser o tensionamento do suposto ideal estável de masculinidade. Por homem em desconstrução, entendo as performatizações de masculinidade de homens heterossexuais em que se buscam os deslocamentos da norma em contraponto às suas reiterações. Embora possamos observar alguns avanços nessas performatizações de masculinidade, ainda é possível observar a constante negociação desses sujeitos com os aspectos (hetero)normativos. As masculinidades dissidentes apareceram com sujeitos que performatizam a sexualidade de maneira não-heterossexual. Se outrora o humor foi utilizado nas produções culturais para fazer zombarias desses sujeitos, nos vídeos analisados elas surgem como possibilidades legítimas. O tamanho do pênis foi analisado como um significante da masculinidade dos sujeitos e pude observar que quanto maior o pênis, maior a masculinidade atribuída a esses sujeitos. Por fim, foram analisados os sentidos de paternidade mobilizados nos vídeos. Ficou evidente o quanto o modelo patriarcal de família burguesa influencia até hoje nas concepções tradicionais de paternidade, que se encontram em consonância com o modelo normativo de masculinidade. Finalizei o texto propondo pensar uma educação dentro-fora que desestabilize a heteronormatividade, promovendo a multiplicidade de formas de entender a constituição das masculinidades.

Palavras-chave: Cibercultura. Masculinidades. Gênero. Performatividade. Educação.

ABSTRACT

MOTTA, Arthur Alves. *Meanings of masculinities in videos from the YouTube channel Porta dos Fundos*. 2024. 165 f. Dissertation (Master's in Education, Culture and Communication) – Baixada Fluminense Faculty of Education, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

This master's thesis aims to investigate the construction of codes and meanings related to masculinities present in videos from the YouTube channel Porta dos Fundos. The main concepts that underpin the study are: cyberculture, heteronormativity, and masculinities understood through gender performativity. Online cartography, grounded in post-structuralist approaches, was the methodology adopted to track the informational flow created/posts in one of the largest YouTube channels in Brazil. My cartographic journey compiled 10 videos from the Porta dos Fundos channel published in 2020 and 2021, which focus on issues related to masculinities. The videos were transcribed, and the statements were categorized into five lines of meaning: 1) toxic masculinity, 2) deconstructed man, 3) dissident masculinities, 4) penis size, and 5) fatherhood. The statements were analyzed through the theoretical framework of language and gender performativity. Among the findings of the dissertation, I highlight that toxic masculinity was understood as performances of masculinity in which the reiteration of the norm appears more prominently than its displacements. By comically addressing normative masculinity through parody, one potential performative effect may be the tensioning of the supposed stable ideal of masculinity. By "deconstructed man," I refer to the performances of masculinity of heterosexual men who seek to displace the norm in contrast to its reiterations. Although we can observe some advancements in these performances of masculinity, it is still possible to see the constant negotiation of these subjects with (hetero)normative aspects. Dissident masculinities appeared through subjects who perform their sexuality in a non-heterosexual manner. Whereas humor was once used in cultural productions to mock these subjects, in the analyzed videos, they emerge as legitimate possibilities. Penis size was analyzed as a signifier of the masculinity of these subjects, and I observed that the larger the penis, the greater the masculinity attributed to these individuals. Finally, the meanings of fatherhood present in the videos were analyzed. It became evident how much the patriarchal model of bourgeois family still influences traditional conceptions of fatherhood, which align with the normative model of masculinity. I concluded the text by proposing a consideration of an inside-out education that destabilizes heteronormativity, promoting a multiplicity of ways to understand the constitution of masculinities.

Keywords: Cyberculture. Masculinities. Gender. Performativity. Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Levantamento bibliográfico de dissertações e teses sobre o Porta dos Fundos.....	29
Quadro 2	Levantamento dos vídeos com o foco principal na temática gênero e sexualidade no Porta dos Fundos.....	64
Quadro 3	Levantamento dos vídeos com o foco principal em questões referentes as masculinidades no canal Porta dos Fundos.....	65
Quadro 4	Informações adicionais dos vídeos analisados.....	67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Imagem extraída do site Portaverso.....	25
Figura 2	Aba inicial do aplicativo do Porta dos Fundos, versão para iOS.....	27
Figura 3	Tela do vídeo “Nude”.....	27
Figura 4	Jesus entrando no templo no vídeo “Jesus Hétero”.....	75
Figura 5	“Qual foi, irmão? Tu ama homem, viado?”.....	78
Figura 6	João Vicente interpretando o personagem Marcelo no vídeo “Teste”.....	93
Figura 7	Fábio Porchat atuando no vídeo “Terminador do futuro”.....	93
Figura 8	Quebrando louça e esfregando bunda.....	107
Figura 9	A vida social do futuro papai.....	137
Figura 10	O papai não mudou em nada sua rotina.....	141
Figura 11	“Roupa de pai”.....	144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
Arpen	Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEUS	Centro Educacional Unificado
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
CPP	Coordenador Político Pedagógico
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
CONPEFE	Congresso dos Professores de Educação Física Escolar
Ed	Editora
ENALIC	Encontro Nacional de Licenciaturas
GEMasc	Grupo de Estudos sobre Masculinidades e Educação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
Ind	Industria
INTERPOL	Organização Internacional de Polícia Criminal
JEGESC	Grupo de Pesquisa em Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Ciberultura
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
RJ	Rio de Janeiro
SUS	Sistema Único de Saúde
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	13
1.1	Aproximações com o campo de estudos de gênero e sexualidade e o desejo pela pesquisa online.....	13
1.2	O YouTube como lócus investigativo.....	19
1.3	Entrando pela Porta dos Fundos.....	24
1.4	Mapeando o campo: o que já conhecemos sobre o canal do YouTube Porta dos Fundos?.....	28
2	PRINCIPAIS CONCEITOS QUE BALIZAM O ESTUDO.....	32
2.1	Aproximações com o pós-estruturalismo e questões da pesquisa.....	32
2.2	Da denúncia à contrassexualidade: alguns caminhos teóricos percorridos pelos estudos de gênero.....	36
2.3	Gênero e seu aspecto relacional: a porta de entrada da masculinidade nos estudos de gênero.....	44
2.4	Masculinidade hegemônica: breve discussão e minha opção por outro caminho epistemológico.....	47
2.5	Pensando a produção de masculinidades por meio do discurso e do referencial teórico da performatividade de gênero.....	52
3	A CARTOGRAFIA ONLINE COMO UM MODO DE FAZER PESQUISA NA CIBERCULTURA.....	57
3.1	Cartografia online: caminhos abertos para problematizar nosso espaço-tempo.....	57
3.2	Masculinidades no Porta dos Fundos: os caminhos percorridos na pesquisa.....	62
3.3	Performatividade da linguagem e do gênero: uma construção teórico-metodológica.....	68
4	ENUNCIÇÕES DAS MASCULINIDADES NOS VÍDEOS DO CANAL PORTA DOS FUNDOS: ENTRE PROBLEMATIZAÇÕES E REFLEXÕES.....	73
4.1	“Qual foi, irmão? Tu amas homem, viado?”: problematizando sentidos de masculinidade tóxica.....	73
4.2	Homens em desconstrução: é preciso desconstruir o “homem desconstruído”.....	84
4.3	Performatizações de masculinidades dissidentes: enfrentamentos e negociações com as heteronormas.....	97

4.3.1	<i>Terminador do futuro</i>	98
4.3.2	<i>O último ativo</i>	104
4.3.3	<i>Efeito colateral da vacina</i>	110
4.3.4	<i>Considerações da seção</i>	113
4.4	“Chega a 40 centímetros?”: o tamanho do pênis como significante de masculinidade	115
4.4.1	<i>“Nossa! Que pirocão!”: as significações de masculinidade em torno do tamanho do pênis</i>	116
4.4.2	<i>“A quarentena transformou esse mundo do nude”: performatizações da sexualidade em tempos de pandemia</i>	122
4.4.3	<i>Proposições da seção</i>	130
4.5	“Virei o que eu mais temia”: sentidos de paternidade e a desestabilização/manutenção do status quo	131
5	REFLEXÕES FINAIS: POR UMA EDUCAÇÃO QUE RECONHEÇA A PLURALIDADE DAS MASCULINIDADES	148
	REFERÊNCIAS	158

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

1.1 Aproximações com o campo de estudos de gênero e sexualidade e o desejo pela pesquisa *online*

“Os homens sofrem, mas sofrem calados e sozinhos”

Documentário “O Silêncio dos Homens” (2019)

Diante do desafio de iniciar a escrita de um texto acadêmico, recorri à frase acima, do documentário O Silêncio dos Homens¹, disponível no YouTube, e a utilizei como inspiração para compartilhar um pequeno trecho da minha história, trajetória acadêmica e experiências que suscitaram o interesse em realizar essa pesquisa de mestrado.

O documentário relata, dentre outras questões, o silenciamento que é socialmente imposto aos homens através da heteronormatividade. Não expressar fragilidades, virilidade, repressão de sentimentos, receio em demonstrar afetividade e outras normas relacionadas a um modelo universalizado de ser homem, limitam as diversas possibilidades de performatização das masculinidades dos sujeitos. Conforme argumenta Butler (2011), quando os sujeitos performatizam o gênero fora dos padrões normativos que são impostos e internalizados socialmente, eles estão constantemente suscetíveis a sanções e coerções sociais, que punem e marginalizam os corpos que transitam fora da matriz heterossexual.

Ao encontro dessa afirmativa, Rosa e Felipe (2020) investigaram as violências/abusos sexuais sofridas por homens durante a infância e adolescência, e, dentre outros achados, constataram que 43,5% dos homens participantes da pesquisa relataram terem sido vítimas de violência/abuso sexual durante a infância. Para o autor e a autora, muitos dos casos de violência/abuso sexual contra homens durante a infância e a juventude são vistos como parte da iniciação sexual, e as imposições/expectativas de masculinidade produzidas pelas heteronormas impede que muitos relatem esses abusos.

¹ Documentário de 2019 produzido pelo coletivo Papo de Homem (PdH) e produto de uma pesquisa envolvendo 40.002 sujeitos sobre questões relacionadas a masculinidades. Disponível em: <<https://bit.ly/3Go8PO6>>. Acesso em: 25 maio 2022.

Ao realizar as problematizações dessa dissertação, retornei a inúmeros momentos da minha vida em que minha performatização de masculinidade não foi condizente com as expectativas sociais, seja por ser espalhafatoso, muitas vezes afeminado, por usar roupas rosas, por gostar de dançar, por praticar esportes tidos como femininos, por demonstrar afeto publicamente, ou simplesmente por ser sensível e choroso. Em todos esses momentos, sempre teve alguém para afirmar que “isso não é coisa de homem”, ou para questionar a minha heterossexualidade e me alertar que “isso é coisa de viado”. Tais fatos nunca me incomodaram. Afinal, defendo a liberdade em performatizar a sexualidade das mais diversas maneiras possíveis e a valorização dos atributos tidos como femininos e masculinos da mesma forma. Ao contrário, muitas vezes me serviram para problematizar esses enunciados. Entretanto, esses exemplos mostram o quão frágeis são as normas regulatórias de gênero, a ponto de não permitir o menor deslocamento que seja, tendo que se reafirmar a todo momento. Aposto na reiteração de performatizações de masculinidade alternativas como forma de resistência e enfrentamento às heteronormas, permitindo que os sujeitos performatizem as masculinidades de forma plural e livre. Para bell hooks (2022), é necessário que os homens problematizem de forma crítica o modelo patriarcal de masculinidade para que possamos ter vivências de masculinidades alternativas e legítimas, e, assim, caminhar em prol da equidade de gênero.

Ao longo da minha infância e adolescência, minhas referências de masculinidade foram, em grande parte, baseadas no modelo tradicional e normativo. Afinal, fui uma criança criada em Três Rios, cidade localizada no interior do estado do Rio de Janeiro. Meu pai, minha maior referência de masculinidade, foi criado também nessa cidade de interior, em um contexto de ditadura militar. Minha mãe, evangélica ferrenha, encontrava na religião todos os “valores morais” para seguir ao longo da vida e criar os/as filhos/as. Embora, há anos, eu não frequente nenhum grupo religioso e questione os valores morais atrelados ao cristianismo, grande parte da minha infância e adolescência foi frequentando, forçosamente, igrejas evangélicas. E como abordarei na seção 4.1, em que discuto as performatizações de masculinidade tóxica, é notória a relação entre os valores cristãos e o modelo de masculinidade dominante, que foi imposto forçosamente aos países colonizados pelo ocidente Europeu. Contudo, entendo que eram as ferramentas que eles tinham naquele momento para me criar. Afinal, nem meu pai, nem minha mãe, tiveram acesso à educação crítica que eu tive a oportunidade de ter.

hooks (2022) destaca a importância de confrontar o modelo patriarcal para produzir formas alternativas de vivenciar as masculinidades. A autora destaca o ex-atleta de boxe, Muhammad Ali, que mesmo envolto em um ambiente em que a masculinidade normativa é predominante e esperada, como o esporte de alto rendimento, sobretudo as lutas, ousou em

confrontar o modelo patriarcal de masculinidade e vivenciou uma masculinidade alternativa. As experiências de masculinidade do atleta envolveram a liberdade para expressar seus sentimentos, trocas de afetos com outros homens e com sua família, e críticas ao modelo hegemônico, buscando a libertação dos sujeitos explorados e oprimidos por esse sistema. “Esse é o poderoso legado deixado por Ali, a identidade masculina alternativa”, conclui hooks (2022, p. 75).

Ao refletir sobre essas normas e expectativas sociais que, indubitavelmente, atravessam a vida de todos os sujeitos, retornei a momentos da minha trajetória que foram preponderantes para a escolha do meu curso de graduação, área de pesquisa e ativismo político. Desde cedo, sempre fui apaixonado pela prática esportiva. Antes mesmo do nascimento, eu já tinha ligação com os esportes, pois meu nome foi escolhido por meu pai em homenagem ao ex-atleta de futebol do Flamengo, Arthur Antunes Coimbra, mais conhecido como Zico. A prática esportiva, predominantemente, o futebol, sempre foi muito incentivada durante a minha infância, e junto a esta prática caminharam uma série de normas regulatórias de gênero a serem seguidas por mim.

Essa aproximação com a prática esportiva foi crucial para criar em mim um desejo efervescente desde muito jovem: ser professor de Educação Física. Em março de 2012, dei um grande passo rumo a esse objetivo quando ingressei no curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Durante a graduação, me aproximei da área das Ciências Humanas e Sociais e da pesquisa, principalmente após ingressar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Vale ressaltar aqui a importância do programa na minha trajetória acadêmica por inúmeros fatores, dentre os quais destaco: a participação em eventos acadêmicos e o incentivo à pesquisa; a possibilidade de ter o primeiro contato de forma ativa com a docência; e, por fim, o auxílio financeiro da bolsa que permitiu a minha permanência e conclusão do curso.

Neste período em que participei do PIBID, pude construir, em colaboração com colegas do curso e meu orientador, Prof. Dr. José Henrique dos Santos, alguns projetos que foram realizados em nossa escola de atuação. A partir das demandas observadas na prática docente e oriundas das aulas de Educação Física, elaboramos nosso primeiro trabalho, intitulado “A conscientização dos alunos sobre a utilização de roupas adequadas nas aulas de Educação Física”, apresentado no 1º Seminário Institucional PIBID/UFRRJ. Posteriormente, um desdobramento deste trabalho foi apresentado no Encontro Nacional de Licenciaturas (V ENALIC). E, por fim, apresentamos na sexta edição do Congresso dos Professores de Educação

Física Escolar (CONPEFE), os achados preliminares do trabalho “Educação Física Escolar: análise do conteúdo aprendido pelos alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental baseado nas três dimensões do conteúdo”. A partir de um recorte deste trabalho, produzi e apresentei minha monografia, intitulada “Análise do conhecimento conceitual retido pelos alunos do Ensino Médio na Educação Física Escolar” (Motta, 2017).

Durante esse processo de imersão empírica e teórica na docência em Educação Física, enquanto aluno da graduação, me deparei com uma série de questões de gênero que atravessaram de forma significativa a história da disciplina e podem ser vistas até hoje no cotidiano das aulas. Tais questões despertaram o desejo em aprofundar os estudos na área. Traçando um breve panorama, recorro a Silvana Goellner, importante autora no campo dos estudos de gênero e sexualidade na Educação Física, à medida que faz uma releitura de autores/as pós-estruturalistas e traz o debate para o campo de estudo da disciplina.

Segundo Goellner (2013), os estudos de gênero começaram a ser discutidos ao final da década de 1970 na Educação Física brasileira, trazendo grandes contribuições para a área, principalmente ao problematizar o paradigma dos determinismos biológicos, historicamente, utilizado para reproduzir e perpetuar o sexismo, discriminações e desigualdades relacionadas aos binarismos entre masculino e feminino na disciplina. Entretanto, apesar dos avanços teóricos ainda é possível observar durante as aulas o gênero sendo tratado por meio de uma ótica dicotômica, dividindo-o em categorias binárias e hierárquicas que culminam na normatização de determinadas representações de masculinidade e feminilidade. É necessário romper com esses binarismos para entender a pluralidade dos sujeitos, valorizando as diversas formas dos sujeitos expressarem e vivenciarem suas masculinidades e feminilidades (Goellner, 2013).

A partir das leituras de Silvana Goellner e Helena Altmann, ambas do campo da Educação Física, e Guacira Lopes Louro, uma grande referência na área da Educação e estudos pós-estruturalistas no Brasil, iniciei meu arcabouço teórico sobre gênero e sexualidade. Ao ingressar na especialização em Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), aprofundei os debates sobre as diferentes formas com as quais as disputas de gênero se tornam um fator de exclusão dos sujeitos na sociedade e, sobretudo, nas aulas de Educação Física.

Foi nesse cenário também que conheci e aprofundei os estudos sobre as masculinidades. Como produto deste processo realizei minha monografia de especialização, em coautoria com minha companheira de curso, Thamiris Medeiros de Souza, e orientadora, Profa. Dra. Rita de Cássia de Oliveira e Silva, intitulado “‘Ele vai ser menina’: uma análise da intervenção docente

em Educação Física sobre questões de gênero” (Motta; Souza, 2020). No trabalho, buscamos analisar se professores e professoras de Educação Física realizam intervenções referentes às generificações em suas aulas e de que forma estas intervenções acontecem. Outro ponto de destaque nesse processo foi que, devido ao período pandêmico², reconfiguramos a metodologia de pesquisa e recorreremos as entrevistas de forma remota para dar prosseguimento ao trabalho, tendo assim a minha primeira experiência com a pesquisa *online*.

Diante dos desafios de conduzir pesquisas durante o período da pandemia e pesquisar na cibercultura, Couto Junior, Teixeira, Maddalena e Soares (2024) nos alertam que a partir da pandemia da COVID-19 houve uma reconfiguração mundial na forma de aprender, ensinar e fazer pesquisa. Professoras/es, estudantes e pesquisadoras/es se reinventaram e as dinâmicas sociais mediadas pelo digital em rede se intensificaram como forma de produção de conhecimento. Contudo, é importante ressaltar que a investigação *online* como forma de pesquisa não surgiu a partir da pandemia da COVID-19, tampouco deve ser associada a uma alternativa para momentos em que a pesquisa presencial se torna inviabilizada. A pesquisa *online* possui inúmeras singularidades que não devem ser reduzidas à ausência do presencial, mas sim como formas contemporâneas de relações sociais mediadas em/na rede. No decorrer do texto aprofundarei o debate relacionado a cibercultura e a relevância da pesquisa *online*.

Após o término da especialização ingressei no mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Com as reflexões que foram tecidas durante as disciplinas e encontros do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC), a ideia deste trabalho começou a ser construída junto ao meu orientador, Prof. Dr. Dilton Ribeiro do Couto Junior, e coorientador, Prof. Dr. Leandro Teófilo de Brito³, líder do Grupo de Estudos sobre Masculinidades e Educação (GEMasc). Reconheço, assim como Couto Junior *et al* (2020, p. 475), que “as diversas informações digitais produzidas e compartilhadas na rede mundial de computadores vêm constituindo-se como um importante material empírico de análise para as pesquisas das ciências humanas e sociais”. Caminho nessa linha de pensamento e concordo que precisamos reconhecer o ciberespaço como um importante *locus* investigativo para analisar as relações de gênero e sexualidade na sociedade contemporânea.

² Em março de 2020 a OMS – Organização Mundial de Saúde – decretou estado pandêmico, obrigando os países a tomarem atitudes preventivas contra a disseminação da COVID-19, como por exemplo, a suspensão de atividades presenciais tidas como não essenciais. O estado pandêmico durou até maio de 2023, embora diversas atividades presenciais tenham retornado de forma gradual antes do fim da pandemia.

³ Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da mesma instituição.

Movido por essas reflexões e inquietações, meu foco investigativo na pesquisa de mestrado é: *investigar a construção de códigos e sentidos das masculinidades presentes em vídeos do canal Porta dos Fundos*⁴. Nas próximas seções deste capítulo irei abordar o conceito de cibercultura, a relevância de pesquisar as representações e significações de masculinidades no YouTube, a escolha do canal Porta dos Fundos como *locus* investigativo e um mapeamento dos estudos de pós-graduação *stricto sensu* que utilizaram o Porta dos Fundos como objeto de pesquisa.

No capítulo 2, apresento o conceito de heteronormatividade, as questões da pesquisa e os principais conceitos que balizam o estudo, a começar pelo conceito de gênero e seu impacto social. Em seguida, discorro sobre a inserção dos estudos sobre as masculinidades dentro dos estudos de gênero; a conceituação de masculinidade hegemônica e os motivos que me fizeram percorrer por outro caminho epistemológico; e, por fim, as masculinidades pensadas por meio do referencial teórico da performatividade de gênero.

No capítulo 3, abordo a cartografia *online* como um modo de fazer pesquisa em nosso espaço-tempo, assim como alguns princípios do meu modo de cartografar. Na sequência apresento os caminhos percorridos nessa cartografia, como os critérios elencados para a seleção dos vídeos, a temporalidade escolhida e os vídeos selecionados para a análise. Na última seção do terceiro capítulo recorro a teorização da performatividade da linguagem e de gênero para auxiliar na construção teórico-metodológica dessa dissertação e na análise dos vídeos. Proponho ainda, nesta seção, as linhas de significação que irão balizar a análise, a saber: a) masculinidade tóxica; b) homem desconstruído; c) masculinidades dissidentes; d) tamanho do pênis; e, por fim, e) paternidade.

No capítulo 4, me proponho a analisar e problematizar os sentidos de masculinidade encontrados nas enunciações presentes nos vídeos, de acordo com as linhas de significação elencadas. Abro o capítulo com uma seção destinada à discussão acerca dos sentidos de masculinidade tóxica presentes nos vídeos. Após, discuto os sentidos de homens em desconstrução e a necessidade de desconstruir a ideia de “homem desconstruído”. Na seção 4.3, problematizo as enunciações de masculinidades dissidentes que apareceram nos vídeos. Já na seção 4.4, a análise é decorrente do tamanho do pênis enquanto significante de masculinidade dos homens e, ainda, da prática de envio/recebimento de nudes como forma de performatização

⁴ Atualmente o coletivo Porta dos Fundos é uma produtora que atua na produção de séries, filmes, programas de televisão e outros tipos de conteúdo que vão além de seu canal no YouTube, fato que irei abordar na terceira seção desse capítulo. Sendo assim, no decorrer desse trabalho, ao me referir ao canal do YouTube do “Porta dos Fundos”, que é meu objeto de pesquisa, usarei o termo de forma isolada, e ao me referir a produtora usarei a expressão “coletivo Porta dos Fundos”.

da sexualidade na cibercultura. Por fim, a última seção se destina a discutir os sentidos de paternidade mobilizados no vídeo.

Para finalizar essa dissertação, no capítulo 5, proponho um resumo das reflexões e inquietações geradas pela análise dos sentidos de masculinidade mobilizados nos vídeos e, por fim, como pensar uma educação de que reconheça a pluralidade das masculinidades.

1.2 O YouTube como *lócus* investigativo

Devido aos avanços tecnológicos das últimas décadas, a internet se tornou central na interação entre as pessoas. Com a popularização das tecnologias digitais móveis (*notebooks, smartphones, tablets, smartwatches*) passamos a acessar na palma da mão os diferentes conteúdos digitais, não apenas consumindo informações, mas produzindo e compartilhando conteúdos para outras pessoas geograficamente dispersas. Televisões inteligentes, diversos aparelhos controlados por inteligências artificiais, dentre outros artefatos culturais, são cada vez mais presentes e representativos em nossos cotidianos (Santos, 2020). Sendo assim, espaços físicos e ciberespaço caminham juntos, são indissociáveis.

Para Santos (2020), a cibercultura é constituída pelas práticas cotidianas do ser humano em consonância com o mais alto nível de desenvolvimento digital na atualidade. De acordo com a autora, a cibercultura é a cultura contemporânea mediada pelo digital em rede. Lemos (2010) vai ao encontro dessa concepção ao compreender a cibercultura como “uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social” (Lemos, 2010, p. 22).

Lemos (2007) apresenta três princípios básicos da cibercultura que são fundamentais para esse trabalho e para entendermos os fenômenos socioculturais da nossa época: liberação da palavra, conexão generalizada e reconfiguração social, cultural e política. O primeiro princípio parte da descentralização do polo de emissão do conteúdo, que era realizado de forma unidirecional através dos meios de comunicação de massa como rádio, televisão, jornais e revistas impressas (modelo comunicacional um-todos). Com o avanço das tecnologias digitais conectadas em rede, hoje todos os sujeitos têm a oportunidade de produzir e compartilhar conteúdos digitais através da internet (modelo comunicacional todos-todos). Diante disso, emerge o princípio da conexão generalizada, que permite aos sujeitos estabelecer conexões múltiplas, compartilhar informações e criar nichos informacionais. Através da comunicação em rede são estabelecidos novos vínculos entre sujeitos, sendo criadas comunidades e novas

práticas de sociabilidade a partir de interesses comuns. Por fim, o princípio da reconfiguração remete às inúmeras transformações sociais, comunicacionais e políticas decorrentes da mediação do digital em rede (Lemos, 2007).

Nesse contexto social em permanente reconfiguração, torna-se necessário ampliar nosso olhar sobre o tempo presente, desde já reconhecendo que vivemos tempos de cibercultura. O ciberespaço, assim, constitui-se como um importante *lócus* investigativo à medida que, cada vez mais, participamos de processos comunicacionais digitais que nos convidam a olhar atentamente para o que é produzido e compartilhado nas redes. Para Couto Junior *et al* (2020), com o crescimento exponencial do número de pessoas⁵ com acesso a computadores, *tablets* e *smartphones*, a multiplicidade de interações que acontecem nas redes sociais evidenciam a necessidade de reconhecê-las como campos de pesquisa promissores. Dessa forma, o YouTube aparece como um espaço de trocas e interações a ser explorado.

As redes sociais, mais especificamente o YouTube, se constitui como um espaço abrangente de interações entre os sujeitos e, também, de produção de sentidos e (re)significação de narrativas. Neste cenário emergem possibilidades investigativas que não podemos ignorar; conforme provoca Paraíso (2014, p. 35), devemos estar “permanentemente ‘a espreita’ de uma inspiração” para “experimentar, fazer bricolagens e transformar o recebido”. Couto Junior *et al* (2020, p. 477) vão ao encontro dessa ideia ao afirmar que pesquisar em tempos de cibercultura é reconhecer “a importância de (re)criarmos estratégias metodológicas que possam evidenciar as novas relações de saber-poder engendradas pela emergência do digital em rede” (Couto Junior *et al*, 2020, p. 477).

Esse cenário de transitoriedade e heterogeneidade das dinâmicas ciberculturais exige que nós, pesquisadores/as em Educação, (re)inventemos nossas metodologias de pesquisa para atender às demandas culturais de nosso tempo. Nesse sentido, Oliveira e Paraíso (2012) apontam a cartografia como uma metodologia potente para o campo da educação, justamente por permitir às/aos pesquisadoras/es adentrar no campo de pesquisa e se aproximar do objeto de estudo, entendendo suas nuances e as mudanças que acontecem no decorrer do percurso. Para o autor e a autora “a cartografia é uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da extravagância, da exploração” (Oliveira; Paraíso, 2012, p. 163).

⁵ Não estou desconsiderando, com isso, um número considerável de brasileiras/os sem qualquer tipo de acesso à internet. A pandemia de COVID-19 escancarou as desigualdades sociais, ficando evidente a exclusão digital em muitos lugares do país. Consequentemente, essa exclusão social/digital impactou negativamente os processos educacionais (Couto Junior; Teixeira; Maddalena, 2023).

A cartografia realizada *online* como modo de fazer pesquisa em educação será discutida de forma mais aprofundada no terceiro capítulo desta dissertação. No entanto, destaco aqui alguns estudos que utilizaram a cartografia *online* como método investigativo para analisar questões relacionadas a gênero e sexualidade na rede social YouTube. Dentre eles está o trabalho de Palmiere e Bernardes (2011) que buscou analisar o processo de transição de gênero dos sujeitos a partir da prática de *vlogging*⁶ no YouTube; Couto Junior *et al* (2020), por sua vez, utilizaram a prática cartográfica para analisar as narrativas de gênero presentes nos três vídeos de chá de revelação mais visualizados no YouTube; e, por fim, Freitas, Couto Junior e Carvalho (2023) que analisaram os atravessamentos das heteronormas nos vídeos de chá de revelação postados no YouTube durante a pandemia de COVID-19.

Criado em 2005, o YouTube se tornou uma das redes sociais com mais usuários no mundo e hoje é uma das plataformas mais utilizadas para o consumo de vídeos *online* no Brasil. A Pesquisa Vídeo Viewers⁷, realizada em 2018, aponta que a rede social é a plataforma preferida pelos brasileiros para o consumo de vídeos. O relatório também mostra que entre 2014 e 2018, ano em que a pesquisa começou a ser realizada e o ano em que esses dados foram coletados, respectivamente, o consumo de vídeos *online* no Brasil cresceu 135%, enquanto o consumo de canais de televisão aumentou apenas 13%, dando indícios do aumento da relevância desse tipo de conteúdo em nossa sociedade.

Lemos (2009) aponta para o crescimento do uso de meios de comunicação na internet em consonância com o desenvolvimento tecnológico e sociocultural de nossa época. Para o autor, os dispositivos móveis conectados em/na rede permitem que os sujeitos estejam em constante relação com o ciberespaço e com as informações, sentidos e subjetividades produzidos nele. Ao contrário das mídias de comunicação em massa (televisão, jornais, revistas, rádio), as mídias digitais em conexão com o ciberespaço (*notebooks, smartphones, tablets* conectados em rede) permitem interações com o conteúdo na medida em que circulamos pelos diferentes espaços físicos. Dessa forma, as diferentes possibilidades de interação com o digital em rede vêm produzindo novas formas de relação dos sujeitos com os espaços físicos, culminando, conseqüentemente, na constituição de novas subjetividades.

Com as práticas socioculturais cada vez mais mediadas pelo uso das mídias digitais em rede, a forma com que os conteúdos são difundidos através da internet afeta diretamente a construção de papéis sociais (Monteiro, 2020). Sendo assim, tornam-se cada vez mais

⁶ A prática de *vlogging* consiste na criação e publicação de vídeos na internet como se fosse uma espécie de blog, uma espécie de diário *online*.

⁷ Disponível em: <<https://bit.ly/3So4Oi8>>. Acesso em: ago. 2022.

necessárias investigações nesses (ciber)espaços buscando compreender a forma com que as normas regulatórias de gênero se constituem em tempos de cibercultura.

Além de pensar a cibercultura como o contexto sociocultural da nossa época, é importante entendê-la como um campo de conhecimento em constante atualização que imbrica a todos os sujeitos em seus cotidianos. Portanto, pesquisar na cibercultura é evidenciar, através do conhecimento científico, todas as transformações e relações que atravessam e são atravessadas por nossa sociedade em nosso tempo (Santos, 2020).

Teixeira, Couto Junior e Brito (2021) nos alertam ainda para o potencial formativo do ativismo em/na rede, e para as potencialidades que as redes sociais trazem por meio do entrelaçamento de pessoas de diferentes recortes geográficos. Dessa forma, as redes sociais podem ser importantes aliadas na resistência às normas de gênero. Deve-se explorar o potencial informativo e político do ativismo em/na rede, levando em consideração a abrangência de seu alcance e seu caráter de resistência. Afinal, como afirma Lemos (2010, p. 28) “o ciberespaço, cenário privilegiado da cibercultura, é em sua essência político”.

Nesse contexto, o YouTube se torna um potente espaço de resistência em/na rede, tendo em vista que a rede social permite que os sujeitos não sejam apenas consumidores, mas se tornem também produtores de conteúdo. A partir dessa dinâmica cibercultural é possível potencializar a criação e difusão de conteúdo em formato de vídeos pelos sujeitos, seja de forma amadora ou profissional. Procaci, Siqueira e Nunes (2021) destacam os *youtubers*, *tiktokers* e influenciadores digitais como algumas das novas profissões que surgiram através das demandas ciberculturais de nossa época, e, também, a importância da aprendizagem não-escolar ao longo da vida através dos múltiplos artefatos culturais. Os autores argumentam que os processos formativos que acontecem fora do espaço escolar são complementares e tão importantes quanto os processos formativos escolares.

Palmiere e Bernardes (2021) corroboram o caráter formativo destas práticas ao constatar que alguns dos canais do YouTube investigados por elas – Bryanna Nasck, Cup, Canal Sorti, Canal das Bee, dentre outros – transformaram-se em referências para a comunidade LGBTI+ na construção de questionamentos e significações acerca das questões de gênero. As autoras observaram também os comentários de pessoas cisgênero⁸ e heterossexuais que afirmaram assistir aos vídeos dos canais com o intuito de aprender sobre questões de gênero e sexualidade e romper com preconceitos.

⁸ O termo “cis” ou “cisgênero” é empregado neste trabalho para se referir aos sujeitos que se autoidentificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento por conta de sua genitália, e são lidos socialmente em consonância com as expectativas sociais para esse gênero.

Diante disso, muitos autores e autoras vêm utilizando a rede social YouTube como *locus* investigativo. Destaco aqui, de forma mais destrinchada, algumas investigações recentes, de diferentes abordagens metodológicas, que abordaram questões relacionadas a gênero e sexualidade tendo o YouTube como campo empírico (Freitas; Couto Junior; Carvalho, 2023; Palmiere; Bernardes, 2021; Couto Junior; Amaro; Romeritto; Ruani, 2020; Monteiro, 2020).

Palmiere e Bernardes (2021) percorreram um caminho cartográfico no YouTube buscando investigar as subjetivações construídas pelos sujeitos no processo de transição de gênero através das narrativas presentes em seus vídeos na prática de *vlogging*. As autoras também problematizaram o avanço das biotecnologias e sua mediação no processo de fabricação e modulação dos corpos, dialogando com o campo das teorias pós-críticas através das teorizações pós-estruturalistas de Judith Butler e Michel Foucault, e através da perspectiva pós-colonial com Oyèrónké Oyewùmí e Hampaté Bâ⁹.

Monteiro (2020) buscou analisar a forma com que crianças entre 9 e 11 anos constroem seus marcadores de gênero através de vídeos assistidos no YouTube. A autora constatou que há uma divisão entre os conteúdos assistidos pelos meninos e meninas investigados que vai ao encontro das expectativas que são criadas para homens e mulheres na sociedade: percebeu-se que as meninas preferiam assistir a vídeos relacionados a beleza corporal, maquiagem, maternagem, culinária e dança, enquanto o interesse dos meninos voltou-se para o futebol e jogos de videogames tidos como “violentos”.

A autora destacou algumas características que tornam o uso do YouTube atrativo para as crianças, sendo assim, um potencial espaço de aprendizagem: a interação direta com as crianças, seja através dos comentários ou pela fala direcionada a câmera, o que gera uma sensação de proximidade com os sujeitos; a diversidade de conteúdos presentes na plataforma a torna um espaço de aprendizagem sobre diversas temáticas; e, por fim, o uso dos algoritmos para sugerir vídeos sobre assuntos interligados, o que mantém as crianças conectadas e logadas na plataforma por um período maior de tempo (Monteiro, 2020).

Por fim, Couto Junior, Amaro, Romeritto e Ruani (2020, p. 485) analisaram as narrativas presentes nos três vídeos mais visualizados do YouTube sobre chá de revelação. Os autores problematizaram o enquadramento dos sujeitos no trinômio sexo-gênero-sexualidade,

⁹ Oyèrónké Oyewùmí, pesquisadora, escritora e filósofa nigeriana, e Hampaté Bâ, escritor malinês, conhecido por sua ampla valorização da oralidade na preservação da história dos povos africanos, são importantes autores/as africanos, referenciados por Palmieri e Bernardes (2021) para problematizar as formas de subjetivação do corpo e do gênero impostas pelo Ocidente por meio do processo de colonização. O texto completo das autoras está disponível em: <<https://bit.ly/3MTjy6K>>. Acesso em: 06 jun. 2023.

apontando para a necessidade de colocarmos em prática ações educacionais que considerem “a multiplicidade de formas de nos constituirmos seres humanos, rebatendo discursos preconceituosos e discriminatórios que, desde a infância, bombardeiam incessantemente nossos corpos e gêneros”.

O YouTube é uma das maiores redes sociais para o consumo de vídeos *online* no Brasil, garantindo a produção/propagação de conteúdos que podem auxiliar na reiteração/subversão das normas regulatórias de gênero. Dito isso, reitero meu foco investigativo na pesquisa de mestrado: *investigar a construção de códigos e sentidos das masculinidades presentes em vídeos do canal Porta dos Fundos*.

1.3 Entrando pela Porta dos Fundos

Ao adentrar na rede social YouTube é possível encontrar uma série de canais dos mais variados tipos. A rede em questão permite que usuários/as de todo mundo se tornem criadoras/es de conteúdo através de seus canais, seja de forma profissional ou amadora. Nesse contexto e dinâmica cibercultural surge o canal do Porta dos Fundos, criado em 2012, despontando como um dos maiores canais do YouTube no Brasil. Em 2023 o canal contava com mais de 17,5 milhões de inscritas/os e seus vídeos já ultrapassavam 7,3 bilhões de visualizações¹⁰.

O Porta dos Fundos produz e posta em seu canal no YouTube, majoritariamente, vídeos de pequena duração – em formato de esquetes – com conteúdo cômico. As temáticas presentes nos vídeos variam de sátiras sobre situações cotidianas a eventos históricos, passagens bíblicas e roteiros que criam “uma realidade paralela parecida até demais com a realidade” (Porta dos Fundos, 2022), como pode ser observado na **Figura 1**, extraída do site Portaverso¹¹. Vou ao encontro da ideia transmitida no extrato acima, tendo em vista que o conteúdo produzido e postado na internet não é desconexo da nossa realidade, sendo assim, analisar e problematizar os sentidos de masculinidade presentes nos vídeos do Porta dos Fundos pode auxiliar a tensionar as normatizações de gênero que são estabelecidas e legitimadas em nosso espaço-tempo.

¹⁰ Dados obtidos no canal do Porta dos Fundos no YouTube em 12 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3SZ1UQJ>>. Acesso em: 12 de outubro de 2022.

¹¹ Citação extraída do Portaverso, seção criada no site do coletivo Porta dos Fundos em comemoração aos 10 anos de lançamento do canal. Disponível em: <<https://bit.ly/3t49mPg>>. Acesso em 05 de novembro de 2022.

Figura 1 – Imagem extraída do site Portaverso.

Depois de 10 anos criando uma realidade paralela parecida até demais com a realidade, que gerou personagens icônicos, abrimos as Portas do Portaverso para você entrar!
Aqui você encontra tudo do Porta e comemora junto o aniversário. Pera aí, aniversário???

Fonte: O autor, 2022.

O coletivo Porta dos Fundos se tornou uma produtora de conteúdos consolidada a nível nacional e, atualmente, além de seu canal no YouTube Brasil, trabalha na produção de filmes, séries e programas de televisão. Em 2019, o coletivo expandiu sua atuação para o YouTube México, criando o canal *Backdoor – Humor por donde no lo esperas*, que possui mais de 4 milhões de inscritas/os. Em participação recente no programa Podpah¹² – podcast disponível no YouTube –, o ator, Fábio Porchat, que também é um dos sócios e fundadores do Porta dos Fundos, relatou que atualmente o coletivo exporta roteiros para outros países além do México, como Polônia, Itália e França.

Ao analisar a trajetória do Porta dos Fundos ao longo dos anos é possível observar a importância da emissão, conexão e reconfiguração, três dos princípios da cibercultura (Lemos, 2010), na criação e popularização do canal. Pois se antes era extremamente difícil um grupo de amigos criar e emitir conteúdo para um número abrangente de pessoas, com a liberação do polo de emissão isso se tornou viável. A conexão generalizada permite que pessoas geograficamente dispersas (inter)conectem-se através de curtidas e comentários, compartilhar sentidos e experiências. Através da reconfiguração é possível ver as mudanças e interconexões nos meios de comunicação massivos e digitais, a desterritorialização e difusão globalizada dos conteúdos, além do caráter político dos vídeos que se potencializa na rede.

Nesse contexto de reconfiguração nas formas de produção de conteúdo do coletivo Porta dos Fundos, vale destacar a relevância dos Especiais de Natal produzidos pelo coletivo. Inicialmente, esses Especiais eram postados no canal do Porta dos Fundos no YouTube – de 2013 a 2017 – e *a posteriori* – de 2018 em diante – foram produzidos pelo coletivo e disponibilizados em outras plataformas de *streaming*, como a Netflix e, mais recentemente, no ano de 2022, no Paramount+. Destaco aqui o Especial de Natal dos anos de 2018 e 2019, ambos disponibilizados na Netflix, que tiveram repercussão ímpar no cenário político e social

¹² A entrevista completa está disponível no canal do Podpah no YouTube. Disponível em: <<https://bit.ly/4Ou1aWN>>. Acesso em: 14 de outubro de 2022.

brasileiro. O especial de 2018, intitulado “Se beber, não ceie” recebeu o prêmio Emmy Internacional como melhor comédia¹³. Já o especial de Natal do ano de 2019, intitulado “A primeira tentação de Cristo”, foi alvo de inúmeros protestos e críticas, sobretudo por parte de grupos religiosos ligados ao cristianismo, ao mostrar a figura de Jesus em um relacionamento homoafetivo.

Pouco após o lançamento do Especial de Natal de 2019 a sede do Porta dos Fundos, localizada no bairro Humaitá, no Rio de Janeiro, sofreu um ato de terrorismo¹⁴. O ato ocorreu na noite de Natal e foi realizado por 5 homens que tentaram atear fogo na sede da produtora. Um dos sujeitos, Eduardo Fauzi, foi identificado e fugiu para a Rússia, onde foi preso em setembro de 2020 pela Organização Internacional de Polícia Criminal (INTERPOL). O então procurador da República, Fernando Aguiar, assinou a denúncia que indiciou o sujeito por ato de terrorismo. Segundo Aguiar, além da motivação religiosa, o ataque foi motivado por homofobia, tendo em vista que a indignação latente dos sujeitos foi fruto da representação da figura de Jesus como *gay*.

É possível observar nesse episódio a potencialidade da relação *online-offline* e o quanto os vídeos do canal disparam reflexões que interligam os marcadores sociais gênero-sexualidade-religião, colocando em xeque as imposições normativas de gênero. Os vídeos não são “descolados da realidade”, convidando a uma reflexão importante sobre os valores sociais-normativos da matriz heterossexual. Freitas, Couto Junior e Carvalho (2023, p. 51) apontam que “na história do cristianismo a figura masculina sempre teve o papel principal (Deus, Jesus, Abraão, Moisés, Josué, Davi, etc.)”, com a figura masculina sendo representada dentro da suposta coerência entre sexo-gênero-desejo-práticas sociais. Como afirma Butler (2011), os corpos que performatizam o gênero fora dessa linearidade são desconsiderados, tornados abjetos.

O Porta dos Fundos pode ser acessado por meio do site, do YouTube e do aplicativo de mesmo nome (**Figura 2**), demonstrando o quanto o público pode experienciar o conteúdo do canal por meio de uma variedade de dispositivos como *smartphones*, *notebooks*, *desktops* e *smartvs*. No aplicativo é possível acessar os vídeos e séries produzidos pelo canal; criar uma conta de usuário personalizada e uma biblioteca de vídeos; reagir, salvar, comentar e

¹³ A matéria completa está disponível no site do Globo. Disponível em: <<http://glo.bo/3H19AOv>>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

¹⁴ A matéria completa sobre o ato terrorista, incluindo trechos da denúncia feita pelo Procurador da República, Fernando Aguiar, pode ser acessada no site do G1. Disponível em: <<http://glo.bo/445svll>>. Acesso em 20 de outubro de 2022.

compartilhar os vídeos do canal; além de ter acesso a informações sobre o elenco, data de publicação e sinopse dos vídeos, como pode ser observado na **Figura 3**.

Figura 2 – Aba inicial do aplicativo do Porta dos Fundos, versão para iOS.



Fonte: O autor, 2022.

Figura 3 – Tela do vídeo “Nude¹⁵”



Fonte: O autor, 2022.

¹⁵ A expressão “nude” é comumente utilizada para se referir à fotos enviadas pelas redes sociais em que o sujeito aparece nu/seminu.

O consumo, a produção e o compartilhamento de informações a partir do uso de tecnologias digitais móveis é uma importante característica da cibercultura. Os aplicativos instalados em dispositivos móveis possibilitam as mais diversas formas de interações com os conteúdos a partir da mobilidade, independentemente de sua localização geográfica, desde que haja conexão com a internet. O aplicativo do Porta dos Fundos permite que os sujeitos experienciem inúmeras dinâmicas e carreguem as narrativas presentes nos vídeos de forma ubíqua pelos mais diversos locais por onde transitam, aspecto que evidencia a inter-relação entre o ciberespaço e os espaços físicos. Para Santos (2020), o caminhar ubíquo é o ato de caminhar por locais físicos em consonância e conexão com o ciberespaço, (re)significando, produzindo e (co)criando enredos no contexto da cibercultura.

É possível, por meio dos dispositivos móveis conectados em rede, consumir, produzir e propagar diferentes tipos de informações e conteúdo ao passo que as pessoas se deslocam geograficamente, aspecto que não é possível por meio das mídias massivas (Lemos, 2009). A mobilidade torna possível carregar as narrativas, sentidos e experiências produzidas pelo digital em rede por todo o território físico, fazendo do espaço físico e do ciberespaço partes indissociáveis, como foi apresentado na sessão anterior deste capítulo.

A emergência das novas dinâmicas socioculturais mediadas pelo digital em rede através dos dispositivos móveis reconfigurou a forma com que os sujeitos se relacionam entre si e a sua relação com o espaço, seja digital ou físico, tratados aqui de forma indissolúvel. A reconfiguração dessas dinâmicas produz novos sentidos e significados na relação entre sujeitos e espaços (Lemos, 2007). Sendo assim, investigar os sentidos de masculinidade presentes nos vídeos do Porta dos Fundos pode trazer elementos importantes para analisar os regimes de verdade estabelecidos em um espaço-tempo cada vez mais mediado por práticas sociais ciberculturais.

1.4 Mapeando o campo: o que já conhecemos sobre o canal do YouTube Porta dos Fundos?

Realizei um levantamento bibliográfico no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando o descritor de pesquisa “Porta dos Fundos”, com o intuito de conhecer os trabalhos já produzidos até o momento e que fizeram do canal do Porta seu *lócus* investigativo. O recorte temporal utilizado foi de março de 2012 (data de criação do canal) a outubro de 2022 (data em que o levantamento bibliográfico foi realizado).

Foram encontrados 28 resultados, entre dissertações e teses, dos quais 5 foram excluídos por não utilizar o canal do Porta dos Fundos como objeto de pesquisa. O processo de seleção dos trabalhos ocorreu através da leitura dos títulos e, posteriormente, de seus respectivos resumos. Após a análise inicial, 23 trabalhos foram selecionados e sistematizados de acordo com o **Quadro 1**, que apresenta o título da obra, autoria, ano da defesa, tipo de trabalho (dissertação ou tese) e área de concentração.

Quadro 1 – Levantamento bibliográfico de dissertações e teses sobre o Porta dos Fundos.

Título	Autoria	Ano de publicação	Tipo de trabalho	Área de concentração
Porta dos Fundos - uma análise sob a perspectiva de Austin, Searle e Grice	VIEIRA, Fernanda Miranda da Silva	2014	Dissertação	Teoria e análise linguística
A construção sociocultural de marcas por meio do diálogo entre empresas e árbitros culturais: um estudo de caso porta dos fundos	JOSEPH, Renata Erlich	2015	Dissertação	Marketing
Corra! Há uma porta nos fundos: o humor como profanação.	LORENZINI, Stefania Peixer	2015	Dissertação	Sociologia política
O riso bate à porta: o humor de "Porta dos Fundos" e a crítica à religiosidade cristã contemporânea	GUIMARAES, Bruno Menezes de Andrade	2016	Dissertação	Comunicação e sociabilidade contemporânea
Porta dos Fundos: a narrativa web como espaço de diálogos entre mídias, tecnologias, cultura e sociedade	NOGUEIRA, Hellen Ovando da Camara	2016	Dissertação	Imagem e som
Riso e subversão: O cristianismo pela Porta dos Fundos	SILVEIRA, Andre Luiz da	2016	Dissertação	Literaturas
As web esquetes do Porta dos Fundos e a atenção do espectador: análise de elementos de linguagem audiovisual	SOZIGAM, Priscila	2017	Dissertação	Comunicação audiovisual
A TV na internet: a transmidialidade em Porta dos Fundos	PORTELA, Kariline Grubert Bezerra	2017	Dissertação	Mídia e representação social
Iconoclastia digital: Deus, Jesus e Maria pelo Porta dos Fundos	SANTANA, Marcia Elaine Fernandes Pedralino	2017	Dissertação	Comunicação visual
Monty Python e Porta dos Fundos: os processos culturais e o residual no audiovisual contemporâneo	RAMOS, Eutalia Silva	2017	Dissertação	Comunicação e culturas midiáticas
O debate transmidiático do Porta dos Fundos: humor e polêmica nas redes digitais	CABRAL, Fernanda Alves Ramos	2017	Dissertação	Interações midiáticas
O fenômeno youtuber como construtor da opinião pública: estudo de caso Porta dos Fundos	MORELLI, Bianca Teixeira	2017	Dissertação	Ambientes midiáticos e tecnológicos
O Processo de (re) Construção de Objetos de Discurso em Esquetes do Coletivo Criativo "Porta dos Fundos"	LIMA, Dean Guilherme Gonçalves	2017	Dissertação	Teorias e análises linguísticas

Porta dos Fundos: humor e política nas webséries brasileiras	LIMA, Patricia Cristina de	2017	Dissertação	Comunicação e cultura midiática
Youtube e a Qualidade em Canais de Humor: o caso do Porta dos Fundos	CAMPOS, Raiza Silva	2017	Dissertação	Comunicação e sociedade
Humor, Publicidade e Representação: A Mulher no Canal Porta dos Fundos	MELO, Renata Gomes de	2018	Dissertação	Comunicação e cultura midiática
Um olhar pela Porta dos Fundos: apontamentos sobre o humor político audiovisual no Youtube	HOFF, Rafael Sbeghen	2018	Tese	Comunicação e informação
Transmidialidade e humor: um estudo semiótico do Porta dos Fundos	SANTOS, Alexandra Robaina dos	2019	Tese	Linguística
O risível em Porta dos Fundos: a carnavalização do discurso religioso judaico-cristão	LIMA, Marilia Dalva Teixeira de	2019	Tese	Linguística e práticas sociais
Porta dos Fundos como fenômeno de comunicação: Uma abordagem pela Teoria Ator-Rede	AGUIAR JUNIOR, Paulo Roberto Figueiredo	2020	Dissertação	Discursos midiáticos e práticas sociais
Porta dos Fundos: um estudo ecológico-cognitivo do humor à beira do caos	GADELHA, Ana Paula da Motta Botelho	2020	Dissertação	Estudos em linguística teórica e descritiva
Referenciação e argumentação: uma análise dos esquetes do Porta dos Fundos sobre o racismo	NASCIMENTO, Anderson Jorge Pinheiro do	2020	Dissertação	Estudos linguísticos
Em tudo achai graça? Uma análise dialógica da construção de sentidos do discurso carnavalizado na recepção de vídeos sobre a vida de Jesus no canal porta dos fundos	GONÇALVES, Laryssa Erika Queiroz	2021	Tese	Linguagem e interação

Fonte: O autor, 2022.

Dos 23 trabalhos selecionados, 19 foram dissertações de mestrado e 4 foram teses de doutorado, defendidos entre os anos de 2014 e 2021. O levantamento bibliográfico mostra que os vídeos e canal do Porta dos Fundos já vêm sendo objeto de pesquisas nos trabalhos de pós-graduação *stricto sensu*, sobretudo no campo da Comunicação (11), devido à grande relevância social e alcance desses vídeos como um fenômeno cultural, e, também, no campo das Letras (4), Linguística (4), Sociologia (1), Comunicação Visual (1), Administração (1) e Engenharia/Tecnologia/Gestão (1), em menor escala.

Neste levantamento bibliográfico não foram encontrados trabalhos sobre o Porta dos Fundos na área da Educação. Aponto aqui a importância do YouTube como artefato cultural de nossa época e sua relevância na constituição dos sentidos das masculinidade na cibercultura, justificando assim investigações sobre as formas de aprender-ensinar nessa rede social e, mais precisamente, no canal humorístico do Porta dos Fundos, pois como afirma Oliveira e Paraiso (2012, p. 161) é “preciso irrigar a pesquisa em educação com virtualidades desconhecidas, para

que o já conhecido não vire uma camisa de força, para criar muitos modos de pesquisar em educação, os mais diversos, variados, desconectados e até disparatados.”.

Embora as discussões sobre gênero e sexualidade tenham atravessado alguns desses trabalhos, sobretudo os que discutiram aspectos relacionados ao cristianismo, o único trabalho que apresentou questões de gênero como temática central foi a dissertação da pesquisadora Renata Gomes de Melo (2018). Fruto do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista, o trabalho da autora buscou investigar as representações da mulher contemporânea nas estratégias discursivas do canal do YouTube Porta dos Fundos, em vídeos postados durante o ano de 2015. O método utilizado foi a análise de conteúdo. Dentre os achados da pesquisa, a autora destaca a representação estereotipada das mulheres e a reiteração dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres na sociedade (Melo, 2018).

Melo (2018) chama a atenção para o fato da maioria do corpo de atuação do Porta dos Fundos ser composta por homens. De igual modo, a autora constatou que a maioria dos vídeos publicados em 2015, que tiveram representações da mulher contemporânea como temática, foi roteirizada por homens. Apenas dois desses vídeos tiveram a participação de uma mulher na produção do roteiro. Diante disso, a autora argumenta que as representações das mulheres nesses vídeos foram realizadas sob uma ótica masculina. Esses roteiros reforçaram determinados estereótipos machistas referentes às mulheres em nossa sociedade, que foram representadas como: paranoicas, consumistas, interesseiras, responsáveis pelas tarefas domésticas, subservientes, dentre outras formas de representação machistas.

As problematizações propostas por Melo (2018) auxiliaram na tecitura da minha dissertação à medida que tensionaram a minha relação com o Porta dos Fundos. Ao escolher o canal como objeto de pesquisa, minhas preconcepções a respeito do Porta dos Fundos eram de um canal progressista que promove importantes críticas sociais por meio do humor. Embora isso não tenha mudado, o trabalho da autora foi importante para que eu colocasse um olhar atento sobre algumas representações masculinistas do canal. As problematizações acerca das representações estereotipadas das mulheres, e a forma com que essas representações são mobilizadas nos vídeos para fazer publicidade, me auxiliaram a confrontar a visão romantizada que eu tinha sobre o canal ao início dessa dissertação.

2 PRINCIPAIS CONCEITOS QUE BALIZAM O ESTUDO

2.1 Aproximações com o pós-estruturalismo e questões da pesquisa

“Ter sempre em mente que a forma como se escreve (ou se fala) está articulada, intimamente, à forma como se pensa e se conhece.”

Guacira Lopes Louro (2007, p. 236)

Ao encontro desta citação de Guacira Lopes Louro, acredito que a forma com a qual escrevemos, falamos, pesquisamos e nos posicionamos está intimamente ligada às nossas concepções de mundo. Parto do pressuposto de que pesquisar é, antes de tudo, um ato político. Dito isto, me aproximo das teorias pós-críticas, sobretudo o pós-estruturalismo, ao problematizar as relações de poder e os regimes de verdade constituídos em nosso espaço-tempo, com olhar atento para a construção de sentidos por meio da linguagem.

As abordagens teóricas nas quais me debruço buscam desestabilizar as noções de verdade absoluta, identidade e sujeito que foram tradicionalmente construídas. Para isso, a perspectiva pós-estruturalista traz a linguagem para o cerne do debate, com o intuito de problematizar as relações de poder estabelecidas em determinados momentos históricos e descrever a forma com que as concepções de verdade foram constituídas e enraizadas nesses recortes sociais (Meyer, 2014).

Foucault (2021) entende os regimes de verdade como os discursos, atravessados pelas relações de poder, tidos como verdadeiros em determinados espaços-tempo. Esses discursos são legitimados por mecanismos e instâncias sociais que sancionam as obrigações dos sujeitos na produção dos discursos que são considerados verdadeiros. A respeito dos jogos de verdade que estão em constante disputa em nosso espaço-tempo, Pocahy (2012, p. 368) os entende como:

a relação que os sujeitos podem estabelecer consigo mesmos, através de certo número de técnicas e regras – os jogos de verdade – que os constituem como um sujeito (inteligível/reconhecível). Uma problematização sobre os jogos de verdade corresponderia, portanto, e nos termos de Foucault, a uma forma de compreensão sobre as condições às quais ‘os sujeitos’ estão submetidos, isto é, qual estatuto se assume, qual posição se pode/deve ocupar, no real ou no imaginário, para tornar-se ‘sujeito’ legítimo de tal ou qual (re)conhecimento.

Dito disso, torna-se necessário analisar os discursos e saberes invisibilizados, marginalizados e deslegitimados pela norma, correlacionando-os com os saberes tidos como verdadeiros para entender as relações de poder existentes nos diferentes espaços-tempos. A partir da análise dessas relações é possível apontar as fragilidades e instabilidades nas normas sociais, permitindo assim a subversão destas. Descrever de forma minuciosa os discursos presentes nos múltiplos artefatos culturais permitem analisar as relações de poder existentes, apontar fragilidades e pontos de rupturas que permitem a ressignificação desses discursos (Paraíso, 2014).

Em *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*, Michel Foucault faz uma extensa abordagem sobre o poder e como ele se estrutura na sociedade para regular os discursos sobre o sexo. Foucault (2022, p. 100-101) entende o poder como:

a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens e contradições que se isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemônias sociais.

Para Foucault (2022), o poder não é inerente à uma pessoa ou instituição, não atua de forma unilateral e estática, mas é fruto de correlações de forças heterogêneas que atuam de forma múltipla e assimétrica. As relações de poder são constituintes das relações humanas e atravessam as mais diversas instâncias sociais, produzindo saberes e normatizações, mas também agência e resistência.

Pesquisar na perspectiva pós-estruturalista é entender essa provisoriedade, a imprevisibilidade, a transitoriedade das relações de poder em nossa sociedade (Louro, 2007). Não pretendo com este trabalho esgotar as discussões acerca dos sentidos de masculinidade em nosso espaço-tempo. Ao contrário, pretendo ser um aliado no processo de estímulo às reflexões sobre essa temática, propor (auto)questionamentos e possibilidades de desestabilização e resistência às heteronormas. Louro (2007) salienta que o ato de provocar reflexões ao/à leitor/a através de sua escrita, de levantar questionamentos, de não ratificar fatos e verdades absolutas, pode ser um importante aliado na busca pela desestabilização das normas e convenções, sejam elas sociais ou no campo do conhecimento científico.

Parto desses pressupostos teórico-metodológicos para investigar os sentidos das masculinidades nos vídeos do Porta dos Fundos. Recorro novamente à Paraíso (2014) para afirmar que as normas de gênero são constantemente reiteradas e reguladas nos mais diversos

contextos sociais, tornando-se imprescindível a análise de como essas normas são representadas e significadas. Os sujeitos só se tornam culturalmente inteligíveis ao se enquadrarem nos padrões normativos de gênero (Butler, 2003, 2010; Preciado, 2022). Para Butler (2010), a matriz regulatória de gênero na qual os sujeitos são produzidos se mantém por meio da produção simultânea de tudo aquilo que é considerado abjeto: seres, performatizações de gênero, identificações e práticas sexuais que escapam às normas regulatórias de gênero e formam a base do ininteligível social. A partir dessas zonas de abjeção e de exclusão, o domínio do sujeito, do inteligível, é circunscrito, e as construções de gênero se dão por meio do afastamento e exclusão de tudo aquilo que é considerado abjeto.

A inteligibilidade social dos sujeitos decorre de seu enquadramento dentro da linearidade e suposta coerência existente entre sexo-gênero-desejo. Para que a matriz heterossexual em que o sistema sexo-gênero se constitui se mantenha estável, é necessário que as identificações de gênero e práticas sexuais dos sujeitos decorram de seu sexo biológico nessa ótica linear e binária (homem-masculino-heterossexual/mulher-feminino-heterossexual), tornando abjetos os sujeitos que transitam fora dessa linearidade (Butler, 2003). As práticas regulatórias desse sistema de sexo-gênero são denominadas como heteronormatividade e ocupam espaço privilegiado neste trabalho.

Para Miskolci (2009), a heteronormatividade é um dispositivo histórico que parte do pressuposto de que a heterossexualidade é compulsória e busca regular os processos sociais, de forma com que todos os sujeitos organizem suas vidas por meio de uma matriz heterossexual de sociedade. Essa matriz se mantém por meio de processos de regulação e controle que acometem a vida de todos os sujeitos, desde os sujeitos legitimados pela norma até os sujeitos que não mantêm relacionamentos heterossexuais.

Preciado (2022) afirma que a construção do corpo generificado e sexualizado é parte de um aparato tecnológico social amplo que tem a heterossexualidade como norma. Nesse complexo sistema, a completude da sexualidade dos corpos é reduzida aos órgãos reprodutores e o pênis assume papel central no processo de diferenciação sexual que, arbitrariamente, atribui masculinidades, feminilidades, papéis sociais e desejos erotizados aos corpos. A heterossexualidade, assim, se mantém como norma através da reinserção de determinados códigos nos corpos e através da repetição desses códigos.

Esse complexo sistema de manutenção das heteronormas exige a repetição de códigos que ratifiquem a matriz heterossexual e, da mesma forma, exige o combate e a extinção dos desvios para que esses códigos se naturalizem (Preciado, 2022). São as instabilidades existentes nas normas que possibilitam a reiteração das performatizações de gênero em novos contextos e

a desestabilização dessas leis regulatórias (Butler, 2010). É necessário identificar e ressaltar os desvios e derivações dessas normas, subverter os códigos e a forma como são enunciados, para desestabilizar o sistema heterocentrado (Preciado, 2022).

Butler (2003) ressalta as fragilidades e instabilidades presentes nas heteronormas. Para a autora, as normas de gênero estabelecem padrões normativos de masculinidades e feminilidades que são inatingíveis:

Nesse sentido, a heterossexualidade apresenta posições sexuais normativas que são intrinsecamente impossíveis de incorporar, e a impossibilidade persistente do identificar-se plenamente e sem incoerências com essas posições a revela não só como lei compulsória, mas como comédia inevitável. Aliás, eu ofereceria essa visão da heterossexualidade como um sistema compulsório e uma comédia intrínseca, paródia constante de si mesma, como uma perspectiva gay/lésbica alternativa (Butler, 2003, p. 176).

São nas instabilidades e fragilidades localizadas no interior das heteronormas que as práticas discursivas subversivas surgem como uma potente forma de desestabilização da matriz heterossexual e de (re)significação das práticas de gênero. Para Butler (2003, p. 198-199), o gênero é performativo, é “um estilo *corporal*, um ‘ato’, por assim dizer, que tanto é intencional como *performativo*, onde ‘*performativo*’ sugere uma construção dramática e contingente do sentido”. Ainda segundo a autora, o potencial de transformação dos gêneros está justamente na identificação dos padrões arbitrários de repetição e na (re)significação dos sentidos mobilizados. A teorização de Butler (2003) a respeito da performatividade de gênero será aprofundada na última seção desse capítulo.

Em seu clássico texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, Scott (1995, p. 82) discute a necessidade de investigar e buscar compreender os sistemas de significação de gênero, pois é a partir signos que as normas se estabelecem:

Penso que não podemos fazer isso sem conceder uma certa atenção aos sistemas de significado, quer dizer, aos modos pelos quais as sociedades representam o gênero, servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência. Sem significado, não há experiência; sem processo de significação, não há significado (Scott, 1995, p. 82).

Sendo assim, investigar as formas com que os sentidos das masculinidades são (re)significados na cibercultura pode ser um importante aliado no combate às heteronormas. Diante do meu foco de pesquisa, que é *investigar a construção de códigos e sentidos das masculinidades presentes em vídeos do canal Porta dos Fundos*, destaco a seguir as questões que vêm me auxiliando a tecer as reflexões da dissertação:

- Como as heteronormas são reforçadas/desestabilizadas por meio das representações de masculinidade nesses vídeos?
- Como os sentidos de masculinidade presentes nos vídeos podem auxiliar na subversão dos padrões normativos de masculinidade?
- Quais efeitos performativos são criados nas enunciações sobre as masculinidades presentes nos vídeos?
- Como o trabalho de campo pode fornecer contribuições para pensar uma educação que reconheça a pluralidade das masculinidades?

Nas próximas seções desse capítulo, apresento os principais conceitos que vêm subsidiando teoricamente essa dissertação, a saber: a) o conceito de gênero e seu impacto na sociedade; b) a inserção dos estudos sobre as masculinidades dentro dos estudos de gênero; c) a conceituação de masculinidade hegemônica – devido a sua grande relevância e alcance, principalmente em pesquisas sobre masculinidades produzidas no Brasil –, além das escolhas teóricas que me fizeram optar por outro caminho conceitual no trabalho; e, por fim, d) as masculinidades pensadas a partir da performatividade de gênero. Destaco ainda que, assim como a heteronormatividade, que foi discutida nesse tópico, a cibercultura, apresentada no capítulo anterior, também é um conceito central no trabalho.

2.2 Da denúncia à contrassexualidade: alguns caminhos teóricos percorridos pelos estudos de gênero

A construção teórica do conceito de gênero surge atrelada ao movimento feminista, ao final da década de 1960, quando acadêmicas e militantes feministas trazem os debates sobre as lutas das mulheres, que estão em efervescência na sociedade, para dentro das universidades. Os primeiros estudos que surgiram na época tinham como principal objetivo dar visibilidade as opressões sofridas pelas mulheres, além de apontar as segregações sociais e políticas que, historicamente, acometeram a vida das mulheres e outrora foram invisibilizadas (Louro, 1997).

Apesar de tensionar a universalidade da categoria mulher e os limites discursivos da política de identidade que era reforçada nesses trabalhos, Butler (2003) ressalta a importância desses estudos iniciais que tinham como objetivo buscar uma linguagem que fosse capaz de representar as mulheres, tendo em vista a necessidade da época, devido as condições de submissão e invisibilidade as quais elas foram submetidas.

Louro (1997) aponta que esses primeiros estudos tinham um caráter descritivo e de denúncia. O foco principal destes trabalhos era descrever e problematizar as formas com que as mulheres ocupavam o mercado de trabalho, a divisão do trabalho doméstico, as condições de vida e inserções das mulheres nas mais diferentes esferas da vida social e política, e denunciar a ausência das mulheres em determinados espaços, como as ciências, as artes, dentre outros espaços públicos. A autora destaca a importância desses primeiros estudos ao dar visibilidade às mulheres, levantar informações, criar dados e dar voz aos sujeitos que foram silenciados e invisibilizados durante grande parte da história.

A historiadora estadunidense Joan Scott (1995), faz uma análise histórica do uso do termo gênero nas pesquisas acadêmicas, no âmbito social e político, além de suas aproximações com o movimento feminista. Para a autora, o gênero foi utilizado, historicamente, de forma errônea: como um substituto do sexo, como sinônimo ou forma de se referir as mulheres em pesquisas acadêmicas, para se referir aos traços sexuais atribuídos a homens e mulheres, e para se referir aos binarismos masculino/feminino e homem/mulher. Tais usos do gênero perduraram até as décadas de 1970/1980, quando houve um movimento de teorização analítica do termo, originado por militantes e teóricas feministas anglo-saxãs (Scott, 1995).

A partir deste movimento o gênero passa a ser entendido como uma categoria analítica que rejeita os determinismos biológicos e os binarismos do sistema sexo-gênero, compreendendo o gênero a partir das relações sociais constituídas a partir da diferença percebida entre os sexos. Outro aspecto importante nesse contexto é a percepção do gênero a partir do caráter relacional entre homens e mulheres. Nessa concepção, “as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado” (Scott, 1995, p. 92). Destaco aqui a importância da concepção relacional do gênero para a inserção dos estudos sobre as masculinidades nos estudos de gênero, fato que irei abordar com maior profundidade na próxima seção deste capítulo.

Após percorrer esse caminho histórico, Scott (1995, p. 86) apresenta sua definição de gênero em duas partes distintas e interrelacionadas. Para a autora, “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Butler (2003) destaca a importância da concepção de gênero como constructos sociais. A ideia de que o gênero é culturalmente construído rompe com qualquer suposta causalidade existente entre sexo e gênero. Se o gênero são significações culturais atribuídas a corpos sexuais, qualquer decorrência lógica que tente estabelecer uma ideia de causalidade entre esses termos torna-se

equivocada. A consequência disso, mesmo dentro de uma ótica binária de sexo (que também será problematizada pela autora), é que homem, mulher, masculino e feminino, podem significar quaisquer corpos, sejam eles masculinos ou femininos. Além disso, tal concepção possibilita romper com o sistema binário e ampliar as possibilidades discursivas do gênero.

Butler (2011) entende o gênero como uma identidade instável, fluida, constituída no tempo e instituída por meio da repetição de modos de estilização corporal e atos performativos. Não existe uma essência masculina ou feminina, uma identidade fixa correlata ao sexo. O gênero se constitui de forma performativa, no sentido em que a performatização contínua dos sujeitos constitui a noção de gênero ao longo dos anos:

Se os gêneros são instituídos por atos descontínuos, essa ilusão de essência não é nada mais além de uma ilusão, uma identidade construída, uma performance em que as pessoas comuns, incluindo os próprios atores sociais que as executam, passam a acreditar e performar um modelo de crenças (Butler, 2011, p. 214).

Para Butler (2011, p. 214), é na instabilidade das heteronormas, na descontinuidade da repetição desses atos estilizados que está a possibilidade de subversão do gênero. Para ela, “as possibilidades de transformação dos gêneros estão na relação arbitrária desses atos, na possibilidade de um padrão diferente de repetição, na quebra ou subversão da repetição do estilo mobilizado”.

Embora não utilize o termo “interseccionalidade”, ao seguir em sua problematização sobre gênero, Butler articula gênero e sexualidade de forma interseccional, além de outros marcadores sociais na produção de diferentes relações de poder entre os sujeitos. Para Butler (2003), se o sujeito se identifica com o gênero feminino, certamente isso não é tudo que essa pessoa é. Rodrigues e Lobato (2020) argumentam que é impossível conceber o gênero sem levar em consideração suas interseccionalidades com outros demarcadores de diferença, que produzem discursivamente as identificações dos sujeitos e constituem as relações de poder nas esferas sociais, políticas e culturais nas quais esses sujeitos estão inseridos. Ao questionar a mulher como sujeito universal do feminismo, Butler faz um importante movimento em prol de um feminismo interseccional, capaz de abranger os distintos marcadores diferença em uma análise interseccional dos sujeitos (Rodrigues; Lobato, 2020).

Entende-se aqui a interseccionalidade não como a soma ou a integração entre dois ou mais demarcadores de diferença, mas sim como a forma rizomática com a qual os sistemas de opressão atuam a partir dos diferentes arranjos sociais, rejeitando qualquer tipo de hierarquização entre eles (Pocahy, 2011). Henning (2015) argumenta que os debates analíticos

sobre a interseccionalidade são tidos por muitos autores/as como a maior contribuição recente dos estudos feministas, apontando para a potencialidade existente na análise interseccional dos marcadores sociais de diferença.

Ao traçar um percurso cartográfico sobre a interseccionalidade como uma prática-conceito feminista, Pochay (2011) afirma que o debate analítico sobre interseccionalidade surge atrelado às demandas sociais do movimento de mulheres negras nos Estados Unidos. Esse movimento tensionou o campo de estudo do feminismo ao questionar a representação universal da mulher dentro das reivindicações feministas da época: representadas até então, majoritariamente, por um feminismo branco e liberal. Nesse contexto, a interseccionalidade surge como uma prática-conceito feminista, a princípio com caráter de denúncia, com o intuito de interseccionar os marcadores de diferença e colocar em pauta as diferentes relações de poder e sistemas de opressão existentes dentro da luta das mulheres.

Ao resgatar o contexto social e histórico em que a interseccionalidade foi cunhada, Henning (2015) afirma que o termo “interseccionalidade” foi utilizado pela primeira vez em 1989, pela teórica feminista Kimberlé Crenshaw. Contudo, antes do termo ser cunhado, já existiam inúmeras reivindicações e lutas, sobretudo do movimento feminista negro, que buscavam problematizar e compreender as formas distintas com que as diferenciações sociais produzem desigualdades quando estão sobrepostas. Muitas dessas reivindicações aconteceram fora do meio acadêmico, como no exemplo do movimento abolicionista das mulheres nos Estados Unidos. Para Sirma Bilge (2018), o pensamento interseccional surge com a necessidade de mulheres negras em combater o racismo presente no interior do feminismo liberal branco, tendo como base a produção de conhecimento transformador e a luta contra as múltiplas formas de opressão em nossa sociedade.

De acordo com Kimberlé Crenshaw (2002), por muitos anos o modelo universal dos direitos humanos se remeteu apenas aos direitos dos homens, excluindo assim as demandas específicas das mulheres das declarações dos direitos humanos. Com o passar dos anos, essa concepção foi mudando, fruto de muito ativismo político e resistência, e as perspectivas de gênero foram incorporadas aos debates, conferências e declarações sobre os direitos humanos, entendendo que as experiências e privações de direitos básicos vividas pelas mulheres são diferentes das vividas pelos homens. Concomitante, os debates contra o racismo também avançaram nesse âmbito, expandindo assim a garantia dos direitos humanos também para as questões raciais. Contudo, quando a discriminação de gênero e a discriminação racial são consideradas de forma isolada, nega-se uma série de demandas específicas de sujeitos que enfrentam esses e outros tipos de discriminação de forma correlata, tendo em vista que as

questões raciais e de gênero, frequentemente, se intersectam. Dessa forma, surge a necessidade de abordar de forma interseccional as múltiplas formas de opressão vivenciadas pelos sujeitos.

A autora continua sua problematização e argumenta que para garantir o acesso aos direitos humanos para todos os sujeitos, é necessário analisar de forma interseccional os múltiplos marcadores sociais de diferença que atravessam a vida desses sujeitos, como raça, etnia, gênero, religião, classe, idade, orientação sexual e deficiência. A presença de distintos marcadores sociais de diferença, quando sobrepostos, gera formas particulares de vulnerabilidade na vida dos sujeitos. Sendo assim, o grande desafio da interseccionalidade é pensar a diferença existente dentro da própria diferença (Crenshaw, 2002).

Em artigo intitulado *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, publicado na Revista Ciências Sociais Hoje, Lélia Gonzales (1984) ressaltou a necessidade histórica de ampliar as reflexões a respeito da mulher negra para além dos marcadores raciais e incluir os demarcadores sociais de diferença como classe, sexo e gênero nas análises. Para a autora, as articulações entre racismo e sexismo na sociedade brasileira produzem efeitos violentos, sobretudo, sobre as mulheres negras. Essas articulações objetificam sexualmente as mulheres negras em nossa sociedade e não lhes confere o estatuto de humano.

A autora segue com sua argumentação e questiona o modelo das ciências sociais vigente à época que enfatizava apenas as questões raciais ao se referir às mulheres negras:

O fato é que, enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar nessa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva sócio-econômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar (Gonzales, 1984, p. 225).

Para Bilge (2020), a interseccionalidade pode ser entendida como uma teoria transdisciplinar que busca entender a complexidade no interior das múltiplas formas de opressão as quais os sujeitos estão submetidos por meio da integração das categorias de sexo, gênero, orientação sexual, raça, etnia, classe social, dentre outros marcadores sociais. A análise interseccional rejeita a hierarquização das múltiplas formas de opressão e as entende não como aditivas, mas como múltiplas dinâmicas sociais que ao se entrecruzarem produzem formas particulares de significação e organização social. Em outro artigo, Bilge (2018) aborda a interseccionalidade como uma teoria e uma práxis, como uma forma de geração de conhecimento, debate, ativismo político e coalizões em forma de resistência contra às práticas opressivas dominantes.

Em *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*, Mara Viveros Vigoya (2018) discute sobre a importância de abordar as experiências de gênero dos sujeitos por meio da interseccionalidade, para entendermos as complexas e distintas formas com que as relações de poder na América Latina são atravessadas pelos múltiplos marcadores sociais de diferença. A partir dessa perspectiva é possível pensar na complexidade com que as diferentes formas de habitar o gênero, raça, classe, nacionalidade e idade, apenas para citar alguns marcadores, se intersectam e produzem condições distintas de vivência para os sujeitos (Viveros Vigoya, 2018).

Para Lugones (2014), a interseccionalidade é primordial para apontar as fragilidades e observar as potencialidades de resistência no interior do sistema de gênero categorial, homogêneo e dicotômico. Nesse modelo, marcadores como raça, gênero e classe são entendidos como polos homogêneos, separáveis e dualistas, em que há de forma muito bem definida a dominância de um dos termos dessa relação. Quando se fala em homens, fala-se em homens brancos. Quando se fala em mulheres, fala-se em mulheres brancas. Quando se fala em negros, fala-se em homens negros. Nesse sentido, a presença que seria observada pela interseccionalidade entre mulher e negro, não existe. A mulher negra se torna uma categoria vazia pela ótica da modernidade¹⁶, pois se encontra na ausência do polo dominante tanto de sexo/gênero quanto de raça.

Se considerarmos o marcador social de classe nessa mesma perspectiva, a ausência existente na interseccionalidade da mulher negra e pobre escancara as fragilidades dessa ótica que visa a pureza categorial. Contudo, além das fragilidades encontradas nessa ausência da ótica categorial, é possível apostar na potencialidade das presenças que são invisibilizadas pela norma como forma de resistência (Lugones, 2014).

A interseccionalidade coloca em pauta a multiplicidade de subjetividades existente dentro dos diferentes marcadores sociais de diferença a partir de suas articulações e dos efeitos discursivos desses arranjos nas formas de dominação e construção de relações de poder na sociedade (Pocahy, 2011). Por meio dela é possível problematizar os diferentes sistemas de opressão a partir de suas múltiplas articulações e de seus efeitos discursivos na produção de subjetividades dos sujeitos, gerando inúmeras potencialidades para os estudos e debates sobre

¹⁶ Lugones (2014) entende a modernidade como o período histórico entre o início da colonização das Américas até os dias atuais. Para a autora, a modernidade pode ser dividida em dois momentos: 1) a primeira modernidade ou modernidade colonial, que corresponde ao período entre o início da colonização das Américas até a Revolução Industrial; e 2) segunda modernidade ou modernidade capitalista, período esse datado do início da Revolução Industrial até o presente momento.

gênero e sexualidade (Pocahy, 2011). Louro (1997) ressalta que é impossível conceber os múltiplos aspectos constituintes das identidades dos sujeitos a partir de um somatório, como se fossem divididos em camadas. É necessário analisar as conjunturas com as quais esses demarcadores se articulam em cada sujeito e como esses arranjos estabelecem diferentes relações de poder em cada contexto.

Henning (2015) argumenta que a análise interseccional ressalta as desigualdades existentes em determinados arranjos sociais, mas também produzem espaços de agenciamentos dos sujeitos, que o autor denomina como “agência interseccional”. Para Henning (2015, p. 117), a agência interseccional são os “espaços de ação calcados em marcadores sociais da diferença e que se dão em resposta aos cenários potenciais de desigualdades com as quais os sujeitos se confrontam”. Nesse sentido, é necessário observar os marcadores interseccionais como espaços que produzem desigualdade social, mas também produzem formas de luta, resistência e desconstrução dessas desigualdades.

Nesse sentido, a interseccionalidade oferece importantes elementos para pensar os processos de subjetivação e seus agenciamentos no estabelecimento de regimes de verdade em nossa sociedade (Pocahy, 2011). Para Prado Filho e Martins (2007, p. 17), “a subjetividade é resultado e efeito das relações de saber/poder e remete a sujeitos diversos que não o sujeito universal da razão, da cognição, ou da consciência, nem sujeito autônomo, livre, ator ou agente”. Afinal, como afirma Butler (2011), os corpos são submetidos a um regime heterossexual de sociedade que cerceia a liberdade dos indivíduos por meio de discursos normativos, sentidos hegemônicos de masculinidade e feminilidade; conseqüentemente, os sujeitos que escapam das normas impostas por essa matriz heterossexual são deslegitimados e marginalizados.

Com o avanço dos debates sobre gênero dentro do movimento feminista foi possível pensar esse constructo por meio da multiplicidade dos gêneros. Ao entender a construção cultural do gênero por meio de seu caráter discursivo e da produção de subjetividades, entende-se também que masculinidade e feminilidade são produções sociais de caráter plural. A partir desta perspectiva é possível romper com a suposta linearidade existente entre sexo-gênero, permitir a produção de masculinidades e feminilidades alternativas, e entender essas produções para além dos binômios masculinidade-homem/feminilidade-mulher (Pocahy, 2011).

Louro (1997) destaca que entender o gênero a partir da perspectiva pós-estruturalista requer romper com os binarismos do sistema sexo-gênero. As concepções dualistas de sexo e gênero abordam homens e mulheres, masculino e feminino, de forma simplista, singular, como

dois polos unos, isolados e antagonistas. Ao romper com esses paradigmas, abrem-se as possibilidades para entender as masculinidades e feminilidades a partir de suas pluralidades.

Por fim, destaco ainda as contribuições de Paul Beatriz Preciado em sua obra *O Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Nela, Preciado (2022) tece uma série de reflexões e problematizações sobre o regime heteronormativo vigente e aposta na contrassexualidade como uma forma para expor os limites e contingências de um sistema que limita, enquadra e qualifica os sujeitos a partir dessa suposta ordem natural e biológica das práticas sexuais, de sexo e gênero. Para Preciado (2022, p. 40) “o gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico”.

Preciado se apropria da noção de performatividade trazida por Judith Butler e elabora uma série de críticas sobre o modelo heteronormativo. A contrassexualidade, nesse contexto, torna-se uma crítica a esse sistema, reconhecendo os corpos não como masculinos e femininos, mas como corpos falantes e equivalentes, capazes de produzir, discursivamente, significações e enunciados diversos. Ademais, a contrassexualidade vai pensar a organização social para além dos binarismos de sexo-gênero-sexualidade, criticando ainda uma perspectiva identitária que “a história determinou como masculinas, femininas ou perversas” (Preciado, 2022, p. 21). Ainda segundo o autor:

O nome contrassexualidade provém indiretamente de Michel Foucault, para quem a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades liberais não é a luta contra a proibição (coma aquela proposta pelos movimentos de liberação sexual antirrepressivos dos anos setenta), e sim a contraproductividade, isto é, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna. As práticas contrassexuais que aqui serão propostas devem ser compreendidas como tecnologias de resistência, dito de outra maneira, como formas de contradisciplina sexual (Preciado, 2022, p. 22).

Todas essas contribuições teóricas trouxeram avanços significativos para o campo dos estudos de gênero e sexualidade, principalmente por pensar o gênero a partir de seu aspecto social, relacional, interseccional e entender o caráter fluido do gênero. Dessa forma, é possível pensar as masculinidades para além dos binarismos do sistema sexo-gênero e compreender as múltiplas possibilidades existentes a partir das variadas performatizações de gênero. Na próxima seção, irei explorar a entrada dos estudos sobre as masculinidades nos estudos de gênero e sexualidade.

2.3 Gênero e seu aspecto relacional: a porta de entrada da masculinidade nos estudos de gênero

As discussões teóricas sobre o tema da masculinidade são recentes em nossa sociedade. Para entender como esses estudos surgiram e ganharam um caráter epistemológico é necessário entender o processo de teorização analítica do gênero e o contexto social no qual ele foi desenvolvido. Cecchetto (2004) aponta que o tema da masculinidade sob uma ótica que rompe com os paradigmas biologizantes e essencialistas é recente no campo das ciências sociais. Até meados de 1970, parecia unânime a concepção de que há uma diferença natural entre homens e mulheres, capaz de justificar a atribuição de papéis sexuais distintos aos sujeitos (Cecchetto, 2004). Entretanto, a partir do final da década de 1960, o gênero começou a ser teorizado a partir das construções sociais percebidas entre homens e mulheres na sociedade e, atrelado a isto, os determinismos biológicos que, historicamente, foram utilizados para legitimar a atribuição de papéis sexuais aos sujeitos, começaram a ser questionados e desnaturalizados (Scott, 1995).

A partir desta recente concepção de gênero, que ganhou força na década de 1970, a masculinidade, que até então parecia algo evidente e natural, passou a ser questionada e problematizada a partir de seu aspecto social. Nesse contexto, os estudos das teóricas feministas ganham força acadêmica, atrelados ao contexto de efervescência social da época, colocando em pauta o androcentrismo vigente na sociedade, a naturalização dos papéis sexuais, e as teorias reprodutivas que buscavam estabelecer uma relação de causalidade entre o gênero e a sexualidade para justificar e naturalizar a subordinação das mulheres (Cecchetto, 2004).

Louro (1997) destaca o caráter relacional do conceito de gênero ao afirmar que é no âmbito social que as relações de gênero se constituem. Dessa forma, mesmo com os estudos de gênero mantendo a ênfase nas reivindicações das mulheres, tornou-se necessário se referir também aos homens, pois é a partir das relações sociais entre homens e mulheres que as noções de masculino e feminino são construídas. Foi a partir desta lacuna que os estudos sobre os homens adentraram nos estudos de gênero.

Scott (1995) ressalta a importância do caráter social e relacional do gênero. A autora afirma que a partir desta perspectiva, estudar as mulheres de forma isolada auxilia na perpetuação dos binarismos do sistema sexo-gênero. De acordo com ela:

estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Além disso, o termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina,

nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres (Scott, 1995, p. 75).

É a partir deste contexto que os estudos sobre as masculinidades começam a se desenvolver e são inseridos nos estudos de gênero. Para Cecchetto (2004), embora já existissem estudos voltados para a masculinidade na década de 1970, é a partir da década de 1980, principalmente nos Estados Unidos e nos países anglo-saxões, que os estudos sobre os homens, os *men's studies*, ganharam notoriedade. A autora traz como um dos destaques dessa tendência acadêmica a incorporação de diferentes disciplinas aos estudos sobre a masculinidade, conferindo um caráter interdisciplinar a esses estudos a partir das contribuições de historiadores, médicos, filósofos e pesquisadoras/es de outras áreas de conhecimento.

Outro fator importante a ser considerado na emergência dos estudos sobre a masculinidade é a chamada crise da masculinidade, originada a partir das transformações sociais e políticas que ocorreram ao longo do século XX. Nesse contexto de reconfigurações sociais e políticas houve inúmeras desestabilizações relacionadas ao acesso e local ocupado por homens brancos na sociedade, seja no mercado de trabalho ou no campo político. Tal fato, associado a efervescência das reivindicações dos movimentos feministas e *gays* no decorrer das décadas de 1960 e 1970, auxiliaram na desestabilização das noções de masculinidade vigentes na época. Tornou-se evidente então que a grande maioria dos homens não era capaz de alcançar os padrões de masculinidade vigentes, gerando neles o desejo de se libertar do “fardo da masculinidade”. Entretanto, vale ressaltar que essa discussão é exclusiva dos países do norte e ocidentais, não se aplicando aos países latinos (Cecchetto, 2004, p. 61). É nesse momento histórico que surge dentro dos *men's studies* a teorização da masculinidade hegemônica (Cecchetto, 2004), que foi amplamente difundida no Brasil e no mundo, e será discutida com maior profundidade mais à frente.

Ainda nesse sentido, Connell (1995) argumenta que durante a década de 1970 as discussões acerca da masculinidade se voltaram para o papel social e histórico que os homens exerceriam nas sociedades. Na época, acreditava-se que a masculinidade estava em crise e que tal crise seria capaz de gerar um movimento de mudança em prol da equidade de gênero. Embora esse movimento de mudança tenha se mostrado ineficaz, os ganhos teóricos oriundos dessa problematização e historicização das masculinidades foram importantes para pensarmos as masculinidades a partir de uma perspectiva histórica e relacional.

Em seu texto *Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades*, Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008) fazem uma análise histórica dos estudos sobre homens e masculinidades. Os autores afirmam que os trabalhos que focalizaram as masculinidades como objeto de estudo começaram a surgir ao final da década de 1980. Esses primeiros trabalhos surgiram de forma pouco sistematizada e se concentravam na produção de autores específicos, mas, sem resultar, a princípio, em uma discussão mais ampla, uma construção epistemológica ou debate analítico sobre o termo. Foi a partir da década de 1990, com a produção de estudos que buscaram sistematizar e problematizar a temática a partir dos trabalhos produzidos anteriormente, que o debate sobre as masculinidades ganhou a profundidade pretendida.

Vale ressaltar que a inserção dos homens nos estudos de gênero encontrou certa resistência por parte do movimento feminista (Medrado; Lyra, 2008). Como explanado na seção anterior, os estudos de gênero tiveram sua origem atrelada às reivindicações do movimento feminista e foram essenciais para a conquista de inúmeros direitos e avanços sociais para as mulheres. Sendo assim, Medrado e Lyra (2008) apontam que dentre as principais resistências encontradas está o argumento de que com a inserção dos homens e das masculinidades nos estudos de gênero, as mulheres correriam o risco de perder o capital político e social que foi construído a partir da categoria mulher durante esse período histórico de luta.

No artigo *A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico*, Karen Giffin (2005) aborda esse processo de resistência. Logo no início do texto, a autora retrata a dificuldade de inserção dos homens nas discussões sobre gênero no meio acadêmico, a princípio, com grande relutância do movimento de mulheres que ganhara força durante as décadas de 1960/1970. Para a autora, o veto dado aos homens foi necessário à época, tendo em vista a experiência cotidiana que as mulheres tinham com a dominação masculina. Atrelado a isto, surgiam as primeiras discussões teóricas de gênero, que buscavam esmiuçar o caráter binário e hierarquizante das relações entre homens e mulheres em uma sociedade patriarcal, construída em cima da ideia de “sexos opostos”. Tais fatores foram preponderantes para que os homens fossem afastados desses espaços no início (Giffin, 2005).

Contudo, ao longo do tempo e com os avanços teóricos dos estudos sobre gênero, percebeu-se que ao colocar todos os homens sob o status de dominante e todas as mulheres como dominadas, estava-se sucumbindo aos binarismos e determinismos. Diante disso, a teorização analítica do gênero começa a caminhar rumo a concepção que compreende o gênero como construções sociais estabelecidas a partir das relações entre homens e mulheres na sociedade (Giffin, 2005). Ainda nesse sentido, Medrado e Lyra (2008) ressaltam a importância

de pensar as masculinidades a partir de uma matriz feminista, compreendendo o gênero a partir de seu aspecto relacional e de sua construção social. Alertam, ainda, que apesar de relacional, as relações de gênero são assimétricas, tornando-se necessário investigar a forma com que essas relações são constituídas na sociedade para compreender e problematizar as desigualdades de gênero.

Para Giffin (2005), com esse movimento teórico não se buscou negar a dominação histórica que os homens exerceram sobre as mulheres, tampouco questionar as conquistas do movimento feminista, ou ainda, tentar reocupar os lugares logrados pelas mulheres. Trata-se de compreender que os mesmos mecanismos que dão aos homens seus privilégios, brutalizam e subjagam os homens que não conseguem alcançar o padrão de masculinidade socialmente imposto. Já para Connell (1995), analisar as práticas de gênero dos homens é de extrema importância, pois a constituição das masculinidades se reflete em questões de justiça social, desigualdade econômica, as mais diversas formas de violência – desde a violência doméstica até as declarações de guerra entre nações –, dentre outros.

É nesse cenário de disputas que os estudos sobre os homens e as masculinidades se inserem dentro dos estudos de gênero, com forte influência da teoria feminista. Tais estudos adquiriram caráter interdisciplinar e seguiram por diferentes correntes teóricas. Nas próximas seções deste capítulo, abordo a teorização da masculinidade hegemônica e a masculinidade entendida a partir da performatividade de gênero, duas teorizações de correntes teóricas distintas. Apresento ainda minha opção pela escolha do referencial teórico da performatividade de gênero para subsidiar teoricamente esse trabalho.

2.4 Masculinidade hegemônica: breve discussão e minha opção por outro caminho epistemológico

A teorização da masculinidade hegemônica, cunhada pela socióloga australiana, Raewyn Connell, e pelos estudos do sociólogo estadunidense, Michel Kimmel, foi amplamente difundida no Brasil e no mundo, ganhando notoriedade internacional. No artigo *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*, publicado em 2005 em inglês e traduzido em 2013 para o português, Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) buscaram, duas décadas após a teorização inicial, revisitar e repensar o conceito de masculinidade hegemônica. O autor e a autora apontam que o conceito de masculinidade hegemônica ganhou notoriedade mundo a fora e foi extensivamente utilizado em pesquisas de inúmeras áreas, como na educação, criminologia, saúde, estudos organizacionais, representações do homem na mídia, dentre outras

(Connell; Masserschmidt, 2013). No Brasil, o conceito também foi amplamente difundido e utilizado como base conceitual em inúmeras pesquisas na área da educação, como aponta o levantamento bibliográfico feito por Brito (2018).

Em sua tese de doutorado, Brito (2018) realizou um levantamento bibliográfico dos artigos publicados sobre a categoria masculinidade em periódicos de pesquisa na área da Educação e Educação Física durante os anos de 2007 a 2016, utilizando os descritores de pesquisa masculinidade/masculinidades. Foram selecionados 80 artigos de acordo com seus referenciais e fundamentações teóricas, com o intuito de apresentar e problematizar as teorizações a respeito da categoria masculinidade

O autor agrupou os artigos a partir de suas bases teóricas a respeito do tema das masculinidades, aglutinando-os em quatro classificações, a saber: 1) artigos que utilizaram como base a teorização da masculinidade hegemônica, que será desenvolvida no decorrer desta seção; 2) artigos com base em outras teorizações sobre as masculinidades; 3) artigos que não explicitaram teorizações sobre a masculinidade; por fim, 4) artigos que realizaram um levantamento bibliográfico sobre a temática. Posteriormente, os artigos foram submetidos a um segundo agrupamento em três eixos temáticos: a) pedagogias escolares, b) pedagogias não escolares e c) pedagogias do corpo e do esporte (Brito, 2018). Ressalto aqui a categoria pedagogias não escolares, que remete a artigos que discutem e problematizam questões relacionadas às masculinidades nos múltiplos artefatos culturais, aproximando-se do meu problema de pesquisa. Destaco também a importância de realizar investigações no campo da Educação acerca da aprendizagem através dos múltiplos artefatos culturais, tendo em vista que dos trabalhos apresentados em meu levantamento bibliográfico sobre teses e dissertações sobre o canal do Porta dos Fundos, nenhum deles foi localizado no campo da Educação.

Em relação a teorização do tema das masculinidades, ponto em que irei ater maior atenção daqui em diante, os artigos se agruparam da seguinte forma: 27 se fundamentaram teoricamente a partir da teorização de masculinidade hegemônica. Outros 6 artigos se basearam em teorizações distintas para discutir a categoria masculinidade, com ênfase para 4 trabalhos que se apropriaram da teoria da dominação masculina formulada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Foram encontrados ainda 45 artigos que não explicitaram teorizações sobre a masculinidade e 2 levantamentos bibliográficos que, devido a suas características específicas, foram analisados separadamente (Brito, 2018).

Diante do grande alcance da teorização da masculinidade hegemônica no cenário brasileiro e de sua relevância na produção acadêmica nacional sobre o tema das masculinidades

(Brito, 2018), julgo ser necessário um maior aprofundamento a respeito dessa teorização para justificar minhas escolhas teóricas e a não utilização dessa teorização neste trabalho.

Para Connell e Masserchmidt (2013) a masculinidade hegemônica é um padrão de masculinidade normativa, que dita o modelo ideal de como ser um homem na sociedade. Esse modelo de masculinidade exige que os homens mantenham uma posição de poder e dominância frente às mulheres em escala global. Em termos reais, as construções de masculinidades hegemônicas não correspondem a vida de nenhum sujeito, é um padrão inatingível, um ideal fantasioso que legitima socialmente os homens que mais se aproximam desse modelo.

A autora caracteriza a masculinidade hegemônica como o tipo de masculinidade mais convencional, que se beneficia em grande parte das vantagens sociais oriundas do patriarcado¹⁷, como a divisão sexual do trabalho, altos salários e cargos de liderança. A masculinidade hegemônica é moldada em torno de aspectos relativos à heterossexualidade e, em geral, é exercida por homens brancos de classe média/alta (Connell, 2013). Em entrevista realizada durante sua vinda ao Brasil em 2015, Connell argumenta que o conceito de masculinidade hegemônica é referente a uma posição de centralidade que um determinado grupo mantém nas relações de gênero, construindo uma relação hierárquica em relação a outros tipos de masculinidades e diferentes tipos de feminilidade (Rodrigues; Andrade; Mano, 2015). Para Connell¹⁸ (1995), junto das masculinidades hegemônicas são produzidas outras masculinidades, tidas como subalternas: cúmplices, subordinadas e marginalizadas. A produção das masculinidades, observadas “tanto como um projeto coletivo quanto como um projeto individual” (Connell, 1995, p. 191), se dá em meio as relações de poder e existe uma disputa entre as masculinidades para assumir o posto hegemônico.

Embora a masculinidade hegemônica se posicione no topo de uma escala hierárquica de poder, Connell (1995) alerta que existe uma diferença entre hegemonia e totalidade, e que apenas uma pequena parcela dos homens consegue se enquadrar nesse ideal normativo de como “ser homem”. Dessa forma, os homens que se privilegiam dos “dividendos patriarcais”, sem exercer a rigor as práticas hegemônicas de masculinidade, são denominados cúmplices. Connell

¹⁷ O patriarcado pode ser entendido como o sistema de dominação dos homens sobre as mulheres baseado nas relações econômicas e na divisão sexual do trabalho, que delega os homens ao espaço público e as mulheres ao privado (Viveros Vigoya, 2018).

¹⁸ A autora, Raewyn Connell, se identifica como mulher transsexual, contudo na assinatura deste texto seu nome ainda consta como Robert Connell. Opto por usar a designação do pronome feminino para me referir a Connell nesse artigo específico e no trabalho como um todo, devido a importância da posição de gênero na vida social da autora e na garantia de direitos como mulher, como relatado em entrevista a Rodrigues, Andrade e Mano (2015) durante sua visita ao Brasil.

e Masserchmidt (2013) afirmam que em muitos momentos as masculinidades cúmplices e hegemônicas se sobrepõem, devido a intangibilidade de se alcançar o padrão social normativo.

Outro ponto importante da teorização de Raewyn Connell, citado anteriormente, é a noção de “dividendos patriarcais”. Para a autora, esses dividendos são as vantagens sociais que os homens têm em relação as mulheres em uma sociedade que é reconhecidamente patriarcal, como o maior acesso a esfera política e a vida pública, salários maiores, maior concentração de renda, cargos empresariais elevados, dentre outros. Embora todos os homens se beneficiem dos dividendos patriarcais, existem alguns grupos que se beneficiam muito pouco deles, como homens *gays* e jovens proletariados, por exemplo (Connell, 1995).

Os homens *gays*, por sua vez, representam a masculinidade subordinada. Em sua revisão do conceito de masculinidade hegemônica, Connell e Masserchmidt (2013) ressaltam algumas críticas que a teorização recebeu por não abordar de forma enfática o papel que a heteronormatividade exerce na construção das masculinidades. Em contrapartida, argumentam que o papel da heterossexualidade sempre esteve presente no conceito, ressaltando a relação de subordinação dos homens homossexuais em relação aos homens heterossexuais. Tal subordinação se dá por meio de um modelo de dominação a partir de práticas homofóbicas e diversos tipos de violência. Por fim, as masculinidades marginalizadas envolvem outros marcadores sociais de diferença, como raça/etnia, classe, deficiência física, dentre outros.

Apesar de não fazer menção à teorização proposta por Raewyn Connell em seus textos traduzidos para o português, o sociólogo americano Michel Kimmel desenvolveu uma teorização de masculinidade hegemônica que se aproxima muito à da autora. Para Kimmel (1998), o ideal de masculinidade hegemônico é construído em dadas sociedades em detrimento de outras masculinidades – as quais o autor chama de subalternas – e das mulheres. No artigo intitulado *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*, Kimmel (1998) faz uma breve análise sobre como o modelo de masculinidade hegemônica foi, historicamente, produzido nos Estados Unidos, traçando um paralelo com as produções de masculinidades na Europa. Para o autor, a produção do modelo hegemônico e subalterno nas relações de gênero se dá de forma semelhante ao desenvolvimento econômico, a partir de uma relação mútua, porém desigual.

Kimmel (1998, p. 106) entende as masculinidades como construções sociais, como “um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança”, afastando-se de quaisquer essencialismos e determinismos biológicos. O autor argumenta que as masculinidades são múltiplas e variam de acordo com a cultura e o tempo, além de serem construídas simultaneamente a partir das relações de poder nas relações entre os homens e nas

relações entre homens e mulheres. Por fim, Kimmel destaca que os modos de produção da masculinidade hegemônica estadunidense se articulam com os modos de produção da masculinidade global, que surgiu na Europa.

Embora a teorização da masculinidade hegemônica não explicita nenhuma crítica aos contextos microssociais, sua grande preocupação está relacionada ao cenário global, as dinâmicas econômicas e políticas públicas, priorizando pesquisas em larga escala (Brito, 2018). Brito (2018) argumenta ainda que anos após tecer a teorização da masculinidade hegemônica, a socióloga Raewyn Connell se posicionou contra à perspectiva pós-estruturalista em seu livro escrito em parceria com a autora Rebecca Pearse e traduzido para o português no trabalho intitulado *Gênero: Uma perspectiva global*. Nesse texto, as autoras afirmam acreditar no caráter transitório e provisório do gênero, mas elas não acreditam que essas mudanças decorram da linguagem ou da cultura, e, sim, do tensionamento que as estruturas sociais produzem ao longo do tempo, gerando crises e forçando tais mudanças.

Em outro momento, durante entrevista cedida a Rodrigues, Andrade e Mano (2015), Connell destacou a influência das pesquisas pós-estruturalistas nos debates sobre gênero, mas disse acreditar que os ganhos provenientes dessa perspectiva estão exauridos, vislumbrando novos olhares para os debates de gênero:

Internacionalmente, a maior mudança nos estudos de gênero, nos últimos 30 anos, foi a gigantesca influência das ideias pós-estruturalistas, até chegarmos ao ponto em que gênero é frequentemente definido em termos de discurso e identidade. Mas eu acho que, agora, os ganhos deste giro discursivo estão exauridos. Eu espero que a nova trajetória possa prestar mais atenção a assuntos econômicos, não no velho formato de um modelo de capitalismo simplificado, mas analisando a dinâmica econômica global nas relações de gênero (Rodrigues; Andrade; Mano, 2015, p. 49).

Ainda durante a entrevista, Connell reforça seu olhar para os aspectos econômicos e para o papel das macroestruturas nas relações de gênero, e afirma que “os estudos sobre masculinidades têm minimizado muito o significado de aspectos econômicos e organizações sociais, tais como as corporações e o estado” (Rodrigues; Andrade; Mano, 2015, p. 53). Para Connell (2013, p. 326), uma parte chave dos estudos de gênero deve ser “pesquisar não somente indivíduos, mas instituições inteiras, nas quais as masculinidades se encontram incrustadas, e que possuem peso na escala social”.

Brito (2018) ressalta a importância das construções teóricas de Raewyn Connell e Michael Kimmel a respeito da masculinidade hegemônica, que denunciam um modo único e arbitrário de “ser homem” e reconhecem a existência de múltiplas masculinidades. Contudo, para o autor, essa teorização carrega em si certo determinismo, além de concentrar seu foco

maior de interesse em pesquisas de larga escala e questões econômicas globais, com um viés estruturalista muito presente.

Caminho no mesmo sentido que Brito (2018) e reconheço a importância dos estudos de Raewyn Connell e Michael Kimmel para os estudos de gênero, sobretudo das masculinidades. Pensar as masculinidades a partir de sua historicização e pluralidade foram, sem dúvidas, importantes ganhos teóricos que abriram caminhos para pesquisas sobre os homens em inúmeras áreas. Contudo, assim como afirma Butler (2021), acredito que somos sujeitos formados pela linguagem e que sua materialização produz desigualdades, mas ao mesmo tempo resistência/agência; e invisto no potencial performativo da linguagem para pensar as masculinidades a partir do referencial teórico da performatividade de gênero. Acredito, ainda, na (re)significação dos sentidos de masculinidade vigentes na sociedade, não para assumir um posto de hegemonia, como nas proposições de Connell e Messerschmidt (2013) e Kimmel (1998), mas para conferir maior liberdade aos sujeitos que performatizam o gênero fora da norma. Por fim, entendo a importância teórica e empírica de pesquisas em larga escala, mas opto por voltar meu olhar para como as concepções de masculinidade são discursivamente construídas à medida em que os atos de gênero são postos em prática, repetindo/deslocando as normas, como será abordado na próxima seção.

2.5 Pensando a produção de masculinidades por meio do discurso e do referencial teórico da performatividade de gênero

São inúmeras as contribuições de Judith Butler para os debates sobre gênero e sexualidade, e a principal delas é sua teorização a respeito da performatividade de gênero, cunhada no livro *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*, publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1990, e publicado no Brasil em 2003, traduzido como *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Em sua argumentação, Butler (2003) faz uma série de críticas à política identitária feminista vigente na época, a heterossexualidade compulsória existente dentro do feminismo, como aponta Rodrigues (2019), ao modelo dicotômico (hetero)normativo que rege o sistema sexo-gênero e ao entendimento do sexo como pré-discursivo para, então, propor o gênero como performativo. Para Rodrigues (2019), a desconstrução do gênero promovida por Butler ocorre em dois momentos: primeiro, ao romper com uma suposta essência de sexo e gênero, o que permite a abertura de uma infinidade de possibilidades de performatizações de gênero; segundo, ao promover o

esvaziamento das normas de gênero, expor seu caráter biopolítico, suas arbitrariedades e fragilidades.

Ao afirmar que o corpo não é pré-discursivo e, dessa forma, não é possível concebê-lo fora de uma contextualização histórica, Butler (2003) questiona a concepção de sexo como algo natural, como algo dado, sem significação cultural e histórica. A autora recorre a afirmação de Simone de Beauvoir de que *não se nasce mulher, torna-se mulher*, e discorre que para se tornar mulher é necessário induzir o corpo a se enquadrar em uma concepção histórica do que é ser mulher, por meio da repetição de atos e de uma estilização corporal que precisam ser reificados a todo momento. As pessoas enquadradas como mulheres e cujos corpos não se encaixam na delimitação histórico-cultural do que é ser mulher em determinada sociedade se tornam ininteligíveis. Sendo assim, a autora afirma que o constructo denominado como sexo é tão culturalmente construído como o gênero. Para ela, “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (Butler, 2003, p. 25).

A autora afirma que se a própria construção do sexo é generificada, é impossível conceber o gênero apenas como um significante cultural do sexo. Portanto, se todos os corpos são interpretados a partir de significações culturais, é impossível conceber o sexo como anterior à cultura. Dito isso, o sexo “será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo” (Butler, 2003, p. 27). A construção do sexo como algo anterior à cultura, pré-discursivo, natural, funciona como um aparato de produção e manutenção da própria lógica do sistema sexo-gênero, auxiliada pela heteronormatividade, para manter a estabilidade interna desse sistema binário (Butler, 2003).

O gênero só pode denotar uma *unidade* de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero – sendo o gênero uma designação psíquica e/ou cultural do eu – e um desejo – sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja. A coerência ou a unidade interna de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional. Essa heterossexualidade institucional exige e produz, a um só tempo, a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constituem os limites das possibilidades de gênero no interior do sistema de gênero binário oposicional. Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo. Supõe-se que unidade metafísica dos três seja verdadeiramente conhecida e expressa num desejo diferenciador pelo gênero oposto – isto é, numa forma de heterossexualidade oposicional (Butler, 2003, p. 45, grifo da autora).

Seguindo em sua argumentação, Butler sintetiza a noção de performatividade de gênero. Para Butler (2011, p. 216) pode-se compreender o gênero como “um estilo corporal,

um ‘ato’, que é intencional e performático, em que performático tem ao mesmo tempo uma carga ‘dramática’ e outra ‘não referencial’”. A autora destaca o caráter performativo do gênero ao afirmar que o gênero não é um fato. Para ela, “as várias formas de atuação do gênero criam a própria ideia de gênero, e sem esses atos não existiria gênero nenhum. O gênero é uma construção que regularmente esconde sua gênese” (Butler, 2011, p. 216). Nesse processo de construção, os atores sociais devem performatizar o gênero de forma discreta, impulsionados pela credibilidade que a própria produção traz (Butler, 2003).

Para que os sujeitos adentrem no campo da inteligibilidade social, é necessário que performatizem o gênero de forma que se enquadrem na expectativa linear entre sexo-gênero-desejo (Butler, 2003). Para a autora, “gêneros discretos são parte das exigências que garantem a ‘humanização’ de indivíduos na cultura contemporânea; e aqueles que falham em fazer corretamente seus gêneros são regularmente punidos” (Butler, 2011, p. 217). Contudo, Butler (2003, 2011) também enxerga a possibilidade de transformação do gênero por meio da subversão das normas, por meio da quebra no padrão de repetição dos atos de gênero e na mobilização de novos sentidos.

Tanto a manutenção quanto a transgressão das normas de gênero se dão justamente pela repetição dos atos de gênero (Rodrigues, 2019). Portanto, a quebra no padrão de repetição e a mobilização de novos sentidos possibilitam a mudança nos gêneros (Butler, 2003). Para Preciado (2022) é necessário (re)significar os códigos associados às masculinidades e feminilidades e difundir as práticas subversivas de sexo e gênero para combater o regime heterocentrado.

Butler (2003) aposta no potencial performativo de novas práticas de gênero para reconfigurar a forma com que sexo e gênero são socialmente concebidos:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (Butler, 2003, p. 201, grifos da autora).

O caráter performativo do gênero faz com que ele se produza dentro da estrutura que ele supostamente é. Como performativo, o gênero esconde sua própria gênese, transmitindo a ideia de que os modelos de masculinidade e feminilidade são naturais nessa ótica binária. “Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais reificadas, a própria ‘cristalização’ é uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios

sociais”, escreve Butler (2003, p. 59). Dessa forma, pensar as masculinidades por meio da performatividade de gênero significa entender que por mais que um modelo de masculinidade esteja enraizado em nosso espaço-tempo, esse modelo é parte de um incessante processo de repetição constante de atos, enunciações de gênero, que *performativamente* criam a ideia de um gênero natural, embora passível de transformações a partir da (re)significação e (re)mobilização desses sentidos.

Outro ponto da teorização de Butler que se torna central nesse trabalho é que se não existe uma essência de gênero por trás do sexo, masculino e feminino ganham múltiplas possibilidades de vivenciação e podem ser incorporados em quaisquer corpos. Para Louro (1997, p. 34), “uma das consequências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente”.

Medrado e Lyra (2008) destacam que não existe um modelo único de masculinidade, tampouco é possível conceber as masculinidades de forma binária, dividindo-as em hegemônicas e subordinadas. Tais concepções levam em consideração apenas as posições de poder social dos homens, sem considerar as formas complexas com que cada sujeito vivencia suas masculinidades e as subjetividades produzidas a partir dessas experiências.

Ao considerar que as masculinidades se constroem a partir de um jogo de práticas discursivas, é necessário problematizar os sentidos de masculinidade presentes na sociedade, assim como os preconceitos e estereótipos de gênero e sexualidade, com o intuito de ressignificar esses sentidos em prol da igualdade de gênero, e visando garantir certo grau de liberdade aos homens que vivenciam suas masculinidades fora do padrão normativo (Medrado; Lyra, 2008).

Para Brito (2018), é importante denunciar as práticas sociais que buscam legitimar uma única forma de ser homem. Entretanto, também é necessário apresentar os múltiplos desdobramentos possíveis nos sentidos das masculinidades como forma de resistência e possibilidades alternativas ao modelo normativo de gênero imposto pelas heteronormas (Brito, 2018).

Sendo assim, invisto na potencialidade das pesquisas pós-estruturalistas que entendem a linguagem e o gênero como performativo, capaz de construir inúmeros sentidos de masculinidade, e que rompe com quaisquer leituras fixas e essencialistas sobre as masculinidades. Aposto também nas múltiplas possibilidades de vivências dessas masculinidades em diferentes espaços-tempos e nas ressignificações dos sentidos de masculinidade fixos e estáveis que são regidos pelas heteronormas e que buscam promover uma

suposta (e frágil) estabilidade de dentro da categoria. Diante disso, defendo e utilizo nesse texto o uso das masculinidades no plural, compreendendo a heterogeneidade interna da categoria, sua instabilidade e provisoriedade. Por fim, destaco a infinitude de possibilidades performativas que podem ser geradas a partir das inúmeras performatizações de gênero dos sujeitos e, no caso deste trabalho, nas enunciações presentes nos vídeos do canal Porta dos Fundos.

3 A CARTOGRAFIA *ONLINE* COMO UM MODO DE FAZER PESQUISA NA CIBERCULTURA

3.1 Cartografia *online*: caminhos abertos para problematizar nosso espaço-tempo

Pesquisar questões relacionadas a gênero e sexualidade na cibercultura é um processo desafiador. O cenário de provisoriedade e transitoriedade ao qual estamos inseridos em nosso espaço-tempo nos remete a uma série de dilemas de pesquisa. Dito isto, a bricolagem de diferentes matizes teórico-metodológicos se torna algo caro a nós, pesquisadores/as da cibercultura ancoradas/os em aportes pós-estruturalistas; reconhecemos que para atender às demandas sociais de nosso contexto é necessário brincar métodos de pesquisa sem perder o rigor metodológico.

Para Paraiso (2014), é necessário entendermos as diferentes dinâmicas e mudanças em nosso cotidiano, para que assim possamos adaptar nossas metodologias de pesquisa ao nosso tempo. Assim, pesquisar na perspectiva pós-estruturalista é estar aberto as inúmeras possibilidades que o campo de pesquisa apresenta, brincar novos métodos de pesquisa, articular teorias e conceitos para construir nossa base teórico-metodológica (Paraiso, 2014). Entretanto, é necessário ressaltar que não se trata de pesquisas sem fundamento ou rigor epistemológico. O pensamento pós-estruturalista não permite o descompromisso com conceitos e procedimentos metodológicos, mas por entender a transitoriedade do conhecimento e da sociedade, rejeita as verdades universais e aborda o conhecimento a partir de suas contextualizações sociais e culturais. Trata-se, portanto, de fazer escolhas teórico-metodológicas e manter-se coerente com elas no desenvolvimento da pesquisa (Louro, 2007).

Ao entender as questões de gênero e sexualidade, sobretudo os sentidos relacionados a masculinidade, a partir de sua fluidez e provisoriedade, optei pela cartografia *online* como opção teórico-metodológica para este trabalho. Opero com a cartografia *online* reconhecendo-a como

a cartografia de acontecimentos, fenômenos, desejos e práticas da cibercultura, a qual é produzida a partir de experiências emergentes da relação ciberespaço-cidade que implicam em ferramentas, práticas, desafios e mobilizam condutas éticas e procedimentos específicos de pesquisa (Carvalho; Pocahy, 2023, p. 176).

Ao abordar a cartografia social como um método de pesquisa para as ciências humanas e sociais, Prado Filho e Teti (2013) entendem a cartografia como um método de análise crítica

do nosso presente, originado por meio do diálogo entre as reflexões dos filósofos, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Ao contrário da cartografia tradicional – conhecimento do campo de estudos da Geografia –, a cartografia social não se refere a criação de mapas precisos e fixos, mas sim ao traçado de linhas moventes, correspondentes as relações de força e poder, jogos de verdade, enunciados e subjetividades presentes em nosso espaço-tempo.

O conceito de *cartografia* trabalhado nessa pesquisa foi cunhado por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995), no livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. A partir do que os autores denominam como uma filosofia da multiplicidade, criaram o conceito de rizoma e apontaram seis princípios que o balizam. Ao abordar o quinto princípio, os autores argumentam que os rizomas funcionam como mapas abertos, reversíveis, conectáveis em diversas áreas e compostos por diferentes linhas. O traçado dessas linhas “é uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem penetrar numa outra. Rizoma” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 77).

Entende-se aqui a cartografia como o traçado e exposição de linhas de poder, subjetivações e relações de força na sociedade; uma forma de entender as linhas normativas que são socialmente traçadas e, também, de estabelecer rotas de fuga e linhas de ruptura. A cartografia nos apresenta uma forma de problematizar nosso contexto social, as enunciações e subjetivações que produzem as normas, permitindo-nos criar formas de resistência e enfrentamento a essas normas (Prado Filho; Teti, 2013).

Prado Filho e Teti (2013) afirmam que a produção de subjetividade é a principal função de um dispositivo, seja por meio de jogos de objetivação ou subjetivação. Enquanto os jogos de objetivação se referem ao uso das subjetividades dos sujeitos como objetos de elaboração de saber e poder na modernidade, sujeitando seus corpos às normatizações e formas de controle, os jogos de subjetivação, por outro lado, referem-se as relações que os sujeitos produzem com si próprios, aos signos e significados que são estabelecidos com seus corpos e enunciações.

Em *Microfísica do poder*, Michel Foucault (2021) apresenta sua concepção sobre dispositivo, como um conjunto de mecanismos heterogêneos – institucionais, discursivos, legislativos, enunciações científicas, proposições morais, dentre outros – que tem como objetivo central responder a uma urgência social, com função estratégica dominante para formar as bases do inteligível social nas relações de poder. O dispositivo pode ser concebido com a rede que se estabelece entre esses elementos constitutivos das relações de poder na sociedade: “em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes” (Foucault, 2021, p. 364).

Nesse sentido, as subjetividades produzidas pelos sujeitos é um dos pontos centrais da cartografia como método de análise crítica de nosso espaço-tempo. As subjetivações, jogos de verdade e relações de poder assumem o cerne do debate, possibilitando a construção de rotas de fuga e linhas de resistência que nos garantem atos de liberdade em relação as normas (Prado Filho; Teti, 2013). Diante disto, vejo a cartografia *online* como uma importante aliada no processo de (re)significação dos sentidos de masculinidade na cibercultura, fornecendo formas de mapear as subjetividades produzidas e reforçadas pelas heteronormas por meio dos jogos de objetificação, e, oferecendo linhas de resistência e rotas de fuga por meio da (re)significação dos sentidos de masculinidade pelos jogos de subjetivação.

Oliveira e Paraíso (2012) se aproximam desta ideia ao abordar a cartografia como um método de pesquisa em educação. Para o autor e a autora, a cartografia é uma noção teórico-metodológica criada a partir dos pensamentos de Guilles Deleuze e Félix Guattari que pode auxiliar no processo de fazer pesquisa em educação. Na concepção do autor e da autora, cartografar significa entender a transitoriedade dos eventos, a complexidade das dinâmicas sociais. Cartografar requer imersão no campo, aproximação do objeto de pesquisa, mergulhar no objeto de estudo e deixar que as nuances que aparecem pelo percurso moldem o processo.

Me apoio nestas ideias – no caráter aberto, fluido e provisório da cartografia – para iniciar meu percurso cartográfico. Me debruço também em sua natureza rizomática para estabelecer conexões horizontais e não-hierárquicas entre as linhas traçadas nesta pesquisa. Para Silva e Paraíso (2019), as linhas traçadas na cartografia não são lineares. Elas funcionam como rizomas: sem um início ou fim; como um emaranhado de sentidos que se entrelaçam e se entrecruzam, interagindo entre si e modificando-se através das vivências.

Nessa perspectiva, a cartografia se assume em uma construção horizontal, sem um eixo central ou qualquer tipo de hierarquização. Sem início ou fim, ela opera a partir de multiplicidades que se interconectam em diferentes pontos, formando uma rede complexa e heterogênea. Ela é constituída por linhas múltiplas que produzem territorialização, e, ao mesmo tempo, permite rupturas, linhas de fuga e desterritorialização (Prado Filho; Teti, 2013). Esse caráter provisório e sensível às subjetividades dos sujeitos nos permite analisar de forma crítica o contexto ao qual estamos inseridos e estabelecer múltiplas conexões sem a pretensão de estabelecer verdades absolutas.

Outra característica da cartografia que se mostrou preponderante no desenvolvimento deste trabalho foi o caráter de afetamento do/a pesquisador/a. Para Carvalho e Pocahy (2020), o método cartográfico se torna possível a partir do afetamento do/a pesquisador/a com o objeto de pesquisa. É por meio das inquietações e questionamentos que atravessam o cotidiano de

pesquisa que o/a cartógrafo/a opta por determinados caminhos e pressupostos teórico-metodológicos.

O cenário cibercultural que vivemos em nosso espaço-tempo promoveu uma reconfiguração sociotécnica, em escala global, sem precedentes. Essa reconfiguração potencializa no cotidiano dos sujeitos novas formas de ser/(con)viver, alterando as formas de socialização já existentes e produzindo novas práticas. Mediante as novas demandas de nossos (ciber)espaços e tempos, a cartografia *online* possibilita “acompanhar a constituição de redes político-pedagógicas, pulsações dos desejos, processos formativos, múltiplos agenciamentos, diferentes modos de assujeitamento e de subjetivação, relações de força, de como as subjetividades vem sendo formadas” (Carvalho; Pocahy, 2023, p. 178).

O interesse da cartografia não é por algo rígido ou pré-estabelecido. Conforme Oliveira e Paraíso (2012), o objeto de pesquisa na cartografia é mutável, maleável, heterogêneo, suscetível a mudanças durante o percurso. Cabe ao/à cartógrafo/a estar atento/a a esses fluxos no processo de desconstrução e desterritorialização do objeto investigado. Metodologicamente opero “em ciberespaços-tempos líquidos, móveis, que se constituem e reconstituem fugazmente, intermitentemente” (Carvalho; Pocahy, 2023, p. 178). Silva e Paraíso (2019) afirmam que o mapa da cartografia se constrói a medida em que ousamos em percorrê-lo. Os caminhos não são retilíneos, tampouco, previsíveis. Para Carvalho e Pocahy (2020), cartografar exige sensibilidade para estar atento as nuances, para sentir e escutar os sentidos que se apresentam na pesquisa:

Vemos a cartografia como uma arte, a arte de produzir conhecimento no fluxo do pesquisar. A arte de teorizar a vida em ato e de produzir determinadas paisagens sociais, a desconstrução de outras e reconstrução de tantas outras. É uma arte que contribui para que pratiquemos outros modos de (re-)existir e de analisar os processos de subjetivação na atualidade (Carvalho; Pocahy, 2020, p. 64-65).

Na perspectiva com a qual penso e pesquiso, assim como Silva e Paraíso (2019), a cartografia aparece como um importante método de pesquisa, pois produz um mapa aberto e infundável. As linhas traçadas e os procedimentos utilizados não são definitivos, mas sim, reversíveis, modicáveis ao longo do processo de acordo com as demandas encontradas no terreno (Silva; Paraíso, 2019). Parto destes pressupostos teórico-metodológicos para entender a cartografia *online* como método de investigação neste trabalho. No decorrer deste tópico, irei abordar a cartografia como modo de fazer pesquisa em tempos de cibercultura.

Com o intuito de justificar minhas escolhas metodológicas e os caminhos traçados nesta pesquisa, destaco a seguir alguns princípios de meu modo de cartografar:

- fluidez e provisoriade, aspectos essenciais ao problematizar gênero e sexualidade a partir da perspectiva pós-estruturalista (Silva; Paraíso, 2019) e ao conduzir meu trabalho de campo no ciberespaço;
- natureza rizomática, que permite conexões horizontais, heterogêneas e não-hierárquicas entre as linhas traçadas (Silva; Paraíso, 2019);
- caráter de afetamento do/a pesquisador/a (Carvalho; Pocahy, 2020), que possibilitou minha aproximação com o objeto de pesquisa e minha imersão no universo do Porta dos Fundos;
- e a possibilidade de traçar rotas de fuga, desterritorialização e (re)significação, que nos concede possibilidades de confrontar e desestabilizar as heteronormas (Prado Filho; Teti, 2013).

Entendo a cartografia *online* não como uma rota a ser seguida, mas como um mapa aberto, repleto de possibilidades e caminhos a serem traçados durante o percurso. Nesse percurso “a criação torna-se, mesmo, a gênese do método cartográfico”, permitindo ao pesquisador/a ser afetado durante o trajeto e atentar para o que lhe afeta (Oliveira; Paraíso, 2012, p. 165). Para Carvalho e Pocahy (2020), o/a cartógrafo/a está em constante busca pelo mundo por algo que o/a afete. O ponto de partida da cartografia é a aproximação do/a cartógrafo/a com o objeto de investigação.

A cartografia não parte do nada, mas de algo preexistente — sobretudo, das paixões, dos encontros, do amor pelo que se toca e pelo que se vê. Tomando a contrapelo, desfazendo e recriando o material que lhe é disponível, embarcando o cartógrafo em uma linha que o toca, seus movimentos fazem transbordar as opiniões correntes, seus traços intensivos rompem o pensamento para construir novas composições mundanas para a educação. (Oliveira; Paraíso, 2012, p. 173).

Nesse sentido, cartografar é ser afetado e tocado pela pesquisa. É imergir no processo de investigação e produzir conhecimento, intervir, experienciar, vivenciar para poder (re)significar (Carvalho; Pocahy, 2020).

Seguindo essa direção, fui afetado por questões referentes aos sentidos atribuídos às masculinidades em nossa sociedade, que atravessam minha vida pessoal e prática docente no cotidiano. Tais sentidos, significações e normatizações de masculinidade estão presentes no cotidiano de todos os sujeitos, limitando as inúmeras performatizações de masculinidade e vivências corporais que fogem às normas. Dito isto, optei por investigar os sentidos de

masculinidade presentes nos vídeos do Porta dos Fundos, canal que acompanho desde seu início, em 2012. Na primeira vez em que assisti aos vídeos do Porta dos Fundos, o humor e o entretenimento foram a porta de entrada para que eu pudesse assistir aos vídeos do canal. Com o passar do tempo, minha percepção mudou e as críticas sociais atreladas ao humor foram o motivo principal para que eu continuasse sendo afetado pelos vídeos do canal, não apenas por questões relacionadas às masculinidades, mas também por questões raciais, religiosas e classe social. Devido à relevância do canal no cenário cibercultural, problematizar os sentidos de masculinidade apresentados nos vídeos pode fornecer algumas pistas sobre como a masculinidade tem sido significada em nossa sociedade, permitindo ainda traçar rotas de fuga através da (re)significação desses sentidos.

Sobre a indissociável relação *online-offline* existente nos sentidos transmitidos nos vídeos do canal Porta dos Fundos, cabe ressaltar o atentado à sede da empresa, localizada no bairro Humaitá, no Rio de Janeiro. Na ocasião, em dezembro de 2019, um grupo de pessoas jogou bomba e ateou fogo na sede da empresa após a veiculação do “especial de Natal”, denominado “A primeira tentação de Cristo”, que retratou a figura de Jesus como um homem *gay*. Diversos grupos cristãos protestaram contra o coletivo Porta dos Fundos à época e o episódio, que está sendo investigado até hoje, culminou no atentado à sede da empresa. Esse caso reforça a premissa de que os sentidos mobilizados no ciberespaço não podem ser desassociados da realidade, reforçando a interrelação existente entre eles.

No próximo tópico, abordarei com maior profundidade os vídeos escolhidos para esta análise, tal qual os critérios adotados no processo de seleção dos vídeos, os procedimentos utilizados e os caminhos tra(n)çados nessa cartografia. Não tenho como intenção esgotar as possibilidades de análise dos vídeos escolhidos, mas descrever-justificar as escolhas teórico-metodológicas realizadas em meu percurso cartográfico.

3.2 Masculinidades no Porta dos Fundos: os caminhos percorridos na pesquisa

Ao entender a cartografia como um modo de fazer pesquisa em nosso espaço-tempo, parto do pressuposto teórico-metodológico de que os processos investigativos que dela decorrem se moldam por meio da experiência e do afetamento do/a pesquisador/a (Silva; Paraíso, 2019). Sendo assim, não busquei hipóteses pré-estabelecidas ou instrumentos pré-definidos para elaborar este trabalho. Ao contrário, fui afetado pelas questões referentes as significações das masculinidades nos vídeos do Porta dos Fundos e imergi no universo de vídeos do canal para realizar esta análise. Entre idas e vindas, reformulações no problema de

pesquisa, escolhas dos vídeos e problematizações, essa cartografia foi sendo tra(n)çada ao longo do processo, assim como seus instrumentos de análise.

Para Carvalho e Pocahy (2023, p. 179), a cartografia não deve ser vista como uma série de procedimentos a serem seguidos, tampouco estabelece “hipóteses previamente deduzidas de uma articulação teórico-epistemológica”. Isso significa que não se trata de buscar explicar a realidade social por meio de métodos rígidos e totalizantes, mas entender que meu interesse investigativo surge de processos contínuos de reconfiguração social que demanda a bricolagem de teorizações e de estratégias metodológicas.

Esse trabalho decorre de uma série de leituras e problematizações que ocorreram durante o mestrado, sobretudo as reflexões tecidas durante os encontros do Grupo de Pesquisa JEGESC e em conversas mantidas com meu orientador e coorientador. Nossas inquietações, alicerçadas na perspectiva pós-estruturalista, provém de diferentes problematizações sobre as formas com que as questões de gênero e sexualidade impactam a vida dos sujeitos, além de seus desdobramentos na Educação em tempos de cibercultura. Foi nesse contexto de problematizações que os sentidos de masculinidade no canal Porta dos Fundos surgiu como problema de pesquisa, afinal, como afirmam Silva e Paraíso (2019, p. 5, grifo dos/as autores/as), é preciso estar “sempre ‘à espreita’ de uma inspiração que pode vir dos mais variados lugares, como o cinema, a literatura, a música e a poesia”.

Após escolher o Porta dos Fundos como *lócus* investigativo, foi necessário delimitar a temporalidade dos vídeos que seria analisada, tendo em vista a alta frequência de publicação de vídeos no canal. Diante de meu ingresso no mestrado em março de 2022, optei por delimitar a análise aos dois últimos anos corridos antes do meu ingresso, com o intuito de trabalhar com anos que já estivessem encerrados. Sendo assim, os vídeos analisados foram referentes aos anos de 2020 e 2021.

Durante esse período, o Porta dos Fundos postou ao todo 432 vídeos em seu canal. O Porta dos Fundos posta, semanalmente, três vídeos oficiais em seu canal, no formato de esquetes, todas as segundas, quintas e sábados. Entretanto, ao adentrar no universo do canal foi possível observar que o fluxo de postagens do canal não se restringe a esses vídeos. O Porta dos Fundos também posta, esporadicamente, *making offs*, *trailers*, *shorts* e vídeos em formato mais longo, como as séries produzidas pelo canal e os Especiais de Natal. Tais vídeos esporádicos não foram incluídos na análise pois a maior parte deles busca mostrar os bastidores das gravações, fazer chamadas para os vídeos oficiais, dentre outros.

Apesar de ser familiarizado com o Porta dos Fundos e acompanhar os vídeos do canal desde sua criação, em 2012, ver um número consideravelmente alto de vídeos fora do formato

tradicional de esquetes foi surpreendente e precisou ser considerado nas escolhas do meu percurso cartográfico. Neste trabalho, não foi delimitado um número específico de vídeos a serem analisados, afinal, como afirma Meyer (2014, p. 57, grifos da autora) ao fazer pesquisa na perspectiva pós-estruturalista “está-se assumindo, também, que o desenho metodológico da pesquisa não pode ser fechado *a priori* e não pode ser replicado em qualquer tempo e lugar”. Entretanto, considero que um número excessivo de vídeos poderia dificultar o processo de análise. Sendo assim, tornou-se necessário modificar a ideia inicial e excluir tais vídeos da análise. Nesse sentido, concordo com Paraíso (2014, p. 42) que “os procedimentos de pesquisa que adotamos, da mesma forma que os textos que escrevemos, podem ser reconstruídos, remontados, refeitos e estarão sempre abertos a acréscimos”.

Dito isto, no primeiro momento, selecionei 32 vídeos que abordaram questões relacionadas a gênero e sexualidade a partir de suas enunciações mais latentes. Para a seleção desses vídeos utilizei um processo semelhante ao de um levantamento bibliográfico: no primeiro momento, os vídeos foram filtrados de acordo com seus respectivos títulos e descrições, que apresentaram, em grande maioria, indícios claros sobre a temática central dos vídeos. Nos casos em que houve dúvida sobre a temática central, ou quando esta temática não se apresentou clara o suficiente no título e descrição, os vídeos foram assistidos na íntegra.

Destaco aqui que as relações de gênero atravessam todas as instâncias sociais e são atravessadas por todas elas (Louro, 1997), estando presentes em todos os vídeos publicados no canal, de forma mais ou menos latente, atravessando as inúmeras dinâmicas sociais presentes nessas produções audiovisuais. Contudo, para a análise, relacionei apenas os vídeos que julguei ter como enunciação central questões relacionadas a gênero e sexualidade, como mostra o **Quadro 2**, que contém o título dos vídeos, link de acesso, duração e data de postagem.

Quadro 2 – Levantamento dos vídeos com o foco principal na temática gênero e sexualidade no Porta dos Fundos.

#	Título do vídeo	Link de acesso	Duração	Data da postagem
1	Pornografia	https://bit.ly/3sZ0kDo	3:01min	23 out. 2021
2	Minha call, minhas regras	https://bit.ly/3GnQyjK	3:30min	09 out. 2021
3	Bunda Gonçalves	https://bit.ly/3LPiv07	2:53min	30 ago. 2021
4	Relacionamento aberto	https://bit.ly/3Jz9E8D	3:02min	21 ago. 2021
5	Pornô a dois	https://bit.ly/38qZQPpy	3:12min	14 ago. 2021
6	Vida de solteiro	https://bit.ly/3yXAFyV	3:50min	12 ago. 2021
7	Efeito colateral da vacina	https://bit.ly/3ILERdk	3:52min	17 jul. 2021
8	Problematizando o problema	https://bit.ly/38MDYOV	2:35min	29 mar. 2021
9	Golpe do casamento	https://bit.ly/3lmTd7r	1:57min	11 fev. 2021

10	Nude	https://bit.ly/3N1OGzD	5:47min	25 jan. 2021
11	Mamada	https://bit.ly/3a8usG6	4:46min	18 jan. 2021
12	Robozinho	https://bit.ly/3wWEuBU	2:18min	09 jan. 2021
13	Jesus Hétero	https://bit.ly/3a4YeLM	3:26min	24 dez. 2020
14	Floricultura	https://bit.ly/3x2C3Py	1:58min	21 dez. 2020
15	Telessexo	https://bit.ly/3x1qbvA	3:21min	21 nov. 2020
16	Quarentena sem sexo	https://bit.ly/3a9qQ6z	3:57min	19 out. 2020
17	Present Man	https://bit.ly/3lXjUfD	3:10min	03 out. 2020
18	O último ativo	https://bit.ly/3M46ZD9	3:24min	17 set. 2020
19	Foda assistida	https://bit.ly/3x1Vs1N	2:25min	27 ago. 2020
20	Ménage inseguro	https://bit.ly/3NPbbYF	3:00min	10 ago. 2020
21	Nasce um papai	https://bit.ly/3zguFkT	3:48min	08 ago. 2020
22	Teste	https://bit.ly/3GHNbnX	2:51min	06 ago. 2020
23	Guarda compartilhada	https://bit.ly/3m4ZZeF	3:01min	27 jul. 2020
24	Terminador do futuro	https://bit.ly/3NdtTE	3:08min	16 jul. 2020
25	Dark zoom	https://bit.ly/3NaacLZ	3:00min	11 jul. 2020
26	Suruba online	https://bit.ly/3zglwaS	5:14min	27 jun. 2020
27	Amor em quarentena	https://bit.ly/3TkzcL1	3:50min	18 mai. 2020
28	Homens?	https://bit.ly/3zoO8jB	3:05min	16 mai. 2020
29	Ultimate Feminist Championship	https://bit.ly/3xqP858	3:21min	28 mar. 2020
30	Poliamor	https://bit.ly/3NxAUFp	2:51min	07 mar. 2020
31	Me xinga	https://bit.ly/3Mo49cp	1:56min	24 fev. 2020
32	Papinho	https://bit.ly/3Ou81tO	1:51min	09 jan. 2020

Fonte: O autor, 2023.

Após o levantamento inicial apresentado no Quadro 2, os vídeos foram filtrados novamente, dessa vez, sendo selecionados a partir das enunciações de masculinidade como temáticas centrais nos vídeos, como mostra o **Quadro 3**, que contém as principais informações dos vídeos: título, link de acesso, duração, data de postagem e número de visualizações.

Quadro 3 – Levantamento dos vídeos com o foco principal em questões referentes as masculinidades no canal Porta dos Fundos (informações coletadas em março de 2023).

#	Título do vídeo	Link de acesso	Duração	Data da postagem	Número de visualizações
1	Homens?	https://bit.ly/3zoO8jB	3:05min	16 mai. 2020	931.953
2	Terminador do futuro	https://bit.ly/3NdtTE	3:08min	16 jul. 2020	838.335
3	Teste	https://bit.ly/3GHNbnX	2:51min	06 ago. 2020	1.521.882
4	Nasce um papai	https://bit.ly/3zguFkT	3:48min	08 ago. 2020	520.857
5	Ménage inseguro	https://bit.ly/3NPbbYF	3:00min	10 ago. 2020	4.976.661
6	O último ativo	https://bit.ly/3M46ZD9	3:24min	17 set. 2020	1.221.199
7	Present Man	https://bit.ly/3lXjUfD	3:10min	03 out. 2020	460.453
8	Jesus hétero	https://bit.ly/3a4YeLM	3:26min	24 dez. 2020	3.643.247
9	Nude	https://bit.ly/3N1OGzD	5:47min	25 jan. 2021	3.134.671

10	Efeito colateral da vacina	https://bit.ly/3ILERdk	3:52min	17 jul. 2021	2.291.126
----	----------------------------	---	---------	--------------	-----------

Fonte: O autor, 2023.

Nesse momento da pesquisa, o caráter de afetamento do pesquisador se tornou primordial, pois, como afirma Oliveira e Paraíso (2012), o cartógrafo não parte do nada, mas sim de suas paixões, de seus afetamentos e, assim, atenta para o que lhe toca. Sendo assim, acredito que em outros contextos, com outros/as pesquisadores/as, esse levantamento de vídeos não teria o mesmo resultado. Entretanto, não pretendo aqui estabelecer uma fórmula a ser seguida e, tampouco, desenhar uma metodologia que possa ser replicada em outros trabalhos e obtenha os mesmos resultados, mas sim apresentar os caminhos percorridos nessa cartografia.

Depois de passar pelo primeiro filtro, que elencou os 32 vídeos que tinham como temática central questões relacionadas a gênero e sexualidade, todos esses vídeos foram assistidos na íntegra novamente para passar por uma segunda filtragem. Nesse segundo momento só foram selecionados os vídeos cuja temática central gira em torno dos sentidos de masculinidade que correm na sociedade, gerando um total de 10 vídeos para serem analisados. Na sequência, os vídeos selecionados foram reassistidos e transcritos.

Durante o processo de transcrição dos vídeos, a ferramenta de legenda automática disponível no YouTube foi utilizada como suporte. Contudo, em alguns momentos houve divergência entre a legenda automática apresentada no vídeo e a transcrição do áudio captada por mim. Nesses momentos de divergência optei por seguir minha percepção do áudio. Vale destacar também que para Butler (2021), todo ato de fala é, antes de tudo, um ato corporal. Sendo assim, aspectos importantes que vão além dos signos falados também foram registrados nas transcrições dos vídeos, como entonação de voz, emoções transpassadas pelos personagens, gestos, vestimentas e cenário.

Os enunciados presentes nos vídeos que carregavam sentidos latentes de masculinidade foram analisados de acordo com o referencial teórico da performatividade da linguagem e de gênero. A análise dos enunciados seguiu cinco linhas de significação de acordo com os sentidos de masculinidade que circulam na sociedade e foram observados de forma latente nos vídeos: masculinidade tóxica, homem desconstruído, tamanho do pênis, paternidade e masculinidades dissidentes. A discussão aprofundada sobre o referencial teórico da performatividade e a proposta de análise dos enunciados seguirá na próxima seção desse capítulo. Por fim, apresento o **Quadro 4**, contendo informações adicionais dos vídeos, como título, descrição, imagem de capa e *QR Code* contendo o *link* de acesso.

Quadro 4 – Informações adicionais dos vídeos analisados.

#	Título do vídeo	Descrição do vídeo	Imagem de capa	QR Code
1	Homens?	E na sinopse de hoje vamos ensinar como mandar um nude de qualidade para impressionar a audiência. Primeiro ponto: ângulo. Nada de tirar de baixo pra cima, você não quer fazer seu menino parecer um bobalhão. Opte pelo ângulo de cima pra baixo e com a presença de uma iluminação quente para dar um clima a foto. Procure tons mais opacos para favorecer a pele do seu membro e dar uma coloração saudável. Foco também é importante, a menos que o membro possua alguma verruga e queria omiti-la na foto. O último ponto é o cenário. É como sempre disse Alexandre Frota, um bom pau precisa de um ambiente harmonioso de fundo. Evite tirar fotos do seu pau perto de objetos ou móveis grandes, para não desfavorecer o tamanho do garotão que já não possui grande envergadura. Feito isso, é só mandar pra pessoa amada e aguardar a reciprocidade.		
2	Terminador do futuro	CARTA DO FUTURO PARA JOÃO VICENTE: João, tá ruim a coisa, João! Não pode ficar aí usando essas roupas de quem chegou atrasado do Baile da Vogue, se achando o conceitual, o desconstruído, o contemporâneo. Se liberta dessa moda chinfrim. Ah, e avisa ao Kibe para não fazer aquele implante capilar turco.		
3	Teste	Se você não está pronto para pagar com a língua e fazer tudo que você dizia que não ia fazer, considere usar 2 ou 3 métodos contraceptivos ao mesmo tempo em toda relação. E nem pense em dar like nas postagens de Dia dos Pais dos amigos, que a contagem de espermatozoide começa a multiplicar.		
4	Nasce um papai	Assim como nascem os bebês, também nascem os pais. Uma criatura despreparada pode passar pela gestação e nascer perfeito, outros infelizmente somem, e alguns vivem por aí sustentando uma paternidade fake. O seu pai foi um pai presente ou nem presente ele te dá?		
5	Ménage inseguro	Sinais de quem tem o pau pequeno: pró-armamentista, tira foto de óculos escuros dentro de um carro e não tem coragem de fazer um ménage. Conhece gente assim? Se não conhecer, pode ser você...		
6	O último ativo	Oi, você tem um minutinho para falar sobre um caso de extrema importância, que diz respeito a proteger uma espécie e manter uma linhagem deles ainda na Terra? Talvez você não saiba, mas o Homos Ativicus está em extinção, em breve só haverá Homos Flexivus e Homos Passivus. O que você fez hoje para salvar um ativo?		

7	Present Man	Se você não tem um homem ao seu lado, vai reclamar do quê? Da sua carreira bem sucedida? Da autoestima em dia? Da ótima relação com sua família e da terapia dando super certo? Se não for pra competir desgraça com as amigas, melhor nem começar a conversa!		
8	Jesus hétero	BIIIRLLL!! JESUS SAIU DA CRUZ, PORRA!! O pai tá on, chamaaa!! Aí, tentaram me derrubar? Esquece! Agora não tem pra ninguém!! Partiu resenha no Leblon? Partiu live do Alok? Traz a bebida que pisca! Me beija, gata! #portadosfundos		
9	Nude	Vejo na sua glande que você está propenso a problemas no fígado, melhor cuidar disso. Porém a veia da vida é longa, começando no talo e indo até o prepúcio, isso é um indicativo de longevidade. As marcas no entorno do escroto me dizem que uma morena misteriosa entrará na sua vida, mas você não entrará nela. #portadosfundos		
10	Efeito colateral da vacina	Às vezes um efeito indesejado não é tão indesejado assim, talvez seja realmente algo que você secretamente desejou, algo que você reprimiu. O efeito colateral passa a ser esperado, o adverso vira super agradável. E todo mundo sai feliz! #portadosfundos		

Fonte: O autor, 2023.

3.3 Performatividade da linguagem e do gênero: uma construção teórico-metodológica.

Fazer as articulações de saberes e as bricolagens metodológicas é fundamental nas pesquisas pós-críticas que realizamos. Procedemos em nossas metodologias de modo a cavar/produzir/fabricar a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias (...)

Marlucy Alves Paraíso (2014, p. 35).

Como foi abordado no início deste capítulo, ao pesquisar questões de gênero e sexualidade na cibercultura a partir da perspectiva pós-estruturalista, acredito que minhas escolhas metodológicas não devem recorrer a instrumentos pré-estabelecidos, tendo em vista as especificidades do campo e a transitoriedade de nosso espaço-tempo. Assim como Meyer (2014, p. 50), acredito que “teoria e método são indissociáveis e de que nossas opções metodológicas precisam fazer sentido dentro do referencial teórico no qual as inscrevemos”.

Sendo assim, para auxiliar na construção do desenho teórico-metodológico desse trabalho, no agrupamento e interpretação dos sentidos das masculinidades presentes nos vídeos do canal Porta dos Fundos – sentidos esses que também circulam na sociedade –, irei recorrer à teorização da performatividade, tendo em vista a centralidade da noção de performatividade de gênero neste trabalho (Butler, 2003), e a influência dos pensamentos de Jacques Derrida e da teoria dos atos de fala de John Austin nas construções teóricas de Judith Butler (Rodrigues, 2012).

Rodrigues (2012) argumenta que o conceito de performativo surge a partir da teoria dos atos de fala, tecida pelo jurista inglês, John Austin, e destaca a presença de suas formulações nas obras de Derrida e Butler. Austin divide os atos de fala em constativos e performativos: se por um lado os atos de fala constativos podem ser considerados como verdadeiros ou falsos, por constatarem ou descreverem o estado das coisas, os atos de fala performativos realizam uma ação. Para Derrida (1991, p. 27), “o performativo é uma ‘comunicação’ que não se limita essencialmente a transportar um conteúdo semântico já constituído e vigiado por um aspecto de verdade” e, ainda segundo o autor, o performativo “produz ou transforma uma situação, opera”. Já para Butler (2010) “a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (Butler, 2010, p. 111).

Em *Excitable Speech: A Politics of the Performative*, livro traduzido e publicado no Brasil como *Discurso de ódio: uma política do performativo*, Butler (2021) faz uma longa e detalhada análise sobre a performatividade da linguagem para argumentar sobre as diferentes formas com que os diferentes discursos – mais especificamente o discurso de ódio – e seus efeitos são capazes de ferir os sujeitos. A autora ressalta os efeitos discursivos da linguagem, entendida aqui como “um fazer prolongado, uma performatização com efeitos” (Butler, 2021, p. 21), e desenvolve sua problematização com ênfase no conceito de performatividade, que para ela é uma “ação renovável sem origem ou fins claros” (Butler, 2021, p. 74). Ainda segundo a autora:

Nós fazemos coisas com a linguagem, produzimos efeitos com a linguagem e fazemos coisas à linguagem, mas a linguagem também é aquilo que fazemos. A linguagem é um nome para o que fazemos: tanto ‘o que’ nós fazemos (o nome da ação que performatizamos de maneira característica) como aquilo que temos como efeito, o ato e suas consequências (BUTLER, 2021, p. 22).

O caráter performativo dos atos de fala tem espaço privilegiado na teoria performatividade de gênero de Judith Butler e, também, nas proposições de Jacques Derrida a

respeito da linguagem. Para Rodrigues (2012), o afastamento proposto por Derrida na relação entre significante e significado é de extrema importância para as formulações teóricas de Judith Butler a respeito da performatividade. Para a autora:

O que era uma diferença opositiva na qual o significado poderia ser alcançado pela presença do significante passar a ser, para Derrida, um jogo de remetimentos e referências em que um significante depende do seu anterior e do seu posterior para fornecer algum “sentido”. Significantes passam, assim, a só serem compreensíveis a partir de uma cadeia de significantes, e o significado é aquilo que se dá dentro de uma cadeia de significantes, num jogo de diferenças (Rodrigues, 2012, p. 146).

Em *Discurso de Ódio*, Butler (2021) ressalta esse afastamento entre o significante e o significado para enfatizar o caráter reiterável do discurso. Ela argumenta que “a disjunção entre o enunciado e o significado é a condição da possibilidade de revisar o performativo, do performativo como repetição de sua ocorrência anterior, uma repetição que é ao mesmo tempo uma reformulação” (Butler, 2021, p. 148-149). O mesmo movimento pode ser observado em *Problemas de Gênero*, quando a autora afirma que “se o gênero não está amarrado ao sexo, casual ou expressivamente, então ele é um tipo de ação que pode potencialmente proliferar-se além dos limites binários impostos pelo aspecto binário aparente do sexo” (Butler, 2003, p. 163). Tais movimentos e problematizações da autora nos permite entender que nas enunciações presentes nos vídeos do canal Porta dos Fundos emergem elementos que apresentam potencial performativo que nos auxiliam a repensar e (re)significar os sentidos referentes às masculinidades na sociedade. Para Butler (2021, p. 260), “os performativos não refletem apenas as condições sociais preexistentes, mas também produzem um conjunto de efeitos sociais”.

A força performativa dos enunciados carrega os inúmeros e ubíquos sentidos em circulação sobre a conformação do que se entende sobre masculinidade na sociedade. Afinal “o que acontece nas práticas linguísticas reflete ou espelha o que acontece nas ordens sociais concebidas como externas ao próprio discurso” (Butler, 2021, p. 257). Sendo assim, a semântica presente nos enunciados gera um potencial performativo de (re)significação desses sentidos na sociedade a partir do rompimento com os contextos prévios nos quais eles foram estabelecidos e da geração de uma infinidade de contextos futuros por meio da *différance*. Para Rodrigues (2012), a *différance* pode ser entendida como o efeito desses deslocamentos de sentidos em um movimento constante de diferenciação, em um jogo de referências no qual os significados e a identidade fixa são substituídos pelos efeitos desse processo de deslocamento e significação que acontece de forma contínua e infundável, e que nunca se dá completamente. Ainda segundo

Rodrigues (2012, p. 148), “Derrida trata essa característica da *différance* como jogo que ‘produz’ – as aspas são dele – os efeitos de diferença”.

Em *Problemas de Gênero*, Butler se refere à *différance* como uma dimensão “operativa e ilimitada da linguagem, transformando toda referência em deslocamento potencialmente ilimitado” (Butler, 2003, p. 70). É por meio deste processo constante de deslocamentos da linguagem que Butler propõe o gênero como performativo, como “uma prática discursiva contínua”, aberta a “intervenções e re-significações.” (Butler, 2003, p. 59). Ainda nesse sentido, a autora afirma que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (Butler, 2003, p. 48), abrindo as performatizações de gênero e, conseqüentemente, aos sentidos atribuídos às masculinidades à uma infinidade de contextos de ressignificações.

Tais processos de deslocamentos e ressignificações da linguagem se dão a partir de duas características essenciais de toda marca: citabilidade e iterabilidade (Butler, 2003, 2021; Derrida, 1991). Ao discorrer sobre a ausência inerente a todos os signos, seja essa ausência de um emissor, referente ou destinatário, Derrida (1991, p. 160) argumenta que para um signo se tornar comunicável, é necessário que ele seja repetível, citável, iterável; e, ainda, que é impossível delimitar completamente o contexto de um enunciado. É a partir da ausência inerente a todos os signos, da possibilidade de citação de um enunciado e de sua iterabilidade – entendida aqui como a “repetibilidade do mesmo, mas alterabilidade desse mesmo idealizado, na singularidade do acontecimento” –, que é possível romper com os contextos prévios e adentrar a uma gama infinita de novos contextos, permitindo sua (re)significação. Ainda segundo o autor:

[...] em virtude de sua iterabilidade essencial, pode-se sempre realçar um sintagma escrito fora do encadeamento no qual é tomado, ou dado, sem fazê-lo perder toda possibilidade de funcionamento, senão toda possibilidade de ‘comunicação’, precisamente. Pode-se eventualmente reconhecer outros, inscrevendo-o ou enxertando-o em outras cadeias. Nenhum contexto pode encerrar-se sobre ele. Nem código nenhum, o código sendo aqui ao mesmo tempo a possibilidade e a impossibilidade de escrita, de sua iterabilidade essencial (repetição/alteridade) (Derrida, 1991, p. 21).

Dito isto, parto da premissa de que toda enunciação carrega algum potencial performativo, isto é, de criar/produzir efeitos de realidade com o que se repete e o que se desloca (se reitera); e que os deslocamentos no que se repetem fazem parte da dinâmica da linguagem, da cultura e das disputas, permanentemente atravessadas por relações de poder. Sendo assim, o agrupamento e problematização dos sentidos de masculinidades presentes nos vídeos do canal

Porta dos Fundos se dá por meio de uma leitura dos efeitos performativos presentes nos enunciados, partindo dos sentidos de masculinidade que circulam na sociedade; e, do potencial performativo de (re)significação desses sentidos. Proponho, então, as seguintes linhas de significação: masculinidade tóxica; homem desconstruído; tamanho do pênis; paternidade; e masculinidades dissidentes.

Parto do argumento de que as linhas de uma cartografia *online* servem possibilitam rotas de entrada e saída para múltiplas problematizações. Elas são constituídas por significações e se intersectam com outras linhas, fazendo disparar ideias, problematizações, reflexões e possibilitam pontos de ruptura com determinados fluxos (Carvalho; Pocahy, 2023). Para Carvalho e Pocahy (2020) as “linhas” designam um ponto entrada para múltiplas problematizações e reflexões, e, ao mesmo tempo, um ponto de convergência entre outras problematizações. Para os autores, as linhas não são contínuas ou fixas. Ao contrário, são móveis, flexíveis e se (re)adaptam de acordo com o percurso traçado pelo/a cartógrafo/a. As linhas se constituem através de representações, significações e sentidos que buscam analisar e descrever o contexto em questão. Sendo assim, fui ao encontro do pensamento de Carvalho e Pocahy (2020) para delinear as linhas de análise e problematização em meu processo cartográfico.

As linhas de significação foram agrupadas de acordo com alguns sentidos de masculinidade que correm na sociedade e se mostraram latentes nas enunciações dos vídeos do canal Porta dos Fundos. Vale ressaltar que essas linhas não abarcam todos os sentidos das masculinidades presentes na sociedade, tampouco os sentidos elencados neste trabalho se esgotam nas problematizações que serão feitas a partir dos enunciados dos vídeos, e, ainda, que essa perspectiva não realiza uma leitura essencialista da masculinidade, pois reconhece a heterogeneidade interna da categoria. As problematizações realizadas acerca das linhas de significação serão apresentadas no decorrer do próximo capítulo.

Em um primeiro momento, optei por realizar um agrupamento dos vídeos a partir do sentido de masculinidade mais latente em cada vídeo. Contudo, no decorrer do processo cartográfico percebi que tal agrupamento limitaria a análise, tendo em vista que os sentidos de masculinidades se entrecruzam inúmeras vezes dentro do mesmo vídeo, e uma mesma enunciação pode abranger mais de um sentido de masculinidade. Optei então por não alocar os vídeos em agrupamentos específicos, permitindo assim que as mesmas enunciações possam ser problematizadas a partir dos múltiplos sentidos que produzem.

4 ENUNCIÇÕES DAS MASCULINIDADES NOS VÍDEOS DO CANAL PORTA DOS FUNDOS: ENTRE PROBLEMATIZAÇÕES E REFLEXÕES

4.1 “Qual foi, irmão? Tu amas homem, viado?”: problematizando sentidos de masculinidade tóxica

Como ponto de partida para estabelecer as linhas de significação desta cartografia, utilizei alguns sentidos de masculinidade que circulam pela sociedade e se encontraram latentes nas enunciações de masculinidade presentes nos vídeos do canal Porta dos Fundos. Dentre eles, encontra-se a masculinidade tóxica, que, como afirma Brito (2022), é um tema que, recentemente, tem aparecido de forma recorrente nas discussões sobre masculinidades no Brasil, sobretudo nos movimentos sociais.

Para Castro (2018), as masculinidades tóxicas são as expressões de masculinidade em uma sociedade patriarcal que são pautadas pelo sexismo, machismo e homofobia e geram uma série de consequências negativas para as mulheres, para a sociedade como um todo e para os próprios homens. Nesse sentido, a autora aponta algumas características que são encontradas de forma exacerbada na performatização dessa masculinidade, como a agressividade, o assédio sobre as mulheres, a busca incessante por dinheiro e poder, além da rejeição e desprezo por características atribuídas à feminilidade.

Me aproximando de Castro (2018) e utilizando o referencial teórico da performatividade de gênero como base, entendo a masculinidade tóxica como performatizações de masculinidades normativas em que a reiteração da norma é mais repetida que seus deslocamentos. Contudo, se não existe uma identidade de gênero por trás das performatizações de gênero e se o gênero é performativamente construído, há sempre a possibilidade de mudança nesse padrão de repetição da norma e de (re)significação desses sentidos de masculinidade.

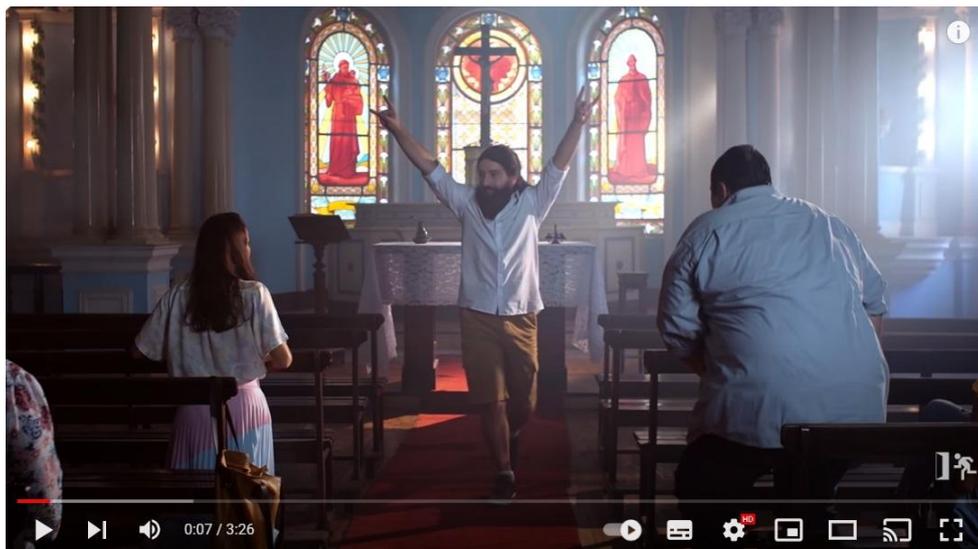
É importante destacar a relação do marcador racial com o modelo normativo de masculinidade, sobretudo no contexto brasileiro. Para Mara Viveros Vigoya (2018, p. 139), “os únicos que puderam se beneficiar totalmente da modernidade foram os homens brancos heterossexuais das classes superiores que monopolizavam as regras do controle moral e o privilégio da honorabilidade”. A autora argumenta que, atualmente, na América Latina, grande parte dos homens pertencentes aos grupos subalternizados, devido a sua raça, classe social ou orientação sexual, são submetidos ao domínio dos homens que estão nos polos dominantes dessas categorias sociais, ou seja, o homem branco, abastado financeiramente e heterossexual.

A primeira transcrição que apresentarei é do vídeo intitulado “Jesus Hétero”. O vídeo retrata o momento mais esperado pelo cristianismo: a volta de Jesus para salvar os fiéis. Entretanto, Jesus aparece como um homem, branco, cisgênero e heterossexual, que performatiza uma masculinidade tóxica, com atos machistas, misóginos, sexistas e homofóbicos. No vídeo, o ator Gregório Duvivier representa a figura cristã de Jesus, cuja performance de gênero hiperboliza determinados aspectos ligados a masculinidade, como apresentados nos trechos a seguir:

Jesus: Qual é, galera? Fala, rapaziada! É nós!
 Homem: Meu Deus, é Jesus?
 Jesus: Eu voltei pra salvar vocês.
 Mulher: Tá diferente!
 Jesus: Diferente? Não tá reconhecendo, não?
 Mulher: Isso é uma bermuda cargo?
 Jesus: É. Da [marca] Taco. Curtiu?
 Homem: É que a gente achava que o Senhor usava túnica.
 Jesus: Porra, eu vou meter uma túnica podendo meter aqui uma Dudalina? Fiz uma parceria com os caras. Tá de graça pra mim.
 Homem: Isso é um sapatênis?
 Jesus: [Se irrita e aumenta o tom de voz] Não pode mais usar nada? Caralho! Vão ficar zoando a minha roupa agora? Oh, não tô mais aturando gracinha não, hein. Da última vez me pegaram desprevenido, acabei na cruz, mas agora vai dar não. Quer ver? Tenta me botar na cruz? Tenta me crucificar porra.
 Jesus abre os braços em direção ao homem devoto, esperando que ele tente o crucificar. Quando o homem se aproxima, Jesus aplica uma guilhotina (golpe de jiu-jitsu) no homem
 Homem: [Gritando de dor] AAAAI.
 Jesus: Olha a guilhotina.
 Homem: [Segue gritando de dor] AAAAI.
 Jesus solta o homem e diz:
 Jesus: Porra. Eu boto pra dormir, irmão. Tá pensando o que?
 Jesus pula, faz um gesto como se fosse pisar com a sola do pé em alguém que está no chão e grita:
 Jesus: [Gritando] POW!

Jesus (apresentado como um homem, cisgênero, branco e com barba por fazer) se apresenta aos fiéis vestindo uma camisa social ¾, uma bermuda cargo e um sapatênis, conforme mostra a **Figura 4**, causando surpresa em seus devotos que não o identificaram prontamente devido a sua vestimenta. Quando interpelado por uma mulher devota se estava usando uma bermuda cargo, Jesus prontamente afirma que sim e informa a marca de bermuda, Taco. Logo em seguida, um homem também surpreso, diz achar que Jesus usava túnica. Jesus novamente responde citando o nome da marca, Dudalina, para se referir a camisa que está usando: “Porra, eu vou meter uma túnica podendo meter aqui uma Dudalina?”.

Figura 4 – Jesus entrando no templo no vídeo “Jesus Hétero”.



Fonte: O autor, 2023.

Se consideramos o gênero como um estilo corporal, como um ato que se constitui performativamente na materialidade dos corpos (Butler, 2003, 2010), podemos inferir que a forma com que nos vestimos é uma expressão de gênero. Além de escolher uma roupa que, aparentemente, lhe confere certo grau de masculinidade por estar em consonância com as expectativas das heteronormas, o Jesus retratado no vídeo cita a marca de suas roupas para corroborar sua masculinidade. Castro (2018) afirma que a busca por dinheiro e poder são atributos que, historicamente, foram designados aos homens a partir de um ideal conservador machista. Essas características foram ganhando, ao longo do tempo, um caráter natural e essencialista. Nos enunciados aqui tratados, a Dudalina aparece como uma marca que, aparentemente, confere certo status social ao sujeito em virtude de sua condição socioeconômica. Dessa forma, dizer que utiliza essa marca é uma forma de reafirmar sua masculinidade por meio de sua condição financeira, tendo em vista que as roupas dessa marca podem ser consideradas relativamente caras no cenário socioeconômico brasileiro.

É importante destacar a forma com que Jesus é representado no início do vídeo (homem, cisgênero, branco e heterossexual), em consonância com o modelo predominante na cultura cristã europeia. Essa representação de Jesus reflete os valores morais atrelados ao cristianismo que, não por acaso, se aproximam do modelo normativo de masculinidade em nossa sociedade. Junto a esses aspectos das performatizações de masculinidade normativas, foram atrelados os aspectos financeiros, para atender a divisão sexual do trabalho e as demandas burguesas surgidas nas sociedades europeias após a revolução industrial. Para hooks (2022), parte do processo de socialização dos homens dentro do patriarcado branco capitalista cristão faz com

que esses sujeitos aprendam que para se considerarem bem-sucedidos é necessário ser o provedor financeiro de seus lares, ser o protetor da família e reprimir seus sentimentos.

Côrrea e Sepulveda (2021) chamam a atenção para as formas com as quais o discurso religioso cristão permeia o pensamento dos sujeitos em relação às performatizações da sexualidade de maneira não-heterossexual, que de acordo com a fé cristã são tidas como pecaminosas. Podemos observar essa relação ao fazer um paralelo com o atentado realizado contra a sede do Porta dos Fundos, no Rio de Janeiro, em dezembro de 2019. A representação de Jesus como um homem *gay* no “especial de Natal” intitulado “A primeira tentação de Cristo”, gerou uma série de protestos de grupos conservadores cristãos, que culminou no atentado contra a sede da empresa. Esse acontecimento, além de ressaltar a relação indissociável *online-offline*, evidencia o caráter performativo dos sentidos mobilizados no ciberespaço e nos oferece indícios para pensar no quanto a heteronormatividade atravessa o discurso cristão.

Ao seguir na conversa, Jesus se irrita com as interpelações dos fiéis e responde de forma agressiva aos questionamentos: “Vão ficar zoando a minha roupa agora? Oh, não tô mais aturando gracinha não, hein. Da última vez me pegaram desprevenido, acabei na cruz, mas agora vai dar não. Quer ver? Tenta me botar na cruz?”. Logo em seguida aplica um golpe de jiu-jitsu em seu devoto. Assim como a busca por dinheiro e poder, a agressividade e a coragem também são atributos que historicamente se constituíram como masculinos (Castro, 2018). A agressividade nas enunciações aqui citadas pode ser observada de diversas formas, que vão desde o aumento no tom/volume da voz a palavras ofensivas, xingamentos, ameaças e violência física.

É importante ressaltar que quando me refiro às enunciações, não me refiro apenas aos significantes falados ou escritos, me refiro também a forma com que foram proferidos, afinal “falar é em si mesmo um ato corporal” (Butler, 2021, p. 25). Para Butler (2021), os atos de fala muitas vezes dizem além do que pretendia ser dito e podem performatizar efeitos imensuráveis. Para a autora “o enunciado performatiza significados que não são exatamente aqueles que são ditos ou, na verdade, não são nem mesmo passíveis de ser ditos” (Butler, 2021, p. 26). Sendo assim, para analisar os possíveis efeitos que um enunciado pode ter é necessário analisar também os contextos no qual o ato de fala é enunciado.

Além da demonstração de agressividade que pode ser observada de diversas formas, ao aplicar um golpe de jiu-jitsu no homem devoto, o personagem que representa Jesus também dá uma demonstração de força e poder, que pode ser observado no diálogo que precede o golpe, em que Jesus diz: “Da última vez me pegaram desprevenido, acabei na cruz, mas agora vai dar não. Quer ver? Tenta me botar na cruz? Tenta me crucificar porra.”. O personagem interpretado

pelo ator Gregório Duvivier faz uma alusão a passagem bíblica em que Jesus é crucificado e afirma que naquele momento foi pego desprevenido, porém, dessa vez está preparado e não deixará isso acontecer novamente. Então, como uma espécie de aviso e uma expressão de agressividade, força e poder, ele aplica o golpe de jiu-jitsu no rapaz. A guilhotina, aqui, age como uma demonstração de masculinidade (tóxica), assim como a agressividade, demonstração de força e poder.

Além de tais atributos que lhe conferem determinado grau de masculinidade, afirmar que pratica determinados esportes também parece ser um importante modo de corroborar sua masculinidade. Tais afirmações podem ser vistas quando o personagem aplica uma guilhotina no rapaz, um golpe de jiu-jitsu, e, também, no decorrer do vídeo, quando dá indícios de que pratica musculação e pergunta para o homem devoto: “Tá malhando pesado?”. Para Brito (2022), as masculinidades construídas a partir de vieses normativos tem algumas práticas esportivas como espaço profícuo para seu desenvolvimento. Vale destacar que embora a prática esportiva seja benéfica para a saúde e traga inúmeros benefícios, os valores em que os esportes, historicamente, foram construídos, são em grande parte machistas e sexistas. Sendo assim, ocupam um lócus privilegiado na construção de masculinidades normativas. Contudo, como professor de Educação Física, aposto na (re)significação desses sentidos para uma prática esportiva que transmita valores igualitários.

Ao seguir na análise dessa conversa, encontramos mais enunciações de masculinidade tóxica:

Homem: Não precisa não, Senhor. Nós te amamos! Eu te amo, senhor!
 Jesus: [repreendendo o devoto] Qual foi, irmão? Tu ama homem, viado? Oh o boiolão... Haaaaaan, sai fora, irmão.
 Mulher: Mas você não ama todos nós?
 Jesus: Tu eu acho que até consigo dar um jeito, gata.
 Jesus se aproxima da mulher e senta no braço do banco
 Jesus: Mas porra, se tu tirar essa pochete aí.
 Jesus começa a rir em tom de deboche, se vira para o outro homem e diz:
 Jesus: Fala tu, parceiro. A pochete dela...
 Mulher: [Se sentindo desconfortável] O que?
 Jesus: Tô zoando, gata. Acho que eu consigo fazer um milagre contigo sim. Vamo lá pra casa, eu e tu? Hum? Eu to com um gim, botei uma garrafa de Hendricks no congelador. A gente corta um pepininho, joga um zimbros, põe Two and a Half Men, temporada antiga, põe canal OFF, pra ver os parceiros surfar. Ar-condicionado no 15.
 Mulher: Quero não, obrigada.
 *O homem se ajoelha na frente de Jesus, tenta pegar em suas mãos e diz:
 Homem: Senhor, oh meu pai...
 Jesus: [irritado] Me larga, porra. Eu to chegando em mulher aqui. Sai fora, irmão.
 Homem: Por favor, eu tava rezando pedindo isso. Eu to com um problema no rim...
 Jesus interrompe o homem: Ih, caralho, isso é alimentação.
 Homem: É, eu sei.
 Jesus: Tá malhando pesado?
 Homem: Não.

Jesus: Pô, aí complica. Tu tá fazendo jejum intermitente?
 Homem: Não sei nem o que que é isso.
 Jesus: Porra, irmão. Os caras não cuidam da saúde e depois querem que Jesus faça milagre. Mas, vai... Eu gostei de tu. Vou fazer um milagrinho pra tu. Vamo lá...
 SHUUN
 Um efeito sonoro de purpurina aparece, Jesus aponta para a bolsa da mulher e fala com ela:
 Jesus: Pronto. Pega a garrafinha d'água que tá na sua bolsa.
 Mulher: Na minha?
 Jesus: [irritado] Não, na minha. Porra. Caralho. Meu pai fez elas mais lentas mesmo, né?
 A mulher pega em sua bolsa uma garrafa transparente com um líquido laranja. Jesus pega a garrafa, entrega para o homem e grita:
 Jesus: POW! BIIIRL... Whey Protein. Pronto, bebe tudinho pra ficar monstro. Pronto, irmão.

Após Jesus se mostrar irritado com as interpelações dos fiéis, aplicar uma guilhotina no rapaz e ameaçá-lo, o diálogo segue com o homem devoto declarando seu amor para Jesus: “Nós te amamos! Eu te amo, senhor!”. Jesus se irrita e prontamente repreende o sujeito: “Qual foi, irmão? Tu ama homem, viado? Oh o boiolão... Haaaaaan, sai fora, irmão”, como mostra a **Figura 5**. Em seguida, a mulher que participa da cena, mostrando-se perplexa com o comportamento de Jesus, questiona: “mas você não ama todos nós?”. As atenções de Jesus, então, se voltam para ela e ele responde da seguinte forma: “tu eu acho que até consigo dar um jeito, gata”, em uma tentativa de cortejar a mulher. Na sequência do diálogo, ainda em sua tentativa de flerte, Jesus desfere uma série de enunciados com o objetivo de ridicularizar e inferiorizar a mulher, tais como “Fala tu, parceiro. A pochetinha dela...”, “Acho que eu consigo fazer um milagre contigo sim”, e, mais à frente na cena, “Meu pai fez elas mais lentas mesmo, né?”.

Figura 5 – “Qual foi, irmão? Tu ama homem, viado?”



Fonte: O autor, 2023.

Casadei e Kudeken (2020) associam a masculinidade tóxica à performatização de masculinidade normativas que geram comportamentos advindos da sociabilidade de uma masculinidade dominante, que se expressam na forma de violência, repressão dos sentimentos, falta de cuidado consigo, machismo, supressão de feminilidade, homofobia, busca incessante por poder, dentre outros.

Na conversa retratada acima é possível observar algumas dessas características da masculinidade tóxica presentes nas enunciações. A repressão dos sentimentos, supressão de feminilidade e homofobia se entrelaçam no trecho em que o personagem de Jesus questiona o homem devoto por amar outro homem, ridicularizando-o e afastando qualquer possibilidade de relação amorosa e demonstração de afeto entre homens: “Qual foi, irmão? Tu ama homem, viado? Oh o boiolão... Haaaaaan, sai fora, irmão.”. Os termos “viado” e “boiolão” são utilizados no enunciado de forma pejorativa pois evocam uma série de contextos em que os termos, historicamente, foram utilizados no Brasil para se referir de forma negativa a homossexualidade masculina e aos homens que escapam as heteronormas, carregando consigo uma série de conotações homofóbicas. Butler (2021, p. 182) argumenta que “a repressão da homossexualidade masculina se torna o pré-requisito para a constituição da virilidade”. Como a virilidade é um aspecto que socialmente confere certo grau de masculinidade aos sujeitos, é recorrente que a repressão da homossexualidade masculina esteja presente em enunciações de masculinidade tóxica, em que a norma é reiterada de forma mais acentuada que seus deslocamentos. Para que o funcionamento das heteronormas se mantenha estável, é necessária a repressão de quaisquer desvios que exponham suas fragilidades e instabilidades.

O termo *viado* vem sendo ressignificado por homens *gays* que buscam se apropriar da expressão, que outrora foi utilizada como uma forma de ofensa, para utilizá-la como linguagem subversiva e se posicionar de forma discursiva enquanto sujeitos que experienciam a sexualidade de forma dissidente das impostas pelas heteronormas. Entretanto, no contexto desse enunciado ele parece romper com essas ressignificações e evocar uma historicidade em que o enunciado foi utilizado de forma ofensiva e injuriosa. Se por um lado o aspecto citacional do ato de fala permite que ele seja citado de forma que reestabeleça “contextos de ódio e de injúria” (Butler, 2021, p. 54), por outro lado aposto nas possibilidades de reiteração desses contextos e na potencialidade performativa gerada pela ressignificação desse enunciado quando utilizado de forma subversiva.

Um processo semelhante de ressignificação de uma expressão pejorativa aconteceu com o termo *queer* nos Estados Unidos. Em uma de suas tradições a palavra é sinônimo de “estranho” e, historicamente, foi utilizada de forma pejorativa para se referir aos sujeitos que

escapam as heteronormas. Contudo, sobretudo a partir da década de 1980, o termo começou a ser reivindicado e ressignificado por esses sujeitos, que se apropriam do termo para se posicionar enquanto sujeitos dissidentes, em aliança no contexto de suas lutas políticas, transformando toda a carga negativa associada ao termo em resistência às normas de gênero. A força performativa da ressignificação do termo ajudou ainda a nomear a teoria *queer*.

Outro aspecto ligado à performance de masculinidade tóxica que pode ser observado no decorrer do diálogo é a forma machista com a qual o personagem de Jesus se refere as mulheres em geral e, principalmente, a mulher que contracenava com ele. Para Castro (2018), o machismo é a expressão utilizada para representar o domínio e poder arbitrário exercido pelos homens sobre as mulheres e pode se manifestar de diferentes formas. Na cena em questão, a assimetria de poder nas relações de gênero se faz presente de diversas formas, e uma delas é na forma com a qual o personagem de Jesus inferioriza as mulheres. No primeiro momento, Jesus direciona a fala para a mulher que está a sua frente e em tom de deboche afirma que ela deve retirar sua “pochete” – termo utilizado no cotidiano para se referir ao acúmulo de gordura cutânea na parte inferior do abdômen. Após se referir de maneira jocosa ao corpo da mulher, Jesus se vira para o outro homem da cena e interpela-o, buscando uma espécie de aprovação masculina para validar a ridicularização do corpo da mulher em questão: “Fala tu, parceiro. A pochete dela...”.

Ao notar que a mulher se mostra desconfortável com a situação, Jesus tenta amenizar, contudo, sempre se referindo a mulher com tom de desprezo: “Tô zoando, gata. Acho que eu consigo fazer um milagre contigo sim.”. Ao afirmar que pode *fazer um milagre* com a mulher, o personagem de Jesus se coloca em uma posição superior a ela, como se estivesse fazendo uma espécie de favor ao desejá-la sexualmente. Por fim, o personagem novamente busca a aprovação masculina para ridicularizar as mulheres, dessa vez, se referindo ao gênero feminino de forma geral: “Meu pai fez elas mais lentas mesmo, né?”.

O machismo e os outros aspectos da masculinidade tóxica retratados no vídeo são apresentados de forma hiperbólica. Para Casadei e Scabin (2021), essa estratégia tem como intuito torná-los cômicos e causar estranhamento no consumidor, promovendo a reflexão. Trazendo para termos butlerianos, o personagem de Jesus aqui apresentado representa uma espécie de paródia de gênero (Butler, 2003), em que os aspectos sociais da masculinidade normativa são apresentados, ironicamente, de forma exacerbada, para mostrar o quão irrisórias são as expectativas de gênero e apontar as instabilidades e fragilidades existentes nas heteronormas. Ao elevar as performances de masculinidade aos níveis irrealis e inatingíveis exigidos pela norma é possível mostrar o quão tóxicas e nocivas elas são. Afinal, como afirma

Butler (2003, p. 197), “a noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é da própria ideia de um original”.

Apresento abaixo o diálogo final do vídeo:

Outro som de relâmpago e fumaça branca aparecem. Surge um homem negro, de túnica, alegando também ser Jesus, e diz:

Jesus negro: Não deem ouvidos a ele. Esse é o demônio disfarçado e quer destruir a humanidade.

Mulher: Quem é você?

Jesus negro: Eu sou Jesus. Eu vim salvar a humanidade.

O homem devoto, com medo, se vira para o Jesus, branco e hétero e diz:

Homem: Ih, senhor, essa Glock tá carregada?

Mulher: Atira nele. Atira nele

Homem: Vai. Vai. Vai.

VINHETA DO PORTA DOS FUNDOS

Ao final, o vídeo traz elementos para pensarmos as questões de gênero a partir da interseccionalidade com os demarcadores de raça e religião. Ao aparecer um homem que também se identificava como Jesus, porém negro, esse homem foi rapidamente repreendido pelos fiéis, que ficaram assustados e mandaram atirar no mesmo. A partir desse diálogo é possível problematizar questões relacionadas a masculinidade de homens negros e, também, problematizar a construção histórica da figura de Cristo, pilar principal do cristianismo, na produção de masculinidades na cultura ocidental. Para Mara Viveros Vigoya (2023) só é possível entender a complexidade no interior das masculinidades por meio da análise de como elas se intersectam com outros aspectos das experiências de vida dos sujeitos, como raça, etnia, classe, dentre outros.

Viveros Vigoya (2018) argumenta sobre a construção histórica sobre as quais os pilares do cristianismo e o modelo normativo de masculinidade se consolidaram na América Latina. A autora ressalta que nas representações imagéticas do catolicismo, o diabo é representado com a pele negra, em contraponto à imagem de Jesus, dos santos e das virgens, que por sua vez são representadas com a pele branca. Para hooks (2022), a cultura patriarcal branca cristã impõe aos homens negros um estereótipo de gênero que desumaniza esses sujeitos. Historicamente, os homens negros foram vistos e representados na cultura ocidental como seres bestializados, como animais violentos, como estupradores, como pessoas sem sentimentos e com instinto

assassino. Esses estereótipos foram impostos e reforçados na cultura ocidental durante a modernidade e perduram até os dias atuais.

Nos enunciados, esses sentidos são mobilizados para confrontar o racismo existente em nossa sociedade. Mesmo com o Jesus, branco, cisgênero e heterossexual tendo apresentado comportamentos violentos, machistas, sexistas, misóginos e homofóbicos, os fiéis o preferiram em detrimento do Jesus negro. Para hooks (2022, p. 127), os “homens negros, sejam eles ricos ou pobres, ainda são apenas bestas demoníacas em forma humana que devem ser caçadas e abatidas”. No vídeo, o simples ato corporal do Jesus negro em se apresentar foi suficiente para que a mulher desejasse que ele fosse alvejado: “Atira nele. Atira nele”. Esses sentidos são mobilizados em tom de crítica ao racismo estrutural e aos estereótipos impostos sobre os homens negros que desumanizam esses sujeitos em nossa sociedade.

Vale destacar aqui que a temática da masculinidade tóxica é uma construção recente nos debates sobre gênero no Brasil. Para Casadei e Kudeken (2020, p. 915), “o termo ‘masculinidade tóxica’ é consagrado mais pelo seu uso popular do que propriamente por uma definição rígida de fronteiras semânticas”. Ao realizar uma breve busca pelo termo “masculinidade tóxica” no Portal de Periódicos da CAPES, o primeiro artigo encontrado que foi publicado no Brasil e menciona o termo é datado de 2018, o que mostra o quão recente é essa abordagem teórica. Diante dessa carência de aprofundamento teórico, o termo se encontra em um ambiente de disputa e sofre certa resistência, principalmente dentro dos movimentos sociais. Quem resiste a utilização do termo, em grande parte das vezes alega que toda expressão de masculinidade é tóxica. Diante desse cenário de disputa me surgem algumas inquietações: toda expressão de masculinidade é realmente tóxica? É possível pensar em performatizações de masculinidades que não sejam tóxicas? Se toda masculinidade é tóxica, existe algum cenário de mudança nesse panorama?

Não tenho a pretensão de responder a todas essas perguntas, contudo, pensar as masculinidades por meio do referencial teórico da performatividade de gênero pode fornecer desdobramentos interessantes para auxiliar a refletir sobre essas questões. A afirmação de que toda masculinidade é tóxica parece remeter a um certo determinismo e essencialismo, do quais os estudos de gênero e o movimento feminista buscam contestar e se afastar desde meados da década de 1960. Ao pensar as masculinidades por meio do referencial teórico da performatividade de gênero, torna-se possível entender a masculinidade tóxica como performatizações de masculinidades normativas em que a reiteração da norma é mais repetida que seus deslocamentos. Sendo assim, a norma sempre será passível de ser deslocada, subvertida.

Em *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*, Judith Butler aborda a importância dos corpos aliados, a necessidade de romper com a política neoliberal – que implica que cada sujeito é responsável unicamente por si – e ressalta a relevância da aliança entre as várias minorias que se encontram em condição de precariedade. Para a autora, a precariedade atua como “um lugar de aliança entre grupos de pessoas que de outro modo não teriam muito em comum e entre os quais algumas vezes existe até mesmo desconfiança e antagonismo” (Butler, 2019, p. 34). Nesse sentido, é válido pensar que a maioria dos homens não consegue atingir os padrões de masculinidade estabelecidos pela norma e é necessário “utilizar uma perspectiva interseccional para dar conta das dinâmicas de gênero que cercam os homens e as diferentes formas de masculinidades” (Viveros Vigoya, 2018, p. 179).

Butler (2019) ressalta a importância da coligação entre as minorias sexuais e de gênero e os sujeitos que se localizam em outras condições de precariedade, como classe social, raça, idade, dentre outros fatores que vulnerabilizam os corpos dos sujeitos. Para ela, o termo precariedade “designa a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, a violência e à morte” (Butler, 2019, p. 40). A exposição comum a fatores de vulnerabilidade deve ser a base para uma aliança política em torno da resistência.

A condição de precariedade é inerente a teoria da performatividade de gênero baseado em dois pontos centrais: (a) as condições que as minorias sexuais e de gênero são expostas ao dissidirem da norma; e (b) os custos psíquicos e somáticos inferidos aos sujeitos que buscam se enquadrar no modelo normativo. A autora argumenta que mesmo os sujeitos que performatizam o gênero de maneira aproximada do modelo normativo, nunca o fazem por completo. E essa aproximação se dá em detrimento de outras dimensões da vida desses sujeitos, tamanha a irrealidade dos aspectos normativos. Lugones (2014) ressalta a potencialidade da coalizão de sujeitos marginalizados, invisibilizados e oprimidos pela norma; a possibilidade de se fortalecer na afirmação enquanto resistência para favorecer a multiplicidade de formas de (re)existência dos sujeitos.

Partindo das proposições de Butler e das formas com as quais os marcadores sociais se intersectam e produzem diferentes arranjos que vulnerabilizam os corpos de formas distintas e assimétricas, acredito ser possível pensar em performatizações de masculinidade que não sejam tóxicas, que busquem romper com o modelo heteronormativo e patriarcal de sociedade, que possam ser aliadas ao movimento feminista na busca pela equidade de gênero. Para isso, é

preciso pensar e valorizar novas formas de performatizar as masculinidades e “promover uma reforma dos afetos e das sensibilidades orientada por uma ética feminista” (Viveros Vigoya, 2018, p. 170).

Para Casadei e Kudeken (2020), a circunscrição do termo masculinidade tóxica, assim como sua representação em determinadas produções culturais, pode ter diferentes efeitos performativos, como a problematização e a desnaturalização de aspectos ligados a esse modelo normativo de masculinidade, ou a manutenção e cristalização desse modelo nas mais diferentes esferas da sociedade. Já Casadei e Scabin (2021), afirmam que representar os modelos normativos de masculinidade de forma cômica e, ao mesmo tempo, apresentar vivências alternativas de masculinidade, pode ser uma importante estratégia discursiva para estimular a reflexão sobre a provisoriade e multiplicidade existentes no interior das masculinidades e, ainda, tensionar a suposta naturalidade e estabilidade dos modelos normativos.

Acredito que ao abordar a masculinidade normativa de forma cômica por meio da paródia, que no caso do vídeo “Jesus Hétero” acentua (nem tanto) os ideais heteronormativos de masculinidade, um dos potenciais efeitos performativos pode ser o tensionamento do suposto ideal estável e inabalável de masculinidade. Para Casadei e Scabin (2021), este modelo de fazer comédia e, ao mesmo tempo, produzir reflexão e autocrítica, consiste em elevar situações do cotidiano ao extremo, a ponto de transformá-las em algo absurdo e causar estranhamento no consumidor (Casadei; Scabin, 2021). Hiperbolizar as expectativas de gênero sobre os homens mostra o quão frágeis, nocivas e até cômicas elas são. Ao tratar de forma cômica esse modelo tido como natural e, em contrapartida, apresentar outras possibilidades de performatizar as masculinidades em outros vídeos, como irei abordar nos próximos tópicos deste capítulo, abrem-se possibilidades de desestabilização desse modelo. Aposto aqui na reiteração da masculinidade tóxica em contextos paródicos para auxiliar a tensionar as heteronormas e, potencialmente, engendrar novos contextos de (re)significação das masculinidades. De igual modo, um dos efeitos performativos da circunscrição da masculinidade tóxica é dar luz ao modelo normativo de masculinidade que está enraizado em no nosso cotidiano, tido como natural, para que assim possamos questionar, problematizar e apontar vivências alternativas.

4.2 Homens em desconstrução: é preciso desconstruir o “homem desconstruído”

A noção de homem desconstruído é uma temática que vem ganhando espaço nos debates recentes sobre masculinidades na sociedade e em algumas produções culturais. Recentemente,

a série espanhola denominada “Machos Alfa”, disponível na Netflix, ganhou popularidade no Brasil abordando a temática da masculinidade tóxica e do homem desconstruído. Outro exemplo, de produção audiovisual que aborda a temática, é a série “Homens?”, produzida pela mesma produtora do canal Porta dos Fundos e disponível no Amazon Prime Vídeo.

Ao analisar o humor de gênero e o consumo de ativismo na série “Homens?”, Casadei e Scabin (2021) explicam que a série apresenta estratégias discursivas que tensionam alguns sentidos de masculinidade tóxica na sociedade, problematizando atitudes machistas, sexistas e homofóbicas dos protagonistas da série de forma cômica. Além de problematizar tais atitudes no enredo, o arco do personagem principal, Alexandre, gira em torno de uma série de autoquestionamentos e autorreflexões sobre seus comportamentos masculinos opressores e a busca pela mudança nesses padrões de repetição. Nesse sentido, o modelo de “homem desconstruído” aparece em oposição às performatizações de masculinidade tóxica (Casadei; Scabin, 2021).

Para Casadei e Scabin (2021), o homem desconstruído representa um modelo de masculinidade do homem consciente, como uma das alternativas ao modelo normativo de masculinidade. Para os/as autores/as, os homens desconstruídos são “conscientes dos privilégios masculinos, preocupados em se tornar homens melhores, dispostos a ser menos violentos e mais empáticos em relação às mulheres e a outros homens” (Casadei; Scabin, 2021, p. 303). Em termos derridianos, a desconstrução aqui citada é “antes de tudo, uma prática de infiltração e hibridação das linguagens que mina as funções normativas e naturalizantes das instituições políticas e sociais, submergindo-as em uma deriva irreversível” (Preciado, 2022, p. 209).

Parto do princípio de que a noção de homem desconstruído pode ser uma das alternativas ao modelo de masculinidade normativa. A concepção de homem desconstruído surge como uma crítica às performatizações de masculinidades normativas em nossa sociedade e como uma possibilidade de quebra nesse padrão de repetição, com homens que performatizam a masculinidade com maior consciência de seus privilégios masculinos e de seus atos. É importante ressaltar que parte dos sentidos de homem desconstruído e de masculinidades dissidentes que circulam na sociedade correm na mesma direção: homens que performatizam a masculinidade de forma dissonante das impostas pelo modelo normativo de gênero. Contudo, as noções de homem desconstruído geralmente se referem à homens heterossexuais. Dessa forma, optei por tratá-los em linhas de significação distintas, mas sem negar suas interconexões, tendo em vista as particularidades constitutivas da intersecção entre a orientação sexual não-heterossexual e os marcadores de sexo/gênero.

Mesmo observando mudanças positivas nas performances de masculinidades heterossexuais contemporâneas, como a do homem desconstruído, é notório o quanto os corpos desses sujeitos negociam constantemente suas performatizações de masculinidade com a heteronormatividade, buscando legitimar sua condição social de “homem” perante as normas. Em outras palavras, mesmo os homens heterossexuais ditos desconstruídos, por vezes performatizam masculinidades muito próximas da norma. Essa aproximação com os aspectos normativos garante a legitimação de suas performatizações de masculinidade, mesmo que elas se afastem da norma em outros momentos. Em contrapartida, quando homens não-heterossexuais apresentam performatizações de masculinidade dissonantes da norma, rapidamente são emasculados perante a sociedade e tem sua aceitação social colocada em xeque.

Sendo assim, tendo como base o referencial teórico da performatividade da linguagem e da performatividade de gênero, proponho pensar, nessa dissertação, as iterações de homens em desconstrução como performatizações de masculinidade de homens heterossexuais em que se buscam os deslocamentos da norma em contraponto às suas reiteraões. Como opção teórica, proponho o rompimento com a expressão *homem desconstruído* optando pela expressão *homem em desconstrução*. Para tal, utilizarei a noção derridiana de desconstrução. Parto do princípio de que a desconstrução é um processo contínuo e, como afirmam Rodrigues e Lobato (2020), o pensamento da desconstrução busca, justamente, criticar e combater a noção de totalidade, de presença plena. Logo, como veremos no decorrer da análise, será necessário desconstruir a noção de homem desconstruído. Essa desconstrução parte do princípio da performatividade como um “movimento permanente de manutenção e subversão das normas, que conserva e ao mesmo tempo supera as regras que estabelece” (Rodrigues, 2019, p. 64). Nesse movimento, a *différance* é lida como uma reinterpretação da realidade, como um jogo que produz diferenças, que transforma e desloca os sentidos de maneira constante e infundável (Derrida, 2013).

Para começar a análise irei recorrer às enunciações presentes no vídeo “Homens?”. O vídeo intitulado “Homens?” tem um aspecto um pouco diferente dos outros vídeos analisados nesse trabalho. Isso decorre do fato de ser uma espécie de chamada para a segunda temporada da série “Homens?”, produzida pelo coletivo Porta dos Fundos e disponível no Comedy Central e Amazon Prime Vídeo. Os dois personagens presentes no vídeo, Gustavo e Alexandre, são personagens existentes na série, que aborda questões referentes às noções de masculinidade difundidas na sociedade, como a masculinidade tóxica e o machismo.

O vídeo em si retrata dois homens em uma chamada de vídeo. Um dos personagens, Gustavo, liga para o seu amigo, Alexandre, alegando precisar de ajuda com urgência. Para

receber um nude de uma amiga – chamada por ele de “Lívia, loira, gostosa” –, Gustavo precisa enviar um nude próprio em troca. Entretanto, o personagem alega que não consegue tirar uma foto nude no momento, pois acabou de gozar virtualmente com outra mulher, chamada por ele de “Tina, morena, gostosa”. Então ele pede ao amigo, Alexandre, que empreste um nude para ele. Após relutar bastante, Alexandre cede e promete que vai enviar uma foto nude para Gustavo, para que esse reenvie a foto para a Lívia e, assim, consiga receber uma foto nude dela. Após receber a resposta positiva de Alexandre, Gustavo pede para que o amigo se preocupe com a angulação e o fundo da foto, para que seu pênis possa parecer grande na imagem.

Segue a transcrição do vídeo:

Gustavo está fazendo uma ligação por chamada de vídeo para seu amigo, Alexandre, que atende e então começa o seguinte diálogo:

Alexandre: Fala, Gustavo!

Gustavo: Fala, Alexandre! Eu preciso de uma ajuda de brother sua, ein.

Alexandre: É dinheiro, Gustavo?

Gustavo: Não. Se fosse dinheiro eu teria te mandando um áudio, não teria te ligado.

Alexandre: É ilícito, Gustavo?

Gustavo: Não, mas é um assunto de vida ou morte.

Alexandre: [Alexandre responde em tom de preocupação] Aconteceu alguma coisa?

Gustavo: Sabe a Lívia, loira, gostosa?

Alexandre: [Alexandre responde frustrado, em tom de deboche] Como é possível que a Lívia, loira, gostosa, esteja envolvida em um assunto de vida ou morte? Ela sequestrou seus pais, Gustavo?

Gustavo: Presta a atenção. Ela ficou de me mandar umas fotos dela pelada agora.

Alexandre: [Alexandre demonstra interesse pelo assunto] É assunto de vida ou morte com a Lívia, loira, gostosa. E aí, o que é que tem?

Gustavo: Só que pra isso eu preciso mandar um nude meu pra ela.

Alexandre: Então manda um nude, caralho.

Gustavo: Aí é que entra a questão delicada dessa ligação. Eu não consigo mandar um nude pra ela agora.

Alexandre: Por que que você não consegue mandar um nude agora? Pelo amor de Deus!

Gustavo: Porque eu acabei de gozar virtualmente com a Tina.

Alexandre: Que Tina? Que Tina?

Gustavo: Tina, morena, gostosa.

Alexandre: [Alexandre fica indignado com a postura de Gustavo] Essa gente não tem sobrenome, Gustavo? Meu Deus!

Gustavo: Eu fico confuso. Fica mais fácil de lembrar assim.

Alexandre: Como é que será que você salvou o nome da minha mãe no seu celular? Hã... fala!

Gustavo: Olha, eu acho que você não ta entendendo a gravidade dessa situação. Eu to exatamente a um pau duro de finalmente conseguir ver a Lívia, loira, gostosa, pelada.

Alexandre: Meu Deus do céu! Você não pode, sei lá, mandar daqui a 30 minutos uma nude sua?

Gustavo: [Gustavo responde em tom de desespero] Ô, animal... não é assim que funciona a troca de nude não. É praticamente uma conjunção astral que pode nunca mais acontecer. Ela precisa tá com tesão no exato momento que eu preciso tá *online* e no precioso segundo em que o meu pau tem que tá disponível.

Alexandre: Ah, você não tem uma foto aí de uma piroca antiga salva no celular?

Gustavo: Não tenho. Eu apago. Eu tenho medo do Snowden ter acesso a isso.

Alexandre: [Alexandre responde em tom irônico] Ah, lógico! O Snowden tá refugiado na Rússia. Ele pode expor o governo americano e o FBI, mas ele vai atrás da piroca do Gustavo que tá no Brasil. Ele é safado! Ele é danado, esse Snowden. Ele gosta é da bagunça mesmo.

Gustavo: Alê, foca aqui, tá? Eu que to precisando de ajuda. Foca aqui.

Alexandre: Hãh?

Gustavo: Me manda uma foto do seu pau?

Alexandre: [Alexandre, cético com a proposta do amigo, em tom de desaprovação] Desculpa, acho que cortou, eu não te ouvi. Fala. Que?

Gustavo: Me empresta um nude seu. Eu preciso de uma foto do seu pau pra se passar pelo meu. É isso.

Alexandre: Gustavo, eu não sei nem como começar a te explicar o porquê que eu não vou mandar uma foto do meu pau pra você.

Gustavo: Olha, não vai aparecer rosto. Ninguém vai saber que é seu.

Alexandre: [Alexandre responde irritado] Gustavo, eu não vou mandar a minha piroca pra você pelo telefone.

Gustavo: Eu apago depois.

Alexandre: Ah, que maravilha! Achei que você ia postar e dar o crédito, caralho.

Gustavo: [Gustavo responde desesperado] Olha, eu acho que você não tá entendendo. Pelo amor de Deus! Eu to numa batalha pra conseguir ver as fotos da Lívia, loira, gostosa, faz tempo. Me ajuda pelo amor de Deus.

Barulho de mensagem chegando no Whatsapp

- Ah lá, ela tá mandando mensagem. Ela ta pedindo pra mandar agora... Alê, eu preciso disso, tá? Eu já zerei o xvídeos. Eu não tô legal, a minha vida tá complexa. Me ajuda!

Alexandre: Eu não acredito que eu vou fazer um negócio desses, meu Deus do céu.

Gustavo: Te amo! Te amo! Te amo! Oh, não esquece o negócio do ângulo pro seu pau parecer grande, tá?

Alexandre: Ô, Gustavo. Eu vou pegar uma foto de piroca minha que tem aqui salvo no meu celular e é isso.

Gustavo: Tá. Me manda umas quatro opções e aí eu escolho a melhor. E vamo ver o fundo, um fundo bom também.

Alexandre: [Em tom de ironia] Lógico! Com certeza!

Alexandre desliga o telefone

Gustavo: Ah, ô Alê, não esquece que de baixo pra cima a ilusão de ótica fica melhor ein.

VINHETA DO PORTA DOS FUNDOS

Antes de iniciar a análise dos sentidos mobilizados é necessário localizar o leitor dessa dissertação acerca dos personagens apresentados no vídeo, tendo em vista que, como já mencionado, o vídeo é uma chamada para a segunda temporada da série “Homens?” e os personagens do vídeo são os mesmos da série, carregando consigo inúmeros sentidos relacionados às suas performances de masculinidade construídos anteriormente. Nos demais vídeos que fizeram parte dessa análise, a historicidade dos personagens começa e termina no vídeo *per se*. Contudo, nesse vídeo a história dos personagens é construída e apresentada ao longo da primeira temporada da série, e os sentidos de masculinidade mobilizados carregam toda uma historicidade e carga contextual pré-existente.

Ao analisar o humor de gênero e o consumo de ativismo na série “Homens?”, Casadei e Scabin (2021) argumentam que, historicamente, a produção de conteúdos de comédia se voltou, em grande parte, para a construção de narrativas que enaltecem a masculinidade hegemônica¹⁹. Essas narrativas se caracterizam por trazer expressões homofóbicas e sexistas, com caráter degradante para as mulheres e para os sujeitos que escapam as heteronormas. Entretanto, a série “Homens?” vai na contramão dessa perspectiva histórica e busca utilizar o humor para abordar o machismo estrutural existente na sociedade, assim como suas consequências negativas para as mulheres e para os homens, propondo reflexões acerca da temática. No enredo, o arco do personagem principal, Alexandre, gira em torno de seu processo de desconstrução, iniciado quando o personagem começa a encontrar dificuldades em manter ereções e procura ajuda psicológica e de amigas para enfrentar esse problema.

Alexandre, então, busca a performatização de uma masculinidade em desconstrução como alternativa às suas performances de masculinidade tóxica/normativa e de seus amigos, incluindo Gustavo. O processo de desconstrução de Alexandre envolve uma série de autorreflexões, autoquestionamentos, e uma busca por auxiliar seus amigos a tentarem se tornar homens mais empáticos, conscientes de seus privilégios masculinos e menos tóxicos em relação às mulheres e a outros homens. Na série, a “identidade que emerge como legítima é a identidade do ‘homem desconstruído’ que, embora se torne autoconsciente em relação aos danos gerados por uma ‘masculinidade tóxica’, não chega a problematizar igualmente todos os componentes da masculinidade hegemônica” (Casadei; Scabin, 2021, p. 299).

A afirmação das autoras, por si só, já nos oferece elementos para pensar que a ótica do homem desconstruído deve ser um processo em permanente desconstrução. No decorrer do vídeo, é possível observar que embora Alexandre se torne mais autoconsciente em relação a suas atitudes, muitas vezes acaba por corroborar com atitudes machistas e sexistas de seu colega, Gustavo. Vale ressaltar que buscar a desconstrução de certos aspectos da masculinidade normativa/tóxica é um avanço em prol de uma sociedade mais igualitária, contudo, esse processo não deve ser exaurir nesse primeiro momento, e sim avançar por meio de novos processos de desconstruções até que tenhamos uma sociedade efetivamente mais igualitária e justa para todos/as. Para Meneses (2013) a própria noção de desconstrução, ou desconstruções, como Derrida gostava de designar, é substituível dentro de uma cadeia de desconstruções,

¹⁹ O termo “masculinidade hegemônica” é utilizado algumas vezes pelas autoras para se referir as expressões de masculinidades normativas, apesar de não mencionar a teorização da masculinidade hegemônica de Raewyn Connell e Michael Kimmel. As autoras recorrem ainda a perspectiva pós-estruturalista em seu texto e utilizam autoras como Judith Butler em seu referencial teórico.

tornando-a uma prática contínua. Os deslocamentos de sentidos dentro da prática desconstrutiva são repetidos de forma regular, buscando desestabilizar os essencialismos e a ótica da presença, recomeçando sempre que há um encontro com a alteridade.

Embora a série “Homens?” forneça elementos para pensarmos o humor como forma de torção da realidade e enfrentamento às performatizações normativas de masculinidade, isso não parece se repetir no vídeo presente nessa análise. No vídeo, o personagem Gustavo apresenta uma série de comportamento problemáticos como, por exemplo, se referir às mulheres como “Lívia, loira, gostosa” e “Tina, morena, gostosa”. Essa maneira de se referir às mulheres é uma forma de objetificação e sexualização das mulheres, atitudes que são amparadas pelo machismo estrutural existente em nossa sociedade, que a todo momento objetifica e sexualiza os corpos das mulheres. No primeiro momento, Alexandre se mostra incomodado com a atitude de Gustavo e o repreende, como observado nos enunciados “essa gente não tem sobrenome, Gustavo?” e “como é que será que você salvou o nome da minha mãe no seu celular?”. Contudo, rapidamente Alexandre deixa de lado a atitude do amigo e a conversa volta para o assunto inicial.

Ao seguir com a argumentação, destaco outra atitude um tanto quanto problemática do personagem Gustavo: expor para Alexandre seus momentos de intimidade com outras mulheres. Tal atitude pode ser vista nos enunciados “presta a atenção. Ela ficou de me mandar umas fotos dela pelada agora” e “porque eu acabei de gozar virtualmente com a Tina”. Embora pareça uma simples conversa entre amigos, as normas que regulam as performances de sexualidade de homens e mulheres na sociedade atuam de forma distinta e oposta. bell hooks (2022) argumenta que os homens são ensinados desde cedo, pelo modelo de sociedade machista e patriarcal, a serem predadores sexuais e, assim, demonstrar apetite sexual constante como expressão de masculinidade. Para hooks (2022, p. 144) “o senso masculino de escassez sexual e uma necessidade quase compulsiva de sexo para confirmar a masculinidade se retroalimentam”. Contudo, para as mulheres (brancas) esse modelo de sociedade, baseado no modelo cristão do ocidente europeu, atua de forma dissonante, exigindo a repressão da sexualidade por parte dessas mulheres, carregando consigo sentidos referentes a pureza sexual e ao puritanismo²⁰.

²⁰ bell hooks (2022) argumenta que sentidos como a pureza sexual e o puritanismo, historicamente, foram atrelados aos corpos de mulheres brancas pela cultura cristã que é predominante no ocidente europeu. Esse modelo foi imposto forçosamente aos países colonizados durante o período de colonização das Américas e África. Em contrapartida, sentidos referentes à hipersexualidade foram atribuídos aos corpos negros, sobretudo os das mulheres, e foram utilizados para “justificar” uma série de violências sexuais cometidas contra essas mulheres durante o processo de colonização e que perduram até os dias atuais.

Não pretendo com essa argumentação corroborar sentidos que aprisionam e limitam a sexualidade das mulheres. Contudo, ao longo das minhas vivências de sociabilização com outros homens no decorrer da vida, pude observar que tais formas de exposição das vivências sexuais por parte dos homens tem como intuito a afirmação de uma masculinidade normativa ao se relacionar com várias mulheres, e acabam por expor essas mulheres à uma série de julgamentos machistas oriundos desses mesmos homens. Larissa Pelúcio (2020) se refere a essa diferença no julgamento distinto das atitudes de homens e mulheres como “dupla moral”. Para ela, “muitas vezes, comportamentos tolerados entre homens não são bem aceitos quando são as mulheres que assim procedem” (Pelúcio, 2020, p. 38). Sendo assim, acredito que a reiteração desse discurso por parte do personagem Gustavo, somado aos outros sentidos de masculinidade normativa carregados em suas falas (como a sexualização e objetificação das mulheres), auxiliam na corroboração das normas regulatórias de gênero. Machado (2023) alerta ainda que quando a troca de nudes escapa do contexto de intimidade entre os sujeitos, acaba por vulnerabilizar, principalmente, os sujeitos que pertencem as “minorias sexuais” – mulheres, homens *gays*, pessoas *trans*, dentre outros grupos. Quando isso acontece, esses sujeitos muitas vezes são expostos a uma série de ataques verbais, psicológicos e até físicos.

Destaco também os sentidos mobilizados que remetem ao tamanho do pênis como significante de masculinidade e que vão ao encontro do modelo normativo. Tais sentidos podem ser observados nos seguintes enunciados: 1 “Oh, não esquece o negócio do ângulo pro seu pau parecer grande, tá?”; 2 “Ah, ô Alê, não esquece que de baixo pra cima a ilusão de ótica fica melhor, ein”. Outro sentido preponderante no vídeo está relacionado às trocas de nudes como performatizações da sexualidade dos sujeitos em tempos de cibercultura e sua relevância durante o período pandêmico. O vídeo “Homens?” foi postado em maio de 2020 e, nessa época, diversas cidades do Brasil se encontravam em período de *lockdown*²¹, o que limitou as interações interpessoais presenciais entre muitos sujeitos que respeitaram o período de quarentena. Como ambos os sentidos – tanto do tamanho do pênis enquanto significante de masculinidade, quanto da troca de nudes como performatizações da sexualidade – apareceram em diversas enunciações nos vídeos que compuseram essa análise, optei por tratá-los em um subcapítulo específico, na seção 4.4.

Para prosseguir com a análise, apresento a descrição do vídeo “Terminador do futuro”:

²¹ Período de confinamento, que restringiu a circulação de pessoas em locais públicos para promover o isolamento físico, utilizado como medida preventiva durante a pandemia da COVID-19. Vale destacar que o *lockdown* funcionou de formas distintas em diferentes localidades. No Rio de Janeiro, cidade em que resido, o *lockdown* se iniciou no dia 26 de março de 2020, com a suspensão do funcionamento de atividades tidas como não-essenciais.

CARTA DO FUTURO PARA JOÃO VICENTE: João, tá ruim a coisa, João! Não pode ficar aí usando essas roupas de quem chegou atrasado do Baile da Vogue, se achando o conceitual, o desconstruído, o contemporâneo. Se liberta dessa moda chinfrim. Ah, e avisa ao Kibe para não fazer aquele implante capilar turco.

Apresento também a transcrição da cena pós-vinheta do mesmo vídeo:

VINHETA DO PORTA DOS FUNDOS

O Fábio Porchat está na tela do seu celular, começando uma live em seu Instagram, quando a conexão é invadida por Max, da Rainbow Tech.

Fábio Porchat: Começando mais uma live... Ih...

A conexão corta e o Max entra na tela do celular

Fábio Porchat: Entrou alguém aqui, o que é isso?

Max: Oi, Fábio. Tudo bem? Eu sou o Max, da Rainbow Tech.

Fábio Porchat: Max, se for negócio de Merchan, eu vou te passar direto pra minha empresária. É mais fácil falar com ela.

Max: Não. Escuta, Fábio. É rápido. É o seguinte: você não é gay, tá? Eu venho do futuro e nós do futuro vimos o seu caso, estudamos, nos debruçamos sobre o seu caso, fizemos testes de DNA, carbono 14... Você não tem isso de ser gay não, tá? Você é só uma pessoa feliz e alegre.

Nesse momento o Fábio interrompe o Max e a fala dos dois começa a se transpor, uma por cima da outra.

Fábio Porchat: Calma. Olha só. Não precisa também tomar medidas tão... Que isso? Quem te falou isso? De onde é que você tirou isso da sua cabeça? Me deixa criar. Me deixa provar do mel, me deixa... [faz um gesto como se quisesse ir embora, ser livre] ... Me deixa brincar nesse campo de orquídea. Pera aí... [Chama outra pessoa] ... Ô, Rogério... Digo, Natalie, vem aqui, rapidinho!

Max: Vai viver sua vida. Esquece piroca, tá? Não é. Você já tá arrumando problema pra gente no futuro. Não. Vai pro Karatê. Vai fazer Karatê. Você é bofe.

Tanto a descrição do vídeo “Terminador do Futuro” quanto a cena pós-vinheta mobilizam sentidos de homens em desconstrução, mas não com personagens, e sim com referências aos atores, sócios e fundadores do canal Porta dos Fundos: João Vicente e Fábio Porchat. Para o/a leitor/a que não está familiarizado/a com os atores, João Vicente aparece no vídeo “Teste”, interpretando o personagem Marcelo, conforme mostra a **Figura 6**. O vídeo em questão será analisado mais a frente, no subcapítulo 4.5, que irá abordar a temática da paternidade. Já o ator, Fábio Porchat, aparece na cena pós-vinheta do vídeo “Terminador do futuro”, como mostra a **Figura 7**, interpretando a si próprio; no vídeo “Homens?”, já abordado nessa seção, como o personagem Alexandre; e no vídeo “Efeito colateral da vacina”, interpretando o personagem Betinho.

Figura 6 – João Vicente interpretando o personagem Marcelo no vídeo “Teste”.



Fonte: O autor, 2024.

Figura 7 – Fábio Porchat atuando no vídeo “Terminador do futuro”.



Fonte: O autor, 2024.

O vídeo “Terminador do futuro”, em sua descrição e cena final, mobiliza sentidos de *homens em desconstrução* para se referir aos atores João Vicente e Fábio Porchat. Tais sentidos circulam pela mídia e sociedade, e são atrelados à homens, principalmente famosos, que performatizam a masculinidade fora do modelo normativo. Outro exemplo conhecido na mídia é o do ator Rodrigo Hilbert, que frequentemente é lembrado por sua performance de masculinidade que escapa às normas regulatórias de gênero. O estudo conduzido por Gonçalves (2023) analisou o processo discursivo em que as enunciações de masculinidade contemporânea

e de homem desconstruído, do ator e modelo, Rodrigo Hilbert, foram ganhando cada vez mais legitimidade social, aceitação e propagação nas redes sociais.

Gonçalves (2023) argumenta que para que as performatizações de masculinidades alternativas possam incorporar atributos tidos como femininos, como o cuidado com a casa, com os filhos, a expressão de afetos, dentre outros, essas performances precisam negociar constantemente com as heteronormas para que possam ser validadas socialmente. No caso de Rodrigo Hilbert, a performance de uma masculinidade em desconstrução é acompanhada de performances que evidenciam aspectos normativos da masculinidade, como enunciações de virilidade, habilidade mecânicas/marcenaria, dentre outras.

Ao seguir com a argumentação, destaco o seguinte enunciado, presente na descrição do vídeo “Terminador do futuro”: “João, tá ruim a coisa, João! Não pode ficar aí usando essas roupas de quem chegou atrasado do Baile da Vogue, se achando o conceitual, o desconstruído, o contemporâneo. Se liberta dessa moda chinfrim”. No enunciado é possível observar uma das formas com que a heteronormatividade busca regular as performances de masculinidade dos sujeitos. O enunciado se refere à João Vicente como alguém conceitual, “desconstruído” e “contemporâneo”, transmitindo o sentido de que o ator performatiza sua masculinidade fora dos padrões tradicionais e normativos. No decorrer do vídeo, que será analisado no próximo subcapítulo, a enunciação mais latente é relacionada às masculinidades dissidentes, o que ajuda a corroborar a premissa de que João Vicente performatiza sua masculinidade de forma dissonante das impostas pelas heteronormas.

Contudo, é atrelado um sentido negativo à performance de masculinidade em desconstrução do ator, como observado nas seguintes enunciações: 1 “João, tá ruim a coisa, João!”; 2 “Não pode ficar aí usando essas roupas de quem chegou atrasado no Baile da Vogue”; 3 “Se liberta dessa moda chinfrim”. Ao entender o gênero como construções sociais produzidas performativamente na materialidade dos corpos (Butler, 2003; Butler, 2010), é possível observar como a forma de se vestir do ator interfere na leitura social e aceitação de sua masculinidade. hooks (2022) argumenta que a percepção social de sucesso dos homens se deve, em grande parte, de atributos materiais, como a forma de se vestir, bens financeiros e até mesmo a aparência física de suas parceiras. No enunciado em questão, essa percepção é colocada em pauta, pois seu modo de se vestir, aparentemente, não condiz com os parâmetros impostos pelas heteronormas. Tais sentidos de homens em desconstrução, quando são reiterados de forma negativa, como no caso da descrição do vídeo “Terminador do futuro”, tem como potencial efeito performativo a corroboração das normas regulatórias de gênero.

Outro sentido mobilizado na descrição do vídeo é de que as masculinidades em desconstrução se referem às formas contemporâneas de vivenciar a masculinidade, em contraponto ao modelo tradicional e normativo. Esse sentido vai ao encontro do pensamento de Gonçalves (2023). Para a autora:

Novas masculinidades. Masculinidades transformadas. Homens desconstruídos. Todos esses termos apontam para propostas de masculinidades contemporâneas que têm como aspecto comum algum nível de contraponto aos projetos tradicionais de masculinidades e virilidade, um dos principais focos de crítica dos movimentos feministas (Gonçalves, 2023, p. 15).

Quando os sentidos mobilizados se referem ao ator Fábio Porchat, parto dos sentidos que circulam pela sociedade e atribuem ao ator uma masculinidade em desconstrução; e parto da premissa de que a enunciação mais latente no vídeo é relacionada às masculinidades dissidentes, tendo em sua descrição sentidos referentes à performatização de masculinidades alternativas. Na cena final do vídeo “Terminador do futuro”, Fábio Porchat está realizando uma live no Instagram, quando a conexão é invadida por Max, da Rainbow Tech. Max afirma que veio do futuro para informar ao ator que ele não é *gay*, mas apenas “uma pessoa feliz e alegre”.

Os sentidos mobilizados nessa cena mostram o quanto a heteronormatividade regula as performances de masculinidades dos sujeitos, não permitindo quaisquer desvios que possam ameaçar a suposta estabilidade interna da norma. Quando um homem performatiza sua masculinidade fora dos padrões impostos pelas normas regulatórias de gênero, rapidamente esse sujeito tem sua heterossexualidade questionada e é lido socialmente como homossexual. A heteronormatividade não permite que sujeitos heterossexuais, como o ator Fábio Porchat²², performatizem a masculinidade de forma com que possam exprimir seus sentimentos livremente, de forma “feliz e alegre”. Isso abala a suposta estabilidade existente no interior da norma. Tais sentidos mostram o quão irrisórias são as expectativas de gênero e o quão frágeis são essas normas.

Para Gonçalves (2023), os sentidos atribuídos às masculinidades aos poucos têm sido ressignificados nas últimas décadas. As concepções mais tradicionais de masculinidade continuam presentes e fortes em nossa sociedade, contudo, na contemporaneidade, passaram a disputar espaço com outras performances de masculinidades que são cada vez mais valorizadas

²² Em entrevista recente, realizada em novembro de 2022, o ator Fábio Porchat falou abertamente sobre sua sexualidade e relatou ser heterossexual. O ator também afirmou que durante inúmeros momentos de sua vida, homens hetero o chamaram de *gay* pelo seu jeito de ser. Disponível em: <<https://bit.ly/3TOmS7k>>. Acesso: 30 set. 2024.

em nosso espaço-tempo. Contudo, tais mudanças não resultaram em alterações significativas nas relações de poder relacionadas a gênero e sexualidade em nossa sociedade, fazendo com que os jogos de verdade se modifiquem e se adaptem às novas demandas de nosso espaço-tempo, exigindo desconstruções e novas estratégias discursivas de resistência. A autora destaca que a performatização de uma masculinidade alternativa, contemporânea e desconstruída, como a do ator Rodrigo Hilbert, vêm encontrando grande valorização não só de mulheres, mas também de muitos homens.

Vale destacar que, devido às relações de poder existentes em nosso espaço-tempo, frequentemente, grande parte dos homens costuma dar mais atenção e legitimidade às reivindicações de outros homens do que de mulheres. Não aponto isso como algo positivo, mas como uma forma de entendermos as relações de poder em nossa sociedade e, diante disso, traçar estratégias discursivas de mudanças nesse panorama, de entender os homens em desconstrução como aliados no processo de mudança social. Tal fato aponta para a responsabilidade de nós, homens, em não reiterar performances de masculinidade normativa, machistas, sexistas, homofóbicas, dentre outras e buscar desconstruir esse padrão por meio de performatizações de masculinidades alternativas e críticas ao modelo heterocentrado e patriarcal que molda as relações de gênero em nossa sociedade. Para hooks (2022), é necessário que os homens desafiem as noções patriarcais de masculinidade para que possam experienciar a masculinidade de forma alternativa e reivindicar uma sociedade menos violenta. Somente dessa forma, com uma postura crítica em relação ao patriarcado, será possível avançar em prol da equidade de gênero em nosso espaço-tempo.

No vídeo “Jesus Hétero”, analisado na seção anterior, o humor é utilizado como forma de torção da realidade para confrontar a heteronormatividade e o modelo tradicional, patriarcal e normativo de masculinidade. Já nos vídeos que abordam a temática do homem em desconstrução esse movimento não é realizado. Nesse subcapítulo pudemos observar que o humor utilizado nos vídeos “Homens?” e “Terminador do futuro”, em alguns momentos, atrelam sentidos negativos as performatizações de masculinidades de homens em desconstrução. Se na seção anterior o que se apresentava como risível era o modelo de masculinidade tóxica/normativa, nessa seção, o que se torna motivo de piadas no vídeo é a masculinidade em desconstrução. Acredito que a representação negativa de formas alternativas de vivenciar a masculinidade pode, de certa forma, auxiliar a corroborar os sentidos normativos de masculinidade que circulam pela sociedade, tendo como potencial efeito performativo a manutenção das heteronormas.

Por fim, ressalto a necessidade de desconstruir a noção de homem desconstruído, do movimento constante de deslocamento de sentidos, de releitura da realidade, da *différance*. Embora performances contemporâneas de masculinidade, como a do homem em desconstrução, sejam um contraponto e um avanço em relação ao modelo de masculinidade normativo, os sentidos mobilizados no vídeo “Homens?” mostram que, mesmo as performatizações tidas como desconstruídas, apresentam aspectos problemáticos. Para Miskolci (2009, p. 154), a desconstrução significa atuar no jogo de ausência/presença e as leituras de mundo “são reatualizadas e reforçadas em todo ato de significação, de forma que estamos sempre dentro de uma lógica binária que, toda vez que tentamos quebrar, terminamos por reinscrever em suas próprias bases”. Sendo assim, é necessário partir desses pontos de ruptura e significá-los novamente, porque a desconstrução necessita de pontos de resistência, mas também de forças dissidentes que atuem em prol dessa resistência.

4.3 Performatizações de masculinidades dissidentes: enfrentamentos e negociações com as heteronormas

Nessa seção de análise, irei discutir os sentidos de masculinidades dissidentes mobilizados nos vídeos que fizeram parte da análise. Silva e Paraíso (2023) entendem as dissidências como formas de performatizar o gênero e a sexualidade que escapam às heteronormas. Tais deslocamentos provocam desestabilizações e resistências contra as normas regulatórias de gênero que buscam cercear e normatizar os corpos, permitindo assim a (re)existência desses sujeitos por meio da diferença que os constitui. No mesmo sentido, Pocahy (2012) aborda a dissidência como formas discursivas de ser/existir enquanto sujeitos que transgridem as normas regulatórias de gênero, que transitam fora da margem da inteligibilidade do que é considerado humano.

Silva e Paraíso (2023, p. 8) argumentam que,

é da ordem da dissidência a cisão, a divergência, a dissenção, a desavença, a contrariedade e o questionamento. Isso porque, nessa perspectiva, recusamos a uniformidade da identidade e do mesmo, os pensamentos cheios, a homogeneidade da coesão, as certezas absolutas, a unidade em detrimento da multidão. É da ordem da dissidência, também, a transgressão, o estranhamento, o deslocamento e a ruptura. Afinal, o que está em jogo, na dissidência, é a vida em seus processos sempre abertos de criação, movimento e reinvenção (Silva; Paraíso, 2023, p. 8).

Parto das proposições acima a respeito da dissidência (Silva; Paraíso, 2023; Pocahy, 2012) e utilizo o referencial teórico da performatividade de gênero (Butler, 2003) para pensar a produção das masculinidades. Dessa forma, utilizo a expressão *masculinidades dissidentes* para me referir às inúmeras enunciações de masculinidade de sujeitos que resistem e escapam às normas regulatórias de gênero, por não se enquadrarem no âmbito da heterossexualidade como norma.

Destaco ainda a relação entre as masculinidades dissidentes e a noção de homem em desconstrução, abordado no subcapítulo 4.2 desse trabalho. Optei por tratá-las separadamente, pois, embora o homem em desconstrução também transgrida as normas de gênero por performatizar sua masculinidade fora dos padrões normativos, a noção de homem em desconstrução que circula pela sociedade está atrelada a homens heterossexuais. Tendo em vista o alto número de enunciações de masculinidades não-heterossexuais nos vídeos e a potencialidade dessas enunciações para desestabilizar as normas regulatórias de gênero, apontando suas fragilidades e ao mesmo tempo agenciando formas de existir e resistir a essas normas, optei por tratá-los em linhas de significação distintas, porém, sem negar suas interconexões. Afinal, como afirmam Silva e Paraíso (2019), muitas vezes as linhas de uma cartografia se entrecruzam, se entrelaçam e interagem entre si.

Para analisar os sentidos de masculinidade dissidentes irei recorrer as enunciações presentes no vídeo “Terminador do futuro”, “O último ativo” e “Efeito colateral da vacina”.

4.3.1 *Terminador do futuro*

O vídeo “Terminador do futuro” começa com o personagem Lúcio fazendo uma chamada de vídeo para a sua namorada. Logo no início, a chamada é interrompida e um homem desconhecido invade a chamada e aparece na tela do computador. Esse homem se apresenta como Max, funcionário da empresa Rainbow Tech, e alega ter vindo do futuro, do ano de 2032, contratado pelo próprio Lúcio, para avisar ao Lúcio de 2020 que ele é gay. A princípio, Lúcio fica inconformado com a situação e diz ser heterossexual, afirmando ter uma namorada e transar com ela com frequência, mas Max o convence a assumir sua homossexualidade. No decorrer do vídeo, Max apresenta uma série de argumentos para convencer Lúcio a assumir que é gay enquanto é novo. Esses argumentos vão da dificuldade em um homem gay assumir sua orientação sexual como homossexual apenas ao ficar “velho”, até a comportamentos de cuidado com a beleza que Lúcio tem e não condizem com as expectativas sociais para um homem heterossexual.

Para iniciar a argumentação a respeito das enunciações de masculinidades dissidentes presentes no vídeo “Terminador do Futuro”, apresento alguns trechos da conversa entre Max e Lúcio:

Lúcio: Pera aí... 2032? Cara, eu só quero fazer uma chamada com a minha namorada, tá? Eu vou desligar aqui. Com licença!

Max: Com licença... Que fofo! Lúcio, cê é gay.

Lúcio: Que?

Max: O você de 2032 nos contratou para que viéssemos contar para a sua versão de 2020 que você é viado. É isso que a Rainbow Tec faz.

Lúcio: Gay? Eu, cara? Como assim? Eu tenho namorada.

Max: Ah, Lúcio. Eu sei o que você sabe que eu sei que você sabe. Eu te conheço não é de ontem. É de amanhã.

Lúcio: Como é que você conseguiu hackear o meu computador?

Max: Tecnologia gay. O meu mundo é uma mistura de Wakanda com The Week. Só da a gente nas tecnologias.

Lúcio: Amigo, eu não sou gay. Eu transo direto com a Ana.

Max: Ah, transa? De olho fechado, pensando no Lázaro Ramos.

Lúcio: Como que você... Quem que te falou isso?

Max: Você disse. O seu “eu” de 2032 tá cortando um dobrado pelo tempo que você tá perdendo aí. Poxa! Imagina começar nessa vida gay já velha, toda acabada, sem colágeno, com as juntas tudo dura. Tendo que aprender o vocabulário todo do início... O pajubá desde o beabá jubá... Lúcio, se livra disso. Pelo amor de Deus! Solta esse topete enquanto você ainda tem o topete.

Lúcio: Mas eu amo a Ana.

Max: Vocês podem ser amigos, Lúcio. Vai ser a fase mais linda de vocês. Vocês vão fazer overdose de GNT em domingo chuvoso. Quando saírem para dançar, não vão precisar ficar dançando hétero, tudo duro, igual boneco de Olinda. Acabou isso, sabe. Vai soltar!

Lúcio: Eu não sei nem como... Isso daí vem ser uma surpresa muito horrível para ela.

Max: Surpresa horrível é tirar quebra-cabeça em Kinder Ovo, Lúcio. Pelo amor de Deus. Olha, namorar um cara que sabe a diferença entre pré-shampoo, shampoo, condicionador e creme pra pentear. Isso tem um preço, não é? Queria o que?

Lúcio: Aah... Você pode pelo menos me ajudar a contar pra ela?

Max: Ai, querido, eu não posso porque eu tô pegada hoje. Eu tenho depois que sair daqui um caso de um menino pra resolver... É... Fábio Porchat, conhece? Um caso grave.

A princípio, a conversa entre Max e Lúcio se desenvolve com Max tentando convencer Lúcio a assumir sua orientação sexual como homossexual. Lúcio, por sua vez, se mostra relutante, afirmando ser heterossexual por ter uma namorada e manter relações sexuais com ela. Max argumenta “Ah, transa? De olho fechado, pensando no Lázaro Ramos.”. A fala de Max nos dá indícios para pensar que mesmo ao transar com sua namorada do chamado “sexo oposto”, Lúcio mantém o desejo sexual/atração por pessoas do “mesmo sexo”. Logo, no modelo dicotômico de gênero e sexualidade que não permite desvios/deslocamentos, Lúcio não deve mais definir sua orientação sexual como heterossexual e sim como homossexual.

É possível problematizar esse discurso de diferentes formas. Para começar, aponto para o discurso da sociedade contemporânea e sua necessidade de enquadrar a sexualidade dos sujeitos em binarismos fixos e estáveis. O fato de a versão do futuro de Lúcio entender sua

orientação sexual como homossexual faz com que ele queira convencer o Lúcio do passado de que ele é *gay*, por sentir desejo/atração por outros homens mesmo estando em um relacionamento amoroso/afetivo com uma mulher. O sentido transmitido nessa enunciação é de que não é possível sentir desejo sexual por pessoas do mesmo gênero durante um período da vida e, ao longo da vida, esse desejo mudar para pessoas do sexo oposto, ou até mesmo ambos os desejos se manterem de forma concomitante. Nessa dicotomia fixa e estável, uma vez heterossexual, o sujeito permanecerá sempre heterossexual. De igual modo, uma vez homossexual, o sujeito permanecerá sempre homossexual. Essa leitura dicotômica e fixa da sexualidade faz com que os sujeitos se enquadrem no modelo normativo e limitem as múltiplas possibilidades corporais de vivência da sexualidade, de fruição dos desejos e de experimentação dos prazeres e afetos de forma livre.

Para que o regime heterocentrado se mantenha estável é necessário que não haja desvios/deslocamentos na linearidade sexo-gênero-desejo (Preciado, 2014). O complexo sistema que regula as performances de gênero e sexualidade dos sujeitos não aceita que homens heterossexuais sintam atração, mesmo que no campo da fantasia, por outros homens. Sendo assim, logo surge a necessidade de Lúcio declarar sua orientação sexual como homossexual, pois, além de sentir atração/desejo por outro homem, existem outros aspectos de sua performance de masculinidade que não condizem com o modelo normativo – que tem a heterossexualidade como norma a ser seguida –, como por exemplo o autocuidado e a preocupação com a beleza. Tal performance e regulação da norma pode ser observada no enunciado a seguir: “um cara que sabe a diferença entre pré-shampoo, shampoo, condicionador e creme pra pentear. Isso tem um preço, não é? Queria o que?”.

O trabalho de Couto Junior e Brito (2018) nos fornece desdobramentos interessantes para pensar as formas com que o regime heterocentrado impõe os limites – e ao mesmo tempo expõe as fragilidades – do sistema de sexo-gênero-sexualidade. Ao conversar no Facebook com um grupo de jovens que integram as chamadas minorias sexuais, os autores discutem a existência de uma “heterossexualidade flexível”, observando como as normas regulatórias de gênero impõe aos sujeitos um modelo fixo e estável de identificação de gênero e orientação sexual, fazendo com que os sujeitos se enquadrem nesse modelo para se tornarem socialmente inteligíveis. Contudo, as incontáveis enunciações de gênero e sexualidade alternativas, “flexíveis”, nos mostram o quão arbitrárias são as heteronormas e apontam possibilidades discursivas para (re)existir e desestabilizar esse modelo.

Partindo desse mesmo diálogo, e da ótica que limita o desejo dos sujeitos às categorias binárias, podemos pensar se em algum momento da vida o desejo/orientação sexual de Lúcio

mudou, fato que aponta para a fluidez da sexualidade e expõe as arbitrariedades das normas regulatórias de gênero. Uma outra possibilidade é de que Lúcio sempre manteve atração/desejo sexual por homens. Essa possibilidade é expressa no vídeo quando a versão de Lúcio do futuro contrata a empresa de Max para avisar ao Lúcio do passado que ele é *gay*. Partindo dessa premissa, podemos pensar no motivo pelo qual Lúcio está “perdendo tempo” em uma relação heterossexual, tendo em vista que já naquela época sua preferência sexual era por homens, como foi apontado no seguinte enunciado “o seu ‘eu’ de 2032 tá cortando um dobrado pelo tempo que você tá perdendo aí”.

Os corpos que não se encaixam dentro da estrutura binária do sistema sexo-gênero-sexualidade se tornam desumanizados, abjetos. A suposta coerência entre sexo, gênero e desejo invisibiliza as discontinuidades de gênero existentes na infinitude de possibilidades discursivas do corpo (Butler, 2003). É válido pensar que mesmo sentindo atração/desejo por outros homens, Lúcio se manteve em uma relação heterossexual para não adentrar na zona de abjeção do humano. Em outras palavras, desde cedo os homens são ensinados pelos inúmeros mecanismos presentes nas heteronormas de que só existe uma forma de vivenciar a (hetero)sexualidade e é por meio da relação com pessoas do chamado “sexo oposto”. Os homens que performatizam as sexualidades dissidentes sofrem inúmeras coerções sociais, colocando seus corpos em uma zona de vulnerabilidade.

Em *Vida Precária: os poderes do luto e da violência*, Butler (2019) argumenta sobre a vulnerabilização dos corpos por meio dos processos discursivos de normatização da vida. Por meio dos discursos normativos, certas vidas se tornam desumanizadas, não passíveis de serem enlutadas, por não se localizarem nos polos dominantes das categorias binárias de sexo, gênero, sexualidade, raça, dentre outras. Dessa forma, seus corpos tornam-se suscetíveis aos mais diversos tipos de violência. Para a autora,

no nível do discurso, certas vidas não são consideradas vidas, não podem ser humanizadas, não se encaixam em nenhum enquadramento dominante do humano, e que sua desumanização ocorre primeiramente nesse nível, e que esse nível, então, dá origem a uma violência física que, em certo sentido, transmite a mensagem de desumanização que já está em ação na cultura (Butler, 2019, p. 54).

Essa vulnerabilidade imposta aos corpos que transitam fora das normatizações de gênero e sexualidade, assim como o processo de subjetivação dos homens, que envoltos pelas heteronormas aprendem desde muito jovem que é errado sentir atração sexual ou demonstrar afeto por outros homens, faz com que os homens negociem constantemente seus afetos e desejos com as normas regulatórias de gênero. Sendo assim, se manter em uma relação

heterossexual, mesmo sentindo desejo por outros homens, pode colocar Lúcio em uma posição menos vulnerável perante a sociedade. Vale destacar aqui que toda essa argumentação girou em torno dos sentidos mobilizados nos vídeos que atribuem à sexualidade um caráter rígido, fixo e estável. Acredito na fluidez da sexualidade e na múltipla possibilidade de vivências dos desejos e afetos (Louro, 1997), não sendo necessário o enquadramento em um ou outro polo do binômio que define a sexualidade dos sujeitos (heterossexual/homossexual), ou mesmo o enquadramento em qualquer outra nomenclatura que busque definir as múltiplas potencialidades de afetos e vivências da sexualidade.

Para seguir com análise, gostaria de discutir a seguinte narrativa do vídeo:

o seu 'eu' de 2032 tá cortando um dobrado pelo tempo que você tá perdendo aí. Poxa! imagina começar nessa vida *gay* já velha, toda acabada, sem colágeno, com as juntas tudo dura. Tendo que aprender o vocabulário todo do início... O pajubá desde o beabá jubá... Lúcio, se livra disso. Pelo amor de Deus! Solta esse topete enquanto você ainda tem o topete.

O fragmento acima aponta para a necessidade de analisar interseccionalmente a importância do marcador etário na vivência de homens *gays*. O sentido mobilizado nesse enunciado transmite a ideia de que é difícil assumir a orientação sexual como homossexual após certa idade, além de carregar uma carga de sentidos negativa atrelada à velhice, que fica expressa ao se referir às pessoas mais velhas como “toda acabada, sem colágeno, com as juntas tudo dura”. Para PocaHy (2012, p. 369), a idade é “como uma categoria política, histórica e contingente, assim como o gênero, a classe social, a sexualidade ou a ‘raça’. Mas não de forma isolada, pois o marcador etário e geracional dificilmente pode ser pensado sem essas intersecções”.

Kimberlé Crenshaw (2004) afirma que, inicialmente, o projeto político da interseccionalidade era incluir os marcadores de raça nos debates de gênero e incluir os marcadores de gênero nos debates raciais. Contudo, a interseccionalidade avançou em um movimento de aproximação e coalisão com diversos grupos minoritários, buscando dar visibilidade e força política para os sujeitos que se encontram nas mais diversas situações de opressão devido a sobreposição de marcadores de diferença, como idade, deficiência, etnia, dentre outros, além de raça e gênero que foram mencionados anteriormente. No vídeo é possível observar como os marcadores de sexo, gênero, orientação sexual e idade intersectam-se e produzem condições particulares de vulnerabilidade na vida de homens *gays* que adentram a velhice.

Para Pocahy (2012), dentro do projeto categorial da modernidade, o fator etário também cria condições de inteligibilidade para os sujeitos. Dessa forma, os discursos normativos que regulam e produzem a vida dos sujeitos estabelecem determinadas possibilidades para cada idade. No caso de homens idosos e *gays*, a vivência da sexualidade parece ser apagada pela norma, que considera esses sujeitos como abjetos. É como se esses sujeitos tivessem sua sexualidade arrancada, subtraída de seus corpos. O marcador interseccional entre velhice e homossexualidade se encontra em uma zona de abjeção do humano, por transgredir tanto as normas regulatórias de gênero quanto as normas que regulam e produzem o discurso a respeito do envelhecimento. Contudo, performances alternativas surgem de forma marginal e carregam sentidos que, de certa forma, corroem as normas fazendo (re)existência dentro de suas impossibilidades perante a norma.

Concordo com Pocahy (2012) e aposto na resignificação desses sentidos que atrelam os corpos de homens *gays* que adentram a velhice como abjetos. O discurso presente no vídeo “Terminador do futuro” parece corroborar os sentidos que circulam em nossa sociedade, que atrela a sexualidade de homens *gays* a algo negativo é repetido pela citabilidade do ato de fala, carregando consigo toda a historicidade do ato de fala e resgatando assim toda a carga semântica atrelada a ele no passado. No entanto, nesse vídeo ele é reinserido em contextos que corroboram toda essa carga semântica, sem promover deslocamentos ou traçar rotas de ruptura. Quando esse movimento é realizado, ao invés de resignificação, o performativo acaba por ratificar os sentidos negativos que circulam em nossa sociedade.

Seguindo com o diálogo, o personagem Lúcio diz não saber como contar para a sua respectiva namorada que é *gay* e que ela ficará surpresa com a notícia. Nesse momento, Max prontamente o repreende: “surpresa horrível é tirar quebra-cabeça em Kinder Ovo, Lúcio. Pelo amor de Deus. Olha, namorar um cara que sabe a diferença entre pré-shampoo, shampoo, condicionador e creme pra pentear. Isso tem um preço não é? Queria o que?”. Aqui é possível observar uma das formas com que as heteronormas ditam o comportamento dos homens na sociedade, reprimindo quaisquer atitudes que possam ser associadas de alguma forma com a feminilidade e, como consequência, com a homossexualidade. No enunciado em questão, as normas regulatórias de gênero agem quando há a dedução de que Lúcio é *gay* por saber a diferença entre pré-shampoo, shampoo, condicionador e creme para pentear. Comportamentos como o autocuidado, preocupação com a beleza, dentre outros, vão na contramão dos comportamentos esperados pelo modelo normativo de masculinidade e, dessa forma, são tidos como atributos femininos.

Seffner (2013) argumenta que a construção das masculinidades se dá de forma concomitante com a construção de atributos de feminilidade, dos quais os homens buscam se distanciar ou inferiorizar. Para o autor, desde a mais tenra idade, quando um menino apresenta um comportamento que fuja dos ideais normativos de masculinidade ou apresente algum atributo tido como feminino, logo esses comportamentos são reprimidos, pois são vistos como o primeiro passo em direção a homossexualidade. Os sentidos mobilizados no vídeo vão ao encontro dessa afirmação, pois um dos motivos para o Lúcio ter sua suposta heterossexualidade questionada é a preocupação com o autocuidado e aspectos referentes à beleza, atributos esses que são tidos como femininos.

4.3.2 *O último ativo*

Continuando a análise, irei apresentar algumas partes da transcrição do vídeo intitulado “O último ativo”, postado em 2020 no canal. O vídeo relata o momento em que um homem do futuro, Sorayo, volta ao passado e entra em contato com Léo para tentar pegar uma amostra de seu DNA e fazer uma vacina “pró-ativo”, pois Léo é o único homem “ativo” que restou no futuro. No decorrer do vídeo, Sorayo idolatra Léo por ser o último “homem ativo” no futuro. Sorayo também demonstra certo incômodo com o fato de homens *gays* explorarem sua sexualidade fora da linearidade homem-ativo-penetrante, imposta pelas heteronormas. Segundo ele, nossa época está vivendo um movimento em que *as bichas* começaram a ser *versáteis*, deixando de lado a obrigatoriedade de uma suposta fixidez nos desejos sexuais, experienciando-os de forma fluida. Tal fato é denominado como “A grande peste” e acabou com os “ativos raízes” – homens que mesmo escapando das expectativas de sexo-gênero-desejo por serem *gays*, encontravam certo grau de aceitação ao experienciar seus desejos sexuais dentro da expectativa homem-ativo.

Sorayo: Famoso? O senhor é o último ativo, amore.

Léo: Hãn?

Sorayo: É.. Nós temos templos com seu nome, com a sua vida nos vitrais. Nós temos monumentos com o seu corpo esculpido, feriados em sua homenagem, nós temos filmes, novelas sobre o senhor. Meu Deus!

Sorayo: Esse dia na semana que vocês no passado chamavam de... “sabadó”?

Léo: [Léo corrige] É, sábado?

Sorayo: Sábado. Então, nós chamamos de Léo *Day*. É o dia que todas nos unimos pra louvar o seu nome, pra ir nas praças públicas pregar a sua palavra. Pra tentar convencer as outras passivonas a se tornarem ativas também. Mas, infelizmente, não tem dado certo.

Léo: Como assim, cara? O que que eu tenho demais?

Sorayo: O senhor é o último ativo que existiu.

Léo: Eu?

Sorayo: Sim. Arqueólogos do futuro descobriram o seu perfil no Grindr. Eu acho linda aquela passagem em que o senhor diz: “Sou romântico, porém soco fundo”. E uma berinjelinha.

Sorayo: [chora de emoção] Eu tatuei isso. Isso é muito lindo. Dia 25 de fevereiro é o nosso Nataléo. É a festa mais importante, quando todas nos juntamos pra trocar perus e comer presentes.

Léo: É... seguinte, Sorayo. Eu acho que você vai ficar chateado com o que eu vou falar aqui, mas eu não sou o único ativo, tá? Inclusive, eu tenho amigos que são. Vários.

Sorayo: Hum... Será? Será mesmo? Será que eles não são versáteis?

Léo: Sei lá. Daí eu já não sei né.

Sorayo: É porque mais ou menos nessa sua época, oh, grande Léo, começou uma moda de ser versátil. Aquelas bichas que dão, que comem, que elas fazem tudo. E isso acabou virando uma grande onda que nós do futuro chamamos de “A grande peste”, que acabou com todos os ativos só ativos, ativos raízes mesmo, sabe? E aí no futuro estamos todas quebrando louça e esfregando bunda.

Sorayo: Veja bem, não tem problema nenhum em ser passiva, sabe? É que isso acabou criando um desequilíbrio na flora e na fauna dos viados.

Léo: Caralho, cara. Então no futuro todo mundo é gay?

Sorayo: Quase todo mundo, graças a Globo. [faz um sinal de crucifixo] Plim plim.

Sorayo: Mas nós temos ainda alguns héteros também que nós criamos numa espécie de Matrix conservadora. Pra criar gado, pra procriação. Esse lugar chamamos de Paraná.

Léo: Cara, você veio aqui só pra me falar isso?

Sorayo: Não. Na verdade eu voltei pra pegar um pouco do seu DNA. Nós vamos fazer uma vacina pró-ativo. Sangue de Léo tem poder!

Léo: Sai fora, cara! Não vai colher nada de mim não.

Léo: E daí eu não vou poder ser passivo se eu quiser?

Sorayo: O senhor tentaria dar o (ânus)...

Léo: Se na hora eu estiver afim, se fizer com jeitinho.

Sorayo, decepcionado e com pressa, pega seu celular, disca um número e faz uma ligação.

Sorayo: Alô, base. Chegamos tarde demais. Acho que a peste foi mais rápida. Ou então ele não tá entendendo a nossa linguagem. Eu vou usar um dialeto do passado.

Sorayo: Psiu, psiu... Rapaz, quer ganhar um tênis?

O principal sentido mobilizado no vídeo “O último ativo” é referente a preferência sexual de Léo e de outros homens *gays*, representadas pelas expressões “ativo” e “passivo”. Os termos são utilizados para designar os desejos sexuais de sujeitos que performatizam sexualidades dissidentes. Contudo, é possível observar a atuação das heteronormas regulando e normatizando até mesmo as relações de sujeitos que mantêm relações sexuais/afetivas não-heterossexuais. Uma das formas de regulação se mostra presente no binarismo ativo/passivo, que tem como pressuposto as relações heterossexuais e a ótica homem-ativo-penetrante e mulher-passivo-penetrada, fazendo com que os sujeitos se enquadrem nos binarismos fixos e estáveis das normas regulatórias de gênero.

Para Couto Junior e Brito (2018), é possível observar as citações de fixidez das heteronormas mesmo em enunciações de masculinidade que deslocam os sentidos normativos, como por exemplo a necessidade de homens *gays* em se enquadrar enquanto sujeitos ativos, passivos ou versáteis em seus relacionamentos sexuais/afetivos. Esse enquadramento dentro

das normas regulatórias de gênero pode ser observado inúmeras vezes no vídeo. Para exemplificar, destaco aqui alguns enunciados: 1 “O senhor é o último ativo que existiu”; 2 “Será que eles não são versáteis?”; 3 “E daí eu não vou poder ser passivo se eu quiser?”; 4 “acabou com todos os ativos só ativos, ativos raízes mesmo, sabe?”.

Gostaria de destacar a seguinte de Sorayo para problematizar os sentidos de “ativo”, “passivo” e “versátil” mobilizados no vídeo:

é porque mais ou menos nessa sua época, oh, grande Léo, começou uma moda de ser versátil. Aquelas bichas que dão, que comem, que elas fazem tudo. E isso acabou virando uma grande onda que nós do futuro chamamos de ‘A grande peste’, que acabou com todos os ativos só ativos, ativos raízes mesmo, sabe? E aí no futuro estamos todas quebrando louça e esfregando bunda.

Além de se enquadrar nos termos da heterossexualidade como norma, aparentemente, se denominar como ativo/passivo/versátil parece fornecer certo tipo de hierarquização que define certo grau de masculinidade aos homens *gays*. Os sentidos mobilizados no vídeo trazem uma conotação positiva para o termo “ativo” e, ao mesmo tempo, trazem conotação negativa para os termos “passivo” e “versátil”, mostrando essa forma de hierarquização. Tal fato deve-se às expectativas heteronormativas que impõe aos sujeitos o enquadramento dentro da linearidade homem-masculino-heterossexual-ativo. Sendo assim, mesmo homens que não vivenciam relações heterossexuais parecem encontrar maior legitimidade na norma e sofrer menos coerções sociais ao se identificarem como ativos, daí a necessidade de Sorayo em buscar “os (homens) ativos só ativos, ativos raízes mesmo”.

Por outro lado, vemos a atribuição de sentidos negativos aos homens “passivos” e “versáteis”. Segundo Sorayo, a onda em que começou a surgir “aquelas bichas que dão, que comem, que elas fazem tudo” foi denominada de “A grande peste”. Essa denominação *per se* já traz uma grande carga de sentidos negativos para os termos, contudo, Sorayo continua sua argumentação afirmando que “estamos todas quebrando louça e esfregando bunda”, conforme mostra a **Figura 8**. A expressão “quebrar louça” é, frequentemente, utilizada de forma pejorativa na sociedade para se referir a casais homoafetivos em que ambos os sujeitos se denominam como passivos ou, no caso de homens *gays*, ambos são afeminados. Na ótica heteronormativa, dois sujeitos passivos não podem ter relações sexuais pois não há um penetrante, e sem um penetrante é inconcebível qualquer ato sexual, dessa forma resta aos sujeitos “quebrar louça”. De igual modo, a expressão “esfregar bunda” carrega o mesmo efeito pejorativo e um sentido muito parecido. Ambas as citações aparecem no vídeo sem serem reiteradas em contextos que possibilitem deslocar e ressignificar esses sentidos. Sendo assim,

tais reiteraões tem como potenciais efeitos performativos a corroboração dos sentidos negativos atrelados a elas.

Figura 8 – Quebrando louça e esfregando bunda



Fonte: O autor, 2024.

Preciado (2022) argumenta sobre a arbitrariedade que faz com que os órgãos reprodutores sejam intitulados como órgãos sexuais em nossa sociedade e sobre a necessidade de romper com os parâmetros da heterossexualidade enquanto norma, assim como a definição de ativo e passivo, e valorizar as práticas sexuais classificadas como abjetas para desestabilizar o regime heterocentrado. O autor nos alerta que os órgãos sexuais não são naturais. Nossa concepção de órgãos sexuais faz parte da tecitura biopolítica que identifica os órgãos reprodutores como centro da produção de prazer e sexualidade dos corpos, limitando as zonas erógenas e as práticas sexuais de acordo com relações heterossexuais.

O autor aposta no que ele denomina de práticas contrassexuais para questionar a forma com que os órgãos sexuais são significados na sociedade contemporânea, incluindo a redução das zonas erógenas e a sexualidade dos corpos reduzida aos órgãos reprodutores. Nesse sistema, a sexualização e erotização dos órgãos reprodutores funcionam como artefatos tecnológicos biopolíticos em prol da manutenção da heterossexualidade como norma. De igual modo, algumas partes do corpo, como o ânus por exemplo, são consideradas como não sexuais, e práticas sexuais que fogem dos intuitos reprodutivos (heterossexuais) são qualificadas como perversas (Preciado, 2022).

O processo que parece conceder maior grau de masculinidade aos sujeitos que, embora performatizem sexualidades dissidentes, conseguem negociar com alguns aspectos da norma ao se enquadrarem dentro da expectativa do homem-ativo; em contraponto, esse aspecto atua

de forma reversa com os homens passivos. Se esses homens já transgridem a heteronormatividade ao ter relações sexuais/afetivas com outros homens, quando eles quebram a expectativa do homem-ativo e se identificam como passivos, o que seria uma característica atribuída as mulheres, esses homens estão transgredindo a norma novamente e, dessa forma, parece que mais um pouco de sua masculinidade é subtraído perante a sociedade. De igual modo, o homem versátil, que transita entre o ativo e o passivo, desafia a heteronormatividade triplamente, pois não vive uma relação heterossexual, não se identifica como ativo e, ainda, confronta a fixidez e estabilidade do binômio ativo/passivo.

Continuando com a análise dos sentidos mobilizados, destaco o seguinte enunciado “arqueólogos do futuro descobriram o seu perfil no Grindr. Eu acho linda aquela passagem em que o senhor diz: ‘Sou romântico, porém soco fundo’. E uma berinjelinha”. Ao analisar conversas *online* com homens *gays* que fazem uso do aplicativo Grindr, Ruani, Couto Junior e Brito (2021) identificaram o *emoji* de berinjeleira sendo utilizado como forma de representação de uma masculinidade normativa e idealizada pelos usuários do aplicativo. Através das significações do *emoji* trazidas pelos sujeitos, percebe-se que ele é utilizado para fazer referência a um tamanho de pênis avantajado, virilidade ou a condição de ativo penetrante durante a relação sexual. No contexto do vídeo “O último ativo”, o *emoji* de berinjeleira e a condição de ativo são exaltados por Sorayo, reforçando novamente o caráter hierarquizante e masculinizante em que a posição de ativo coloca os sujeitos perante outros homens *gays*. Ressalto ainda a importância da relação indissociável do *online-offline* que gera múltiplas significações nas redes por meio das vivências cotidianas de gênero e sexualidade dos sujeitos.

Outro fator que parece corroborar com as expectativas das heteronormas e outorgar certo grau de masculinidade aos sujeitos considerados “ativos”, quando comparados aos sujeitos considerados “passivos” e “versáteis”, é o gênero de linguagem utilizado para se referir aos significantes. Quando o significante “ativo” é utilizado nos enunciados em questão, ele aparece sempre no gênero masculino. Já quando os significantes “passivos”, “versáteis” e suas variações são reiterados no enunciado, na grande maioria são utilizados no gênero feminino, como nos seguintes exemplos: 1 “pra tentar convencer *as outras passivonas* a se tornarem ativas também”; 2 “começou uma *moda de ser versátil: aquelas bichas que dão, que comem, que elas fazem tudo*”; 3 “e aí no futuro *estamos todas* quebrando louça e esfregando bunda (ao se referir às ‘passivas’ e ‘versáteis’); 4 “não tem problema nenhum em *ser passiva*, sabe?”.

Para Derrida (1991), a cadeia de significantes é o que compõe o sentido do discurso. Nos discursos presentes no vídeo, a cadeia de significantes parece corroborar a heteronormatividade ao reiterar a historicidade da norma que prevê uma suposta linearidade na

expectativa homem-masculino-ativo-penetrante e mulher-feminina-passiva-penetrada. Ao identificarem-se como passivos ou versáteis, os homens não-heterossexuais rompem essa linearidade e apontam as fragilidades e instabilidades presentes nas normatizações de gênero. A norma, por sua vez, adequa esses sujeitos ao outro lado desse binômio, colocando-os na condição feminina, o que parece emascular esses sujeitos e colocá-los em uma posição hierárquica mais baixa em relação aos homens não-heterossexuais que performatizam a sexualidade na condição de “ativos”.

Ressalto que a identificação com o gênero feminino e a condição de passivos/versáteis muitas vezes são utilizadas pelos sujeitos como forma de resistência e de reafirmação de sua identificação de gênero e sexualidade. Contudo, no discurso presente no vídeo, esse não parece ser o caso. A identificação feminina dos sujeitos na condição de passivos/versáteis nos enunciados me parece mais um enquadramento dentro das heteronormas do que uma autoidentificação como forma de resistência. Tal fato decorre de uma série de sentidos transmitidos ao longo dos enunciados que inferem conotação negativa aos termos, como por exemplo a utilização das expressões pejorativas “quebrar louça” e “bicha” que são citadas sem serem resignificadas.

Butler (2021) destaca o senso de responsabilidade de quem enuncia tais discursos, resgatando assim toda a historicidade carregada junto ao ato de fala:

Eu diria que a citacionalidade do discurso pode contribuir para aumentar e intensificar nosso senso de responsabilidade. Quem enuncia o discurso de ódio é responsável pela maneira como ele é repetido, por reforçar esse tipo de discurso, por reestabelecer contextos de ódio e de injúria (Butler, 2021, p. 54).

No vídeo “O último ativo”, destaco a reiteração do termo “viado” de forma discrepante da utilizada no vídeo “Jesus Hétero”. No vídeo “Jesus Hétero” o termo é citado e reiterado em forma de ofensa, restaurando um contexto que ao longo dos anos buscou subjugar, oprimir e ofender homens *gays* ou tidos como afeminados, carregando consigo uma historicidade negativa. Contudo, o termo vem sendo resignificado e reiterado em contextos em que é utilizado como forma de afirmação de uma identificação e orientação sexual, como no caso do vídeo “O último ativo”. Aqui, o caráter da citabilidade permite que o enunciado seja repetido e resgate toda sua historicidade, porém, a iterabilidade da linguagem permite que o termo seja reinserido em contextos de afirmação, luta e resistência contra os insultos homofóbicos que outrora fizeram uso do termo como algo pejorativo. Para Butler (2021, p. 74) “a possibilidade

política de retrabalhar a força do ato de fala para combater a força da injúria consiste em apropriar-se da força do discurso deturpando-a desses contextos anteriores”.

Em contrapartida, o significante *bicha*, que carrega uma carga semântica semelhante ao termo *viado*, é utilizado no enunciado para se referir aos homens *gays* que performatizam sua sexualidade na condição de “passivos” ou “versáteis” de forma negativa, como mostra o enunciado “começou uma moda de ser versátil. Aquelas bichas que dão, que comem, que elas fazem tudo. E isso acabou virando uma grande onda que nós do futuro chamamos de “A grande peste”. A reiteração do termo nesse contexto, não apenas transmite um sentido negativo para a palavra *bicha*, como também resgata toda a historicidade de contextos em que o termo foi utilizado de forma ofensiva para se referir aos homens não-heterossexuais ou tidos como afeminados.

4.3.3 Efeito colateral da vacina

Por fim, discuto a seguir os enunciados presentes no vídeo “Efeito colateral da vacina”. O vídeo é sobre um homem, Betinho, que liga para o seu amigo, Marcinho, para saber como o amigo está e acaba relatando que a dose da vacina contra a COVID-19 apresentou um efeito colateral nele: o desejo de fazer sexo oral em outros homens. Seu amigo, Marcinho, tenta convencê-lo de que essa vontade não é efeito colateral da vacina, e sim uma vontade reprimida de Betinho. Para seguir com a argumentação, apresento a descrição do vídeo, que fornece elementos interessantes para ratificar esses sentidos mobilizados no vídeo:

Às vezes um efeito indesejado não é tão indesejado assim, talvez seja realmente algo que você secretamente desejou, algo que você reprimiu. O efeito colateral passa a ser esperado, o adverso vira super agradável. E todo mundo sai feliz! #portadosfundos

Apresento também o diálogo entre os personagens:

Um homem, Marcinho, está sentado no sofá jogando videogame, quando seu telefone toca. O homem para o jogo e atende o telefone:

Marcinho: Alô?

Betinho: Fala, Marcinho! Como é que você tá, meu camarada?

Marcinho: [entusiasmado] E aí, meu brother? Como é que tá, Betinho? To felizão aqui, irmão. Tomei minha vacina, porra.

Betinho: [entusiasmado] Graças a Deus. Eu também tomei, pô. Faz dois dias que eu tomei.

Marcinho: [entusiasmado e dançando] Opa. É o bonde da vacina, irmão. Daqui a pouquinho estamos voltando pras nossas festinhas. Tudo ao normal, graças a Deus.

Betinho: Ai, caralho. É isso aí, porra. Algum efeito colateral ou não?

Marcinho: Cara, nada demais. Assim... fiquei meio chumbado né. Dor de cabeça... Tranquilo, e você?

Betinho: Não. Eu só chupei um pau, mas tô de boa.

Marcinho: [Assustado com a resposta do amigo] Calma aí. Tu chupou um pau ontem por causa da Astazeneca? É isso que você tá falando?

Betinho: Então, essa que foi a minha merda. Eu não tomei a Astrazeneca, eu tomei a da Globo.

Marcinho: Da Globo o que? Rede Globo?

Betinho: De televisão, meu camarada. Cheguei no posto tão fissurado pra tomar a vacina que eu só levantei o bracinho, assim, ergui pra moça. Aí ela deu, e aí é que eu fui falar: “que será que foi eu tomei?”. Eu sei que eu acordei hoje de manhã com uma sedência de uma giromba daquelas latejantes, pulsantes, gordolona, bonita...

Marcinho: Porra, Beto. Mas nem existe vacina da Rede Globo, cara.

Betinho: Pô, não tá sabendo dela não?

Marcinho: Não, fiquei sabendo não, pô.

Betinho: Cara, essa vacina é um acordo que a Globo tem com a China pra implantar gene comunista, gayzista, dentro da gente. É...

Marcinho: [Balançando a cabeça negativamente, reprovando a fala do amigo] Vem cá. E tu conhece mais alguém, além de você, que tomou essa vacina?

Betinho: Porra, muita gente. Ontem mesmo eu tava mamando um rapaz lá na sauna... Não tem aquela termozinha que tem ali num prédio comercial ali em Ipanema? Éramos em 15, uns rapazes ombrudos, assim, com uns mamilão rodeludo... E eu tava lá na mamação, eu até falei: “quem aqui tomou a da Globo?”. Aí varada na cara e o pessoal: “Eu! Eu! Eu!”. “Põe o dedo aqui que já vai fechar”, com o piru a gente fez.

Marcinho: Porra, meu brother. Tu foi enganado, irmão. Não tem essa porra aí de chupar pau, de virar comunista por causa da vacina não. E outra, essa vacina nem existe. Porra, Betinho. Tu é um cara vividão, vai cair um papo furado desses, meu irmão?

Betinho: Ah não é possível. Como é que não existe? Hoje eu acordei com uma sedência de chupar piroca.

Marcinho: Porra, Beto. Eu acho que isso aí é uma vontade interna sua que tá aflorando. Não tem problema nenhum. Mas não tem nada a ver com a porra da vacina, cara.

Betinho: Será? Mas não é possível isso, bicho. Será?

Marcinho: Olha só, faz o seguinte: pega tua carteirinha de vacinação aí e vê o nome da vacina que aplicaram.

Betinho: Pera aí. Pera aí. Pera aí.

Betinho pega a carteira de vacinação na carteira e vê o nome da vacina que tomou.

Betinho: Ih, olha aqui. É a Astrazeneca mesmo.

Marcinho: Tô te falando, irmão. Você tem um padrão de comportamento. Lembra quando você tomou a segunda dose de tétano e mamou seu primo Jorge? Tu lembra disso?

Betinho: Porra, eu lembro disso. Preciso até ligar pra ele... Será que a vacina é meu gatilho?

Marcinho: Cara, eu acho que você tem vontade de fazer essas coisas e faz. Busca tua felicidade aí, meu parceiro.

Betinho: Porra. Como é que pode? No século XXI e a gente cair numas fake news dessas, né?

Marcinho: Tem que ficar ligado.

Betinho: Total.

Betinho: Ô Marcinho, deixa eu te falar. O que que você vai fazer dia 9 de outubro, ein?

Marcinho: 9 de outubro? Eu acho que nada. Por quê?

Betinho: Não, é porque eu vou tomar a segunda dose, né. E eu pensei em tu ir comigo e a gente dar uma fugida pra serra. Eu vou alugar uma casinha lá. Deixa eu te botar no vídeo aqui, ó. Me atende no vídeo aí.

O principal sentido mobilizado no vídeo é de que o personagem Betinho sente desejo/atração sexual por outros homens e reprime esse desejo perante a sociedade. Contudo, quando Betinho observa alguma oportunidade de libertação para explorar seus desejos livremente, ele o faz. No contexto do vídeo, essa oportunidade aparece quando Betinho toma a primeira dose da vacina da COVID-19 e a segunda dose da vacina contra tétano, atribuindo a performatização de sua sexualidade nesses momentos em que foge dos parâmetros da heterossexualidade aos efeitos colaterais da vacina. Seu amigo, por sua vez, tenta convencê-lo de que essas performances não são efeitos colaterais das vacinas, mas um desejo interno que está sendo reprimido.

A análise e argumentação dos enunciados presentes no vídeo “Efeito colateral da vacina” seguirão ao encontro da argumentação já feita na análise do vídeo “Terminador do futuro”. No vídeo “Terminador do futuro” uma das possibilidades levantadas foi a de que o personagem se mantinha em uma relação heterossexual, mesmo sentido desejo e atração por outros homens, para se manter em conformidade com as heteronormas e não sofrer as sanções impostas pela norma, como a homofobia e as múltiplas formas de vulnerabilidade às quais os sujeitos que transitam fora das normas regulatórias de gênero estão submetidos.

Para Beraldo e Trindade (2016), a formação da masculinidade normativa se constitui a partir da repressão dos diferentes modos de “ser homem”, em detrimento das múltiplas possibilidades presentes nas performances de gênero e sexualidade alternativas. A circunscrição desse modelo de masculinidade se dá negando a performatização de masculinidades outras. Deparamo-nos cotidianamente com essas negociações a partir de enunciados que incluem: “homem não chora”, “homem que é homem não pode ser *gay*”, “homem de verdade não usa rosa” e “menino não brinca de boneca”. Sendo assim, para se adaptar às normas regulatórias de gênero que têm a heterossexualidade como pressuposto básico, muitos sujeitos são obrigados a reprimir seus desejos sexuais.

O vídeo também mobiliza sentidos positivos referentes à importância da vacinação contra a COVID-19 e a importância de se atentar contra às *fake news* e os riscos da desinformação em uma época marcada pela intensa produção e disseminação de *fake news*. Vale ressaltar a importância desses sentidos mobilizados, pois na época em que o vídeo foi publicado (julho de 2021), o Brasil ainda enfrentava a pandemia da COVID-19 e se iniciava a campanha de vacinação; campanha essa que sofreu com inúmeras *fake news* e processos de desinformação, desencorajando a população a se vacinar, difundidos inclusive pelo ex-chefe do poder executivo

do país, Jair Bolsonaro, e por grupos políticos de extrema direita²³. Uma das *fake news* divulgadas à época pode ser vista na fala de Betinho: “essa vacina é um acordo que a Globo tem com a China pra implantar gene comunista, gayzista, dentro da gente”. Contudo, a partir da citação dessa desinformação que foi difundida pelas redes sociais do Brasil, o contexto do vídeo reitera que se trata de uma mentira e mostra quão irrisória é essa afirmação. Ressalto aqui a importância do humor como aliado nesse processo de combate às *fake news* e desinformações.

Durante esse período, em 2021, o Brasil registrou a menor cobertura vacinal dos 20 anos anteriores a ele²⁴. Tal fato mostra o quanto as desinformações divulgadas em redes sociais e em falas do ex-chefe do executivo, Jair Bolsonaro, são capazes de repercutir e alterar a realidade social, mostrando novamente como é impossível dissociar o que acontece *online* do que acontece *offline*. Teixeira, Couto Junior e Brito (2021) analisaram o papel dos memes como forma de resistência e combate às *fake news* sobre a pandemia da COVID-19. O trabalho argumenta que os *memes* têm o potencial de se constituírem como importantes aliados na luta política contra a desinformação, pois são fruto de ressignificações das demandas sociais cotidianas e apresentam grande alcance através do compartilhamento em rede.

Além disso, o trabalho afirma que os memes são um importante instrumento de resistência e combate a desinformação trazida pelas *fake news* na sociedade atual. Se adaptar as demandas do nosso tempo e traçar estratégias *online* de enfrentamento as falsas informações disseminadas de maneira consciente e sistemática, torna-se crucial no combate as investidas conservadoras que utilizam a (des)informação em massa para manter as relações de poder vigentes em nossa sociedade (Teixeira; Couto Junior; Brito, 2021). Além dos memes, que utilizam o humor como forma de resistência, destaco ainda a potencialidade dos vídeos em formato de esquete, como os do Porta dos Fundos, para utilizar o humor em prol do combate às desinformações divulgadas em nosso espaço-tempo.

4.3.4 Considerações da seção

Para finalizar a análise, gostaria de fazer um breve apanhado dos três vídeos que abordaram questões referentes à significação de masculinidades dissidentes no canal Porta dos Fundos. Os vídeos “Terminador do futuro”, “O último ativo” e “Efeito colateral da vacina” apresentam vivências alternativas ao modelo de masculinidade normativa, sobretudo com

²³ O jornal O Globo publicou uma matéria com algumas das *fake news* divulgadas à época. Disponível em: <<https://bit.ly/3XldGIE>>. Acesso em: 16 set. 2024.

²⁴ Disponível em: <<https://bit.ly/47r6PC9>>. Acesso em: 16 set. 2024.

sujeitos que performatizam sua sexualidade de maneira não-heterossexual. Acredito que a representação de vivências alternativas de masculinidade nos múltiplos artefatos culturais pode ser um pequeno passo no processo de enfrentamento às normas regulatórias de gênero. Contudo, para que realmente haja um deslocamento de sentidos e uma mudança no panorama atual, é necessário um enfrentamento crítico à heteronormatividade. Para Seffner (2013), a heteronormatividade é a norma que articula as relações de gênero e sexualidade, tendo o modelo binário e dicotômico da heterossexualidade como o modelo natural a ser seguido, mesmo em relações não-heterossexuais.

Nos três vídeos analisados nessa seção foi possível observar a heteronormatividade regulando as relações dos sujeitos, seja impondo um modelo fixo e estável de identificação de sexo/gênero/orientação sexual, seja impondo as condições heterossexuais de ativo/passivo aos sujeitos, seja fazendo com que os sujeitos negociem com a norma e se enquadrem no modelo normativo de masculinidade visando minimizar a vulnerabilização de seus corpos, dentre outros. Foi possível observar também que os sujeitos que não se enquadram na linearidade homem-masculino-heterossexual-ativo-penetrante sofrem um processo de emasculação perante as normas que hierarquiza esses homens. Sujeitos que rompem essa linearidade mais de uma vez, por terem múltiplos marcadores de diferença intersectados, como o caso de homens *gays* na condição de passivos, sofrem um processo maior de vulnerabilização de seus corpos. Em outras palavras, quanto maior o rompimento dessa linearidade, maior é a emasculação atribuída a esses sujeitos e maior é a vulnerabilização de seus corpos.

Para que haja um enfrentamento efetivo das normas regulatórias de gênero, é necessário que essas normas sejam transgredidas e que os signos que moldam a vida dos sujeitos por meio das heteronormas sejam reiterados e não corroborados. Para Seffner (2013, p. 155) “uma das astúcias da norma é não dizer de si”. Como exemplo, podemos pegar as reiterações de sexualidade do vídeo “O último ativo” que mostram como os sujeitos estão submetidos às heteronormas, mesmo não estando em relações heterossexuais, e não se dão conta disso. Sendo assim, para traçar estratégias efetivas de resignificação dos modelos normativos de gênero e de enfrentamento da heteronormatividade, é necessário não apenas representar performances alternativas de gênero e sexualidade (esse é apenas um passo), mas sim explicitar a norma, mostrar suas arbitrariedades para que assim possamos confrontá-la de forma crítica. É necessário desconstruir o discurso normativo e reiterá-lo em novos contextos.

A citação de performances de masculinidades dissidentes é uma aliada no processo de desconstrução das normas regulatórias de gênero, por alterar as relações sociais que invisibilizam esses sujeitos e dar luz aos sujeitos que performatizam a masculinidade de forma

dissidente. Contudo, para que esse processo realmente se torne efetivo é necessário que, no segundo momento, haja um rompimento com os aspectos da norma por meio do deslocamento dos inúmeros sentidos presentes nessas iterações ao invés da reiteração dos aspectos da norma.

Para Meneses,

desconstruir quer dizer inverter os níveis do explícito e do implícito num texto concreto, alterando as relações normais, entre o texto e o contexto, na procura de suprimir a hegemonia da denominação, aparentemente explícita, em favor dos múltiplos rasgos do sentido, que se encontram dispersos (Meneses, 2013, p. 186).

Por fim, destaco a forma com que o marcador etário se intersecta com a orientação sexual na vida de homens *gays*, transformando esses corpos em abjetos. No vídeo “Terminador do futuro” essa interseccionalidade é reiterada de forma negativa e são atribuídos aspectos negativos aos corpos desses sujeitos. Contudo, aposto na resignificação desses sentidos por meio da reiteração dessas performances de masculinidade em contextos que mostrem as múltiplas possibilidades de homens *gays* que adentram a velhice em performatizar sua sexualidade de forma legítima e afetuosa.

4.4 “Chega a 40 centímetros?”: o tamanho do pênis como significante de masculinidade

Alguns dos sentidos mobilizados de forma mais latente e recorrente nas enunciações de masculinidades presentes nos vídeos que fizeram parte dessa análise estiveram relacionados ao tamanho do pênis enquanto significante de masculinidade. Embora essa pesquisa não tenha estabelecido hipóteses iniciais, não chega a me surpreender que essas tenham sido algumas das enunciações mais frequentes nos vídeos. Ao longo das minhas vivências de sociabilização com outros homens, pude perceber que grande parte das performatizações de gênero e sexualidade desses sujeitos envolvem certa fantasia ao se referir ao pênis, como se toda a projeção de sua masculinidade estivesse em torno desse órgão, que por sua vez, tem a obrigação de ser grande, grosso, volumoso, estar sempre ereto e pronto para exercer seu papel de penetrante quando solicitado.

Tais expectativas sobre o pênis se mostram irrealis e acabam por causar inúmeras frustrações aos sujeitos cujo pênis não consegue alcançar esse ideal fantasioso e normativo. Sendo assim, julgo necessário analisar as formas com que o pênis é reiterado enquanto significante de masculinidade e as formas de significação do tamanho do pênis nos enunciados presentes nos vídeos que compõem essa análise. Para isso, irei analisar os vídeos “Ménage

inseguro”, “Nude” e “Homens?”, que mobilizam sentidos referentes ao tamanho do pênis em suas enunciações.

Tendo em vista que a prática de enviar fotos “nude” foi reiterada inúmeras vezes nesses vídeos, e muitas dessas vezes atrelada à expectativa de fazer com que o pênis pareça grande nessas fotos, optei por abordá-la em um tópico específico. Por isso, a análise dos sentidos de masculinidades atrelados ao tamanho do pênis irá decorrer em dois momentos: no primeiro, irei abordar as enunciações que remetem ao tamanho do pênis enquanto significante de masculinidade; em seguida abordarei a prática de enviar “nudes” como formas performativas de vivenciar a sexualidade em tempos de cibercultura, e a forma com que essas vivências se intersectam com os sentidos referentes às masculinidades dos sujeitos.

4.4.1 “Nossa! Que pirocão!”: as significações de masculinidade em torno do tamanho do pênis

Para iniciar a análise, irei recorrer a transcrição do vídeo “Ménage inseguro”. O vídeo retrata dois homens e uma mulher chegando em um quarto para realizar um *ménage*²⁵. A princípio, os dois homens, Sérgio e Marcinho, estão extremamente animados com a ideia de fazer um *ménage* com a mulher, Dread Hot. Entretanto, quando Sérgio tira a roupa e fica evidente o tamanho do seu pênis (extremamente grande), Marcinho hesita e desiste de participar do ato sexual. Em contrapartida, a mulher se mostra entusiasmada ao ver o tamanho do pênis do Sérgio, que por sua vez, demonstra ter orgulho pelo tamanho de seu órgão genital. Marcinho, ao hesitar, fica com receio em tirar a roupa e mostrar o tamanho do seu pênis, temendo uma possível comparação entre o tamanho do seu pênis e o do Sérgio. O desenrolar do vídeo mostra o Marcinho tentando escapar de inúmeras maneiras daquela situação, até que o Sérgio diz que vai “comer o cu” da Dread Hot e é ela quem desiste do ato sexual, devido ao enorme tamanho do pênis do rapaz. Nesse momento, Marcinho, que até então estava envergonhado com o tamanho do seu pênis, se anima para o ato sexual e começa a tirar a roupa, tendo em vista que ter um pênis considerado “pequeno” seria benéfico para ele naquela situação: fazer sexo anal com a mulher.

A transcrição do vídeo é apresentada a seguir:

²⁵ O termo de origem francesa é conhecido no Brasil por designar relações sexuais entre três pessoas.

*Três pessoas chegam em um quarto para realizar um *ménage*, Sérgio, Marcinho e Dread Hot. Os três entram no quarto e começam a tirar a roupa. Enquanto Dread Hot começa a tirar a roupa e ficar nua em cima da cama, Sérgio tira a camisa e tem um diálogo com Marcinho, ambos extremamente empolgados com a situação*

Marcinho: Porra! Sérgio, a gente vai fazer um *ménage* mesmo?

Sérgio: Vamos, porra! Tu nunca fez não?

Marcinho: Nunca fiz, caralho!

Sérgio: Porra, vamo acabar com ela, porra. Vambora, porra!

Nesse momento, Sérgio tira o restante da roupa, fica nu e se deita na cama

Marcinho: [Marcinho grita, entusiasmado] É gostosa pra caralho! Vai, porra!

* Marcinho começa a tirar a calça para ficar nu, quando vê o tamanho do pênis de Sérgio – que deitou na cama, pelado, e abraçou a Dread Hot –, se assusta e diz:*

Marcinho: Ué, que porra é essa?

Dread Hot: [Surpresa com o tamanho do pênis de Sérgio] Nossa! Que pirocão!

Sérgio: Pois é. [Sérgio chama o Marcinho, que hesitou e parou de tirar a roupa] Vem, Marcinho!

Sérgio: [Nesse momento, Sérgio fala para a Dread Hot] Tu gosta, né?

Dread Hot: Eu adoro.

Marcinho: [Visivelmente desconfortável, parado] Caralho, Sérgio! Que doideira...

Dread Hot: Vem, Marcinho!

Sérgio: Vem, Marcinho! Porra!

Marcinho finge que não está conseguindo desabotoar a sua calça e diz:

Marcinho: A minha calça prendeu aqui. Puta que pariu. Sai logo! Sai logo!

Dread Hot: [Falando para Sérgio] Nossa, gente. Sério, é muito grande.

Marcinho: [Falando para a Dread Hot] Coloca grande nisso. Isso aí não é nem legal. Você que é mulher sabe. Tem um canal vaginal ali que tem um... [faz o gesto de algo pequeno com a mão] ... É muito sensível. Isso aí entra, deve arranhar e o caralho.

Sérgio: Vem, Marcinho! Tira a cueca, porra!

Marcinho: [Em tom de deboche e desconforto] Iiih... “tira a cueca logo”. Qual foi, Sérgio? Quer ver meu pau? Aí, colega. Querendo... Filho da puta.

Sérgio: Vem logo, porra!

Dread Hot: [Falando para o Sérgio] Ai, Sérgio. Sério, deixa eu tirar uma foto? Só uma selfie.

Sérgio: Tá, mas me marca ein.

Dread Hot: Ah, lógico.

Marcinho: Olha lá. Vai tirar foto aí.

Dread Hot vira o celular para os dois e chama Marcinho para tirar uma selfie junto com eles:

Dread Hot: Vem, Marcinho, tirar uma foto com a gente.

Marcinho: Desculpa, só não vou tirar porque como a minha mãe é evangélica, se isso aí cai num grupo de família vai dar uma merda do caralho.

Dread Hot: [Tirando a selfie com Sérgio] Ai, Marcinho!

Sérgio: Põe hashtag Mamba Branca.

Marcinho: Não bota a cara não ein, Sérgio. Isso aí da uma merda. Tá garoteando aí.

Sérgio: Coé, irmão, tá sem camisinha? É isso?

Marcinho: Tô sem camisinha, mas eu vou comprar. É coisa rápida. Eu volto. Continua vocês dois aí.

Sérgio: [Marcinho pega dois pacotes de camisinha na cabeceira da cama] Não precisa não. Eu tenho aqui. Tenho dois pacotes dessa aqui. É XXL. Isso aqui cabe um cotovelo dobrado e uma garrafa de Coca-cola aqui dentro... 2 litros.

Marcinho: Então. Essa é até a que eu uso mesmo. Só que essa marca deixa tudo empolado, minha cabeça parece que tá com catapora.

Dread Hot pega uma fita métrica na cabeceira da cama

De acordo com Preciado (2022), o processo de atribuição de masculinidade e feminilidade aos sujeitos começa com a definição dos órgãos reprodutores como órgãos sexuais. O autor aponta para uma mudança no sistema de sexo/gênero no decorrer da década de 1950. Até então, o sistema de sexo/gênero se baseava pela ótica reprodutiva e pela divisão sexual do trabalho no sistema capitalista industrial. A partir da década de 1950, o capitalismo pós-industrial emerge e, junto com ele, a estabilidade do pênis como significante sexual.

Sendo assim, é comum observar o pênis ocupando espaço central nas enunciações de masculinidade dos sujeitos. Quanto maior o tamanho do pênis, maior é o grau de masculinidade atribuído aos homens, desde que esse pênis consiga se manter ereto e possa realizar seu papel de penetrante nas relações heteronormativas. O inverso se aplica de igual modo nessa relação. Quanto menor o tamanho do pênis, menor é o grau de masculinidade atribuído a esses sujeitos. Essa relação pode ser observada nos enunciados presentes no vídeo “*Ménage Inseguro*”. Embora Marcinho estivesse animado para realizar o *ménage* com o amigo e a mulher, quando Marcinho vê o tamanho do pênis de Sérgio, que aparenta ser extremamente grande, rapidamente Marcinho desiste de participar do ato sexual. Marcinho fica com receio de mostrar o seu pênis, o que possibilitaria comparações, e tenta escapar daquela situação em que se encontra visivelmente desconfortável.

Vale destacar que o vídeo não retrata o tamanho do pênis de Marcinho, ou sequer nos dá indícios para pensar que seu pênis é “pequeno” – e ao longo dessa argumentação não pretendo recorrer a nenhum discurso normativo sobre o que significa ter um pênis “grande” ou “pequeno”. Os sentidos que as enunciações transmitem são apenas de que o pênis de Sérgio é extremamente grande, como pode ser observado na interpelação de Marcinho: “chega a 40 centímetros?”. O fato de Sérgio ter um pênis enorme, por si só, faz com que Marcinho se sinta envergonhado por não ter um pênis tão grande quanto o do colega. Isso me leva a pensar que, para que a masculinidade dos sujeitos seja validada socialmente, além de ter um pênis cujo tamanho seja considerado grande, também é necessário que não haja outros maiores do que o seu, ou de qualquer forma esses sujeitos acabarão emasculados.

Para Preciado (2022), essa competição existente entre os homens para comparar e medir o tamanho dos órgãos genitais acontece pelo fato do pênis falhar enquanto falo, enquanto significante de poder na sociedade. Ao fazer uma leitura de Lacan, Preciado argumenta que o falo é um significante de poder e desejo, da ordem simbólica, em um modelo em que a heterossexualidade e a reprodução são a norma; o pênis, por sua vez, é um órgão genital pertencente a corpos tidos como masculinos. Baseado nessa diferença, o ideal de falo somente pode ser atingido por um pênis ereto, de tamanho avantajado, capaz de ejacular e se reproduzir,

o que torna um pênis flácido ou pequeno, insuficientemente, masculino. É justamente por terem um pênis e não um falo que os homens se medem constantemente pelo tamanho do pênis e buscam demonstrar virilidade de maneira compulsiva (Preciado, 2022), para dessa forma reafirmar sua masculinidade e reivindicar seu *status* de poder na sociedade.

Ao seguir com a argumentação, podemos ver o quão orgulhoso Sérgio é em relação ao tamanho do seu pênis. A admiração de Sérgio e da sua parceira, Dread Hot, pelo tamanho avantajado de seu órgão genital pode ser observada em inúmeras enunciações: 1- “Nossa! Que pirocão!”; 2- “Nossa, gente. Sério, é muito grande”; 3- “Põe hashtag Mamba Branca”; 4- “Vai precisar de duas ein, meu amor”, para se referir as trenas utilizadas para medir o tamanho de seu pênis. Para Sérgio, ter um pênis extremamente grande é motivo de orgulho e lhe garante um grau elevado de masculinidade, a ponto de pedir para que sua parceira tire fotos, poste nas redes sociais e o marque, escrevendo a *hashtag* “Mamba Branca”.

As mambas são espécies de serpentes africanas e a mais conhecida é a mamba-negra, por ser uma das espécies de cobras mais letais do mundo. Embora não exista nenhuma espécie denominada de “Mamba Branca”, os termos são citados e reiterados para se referir ao órgão genital de Sérgio, um homem branco. Dessa forma, o performativo constitui e transmite a carga semântica de que seu pênis é grande, conferindo um grau elevado de masculinidade ao sujeito. A utilização de expressões e símbolos para se referir aos órgãos genitais e transmitir sentidos, como tamanho avantajado ou até mesmo a preferência sexual dos sujeitos é uma prática que já acontece no cenário cibercultural de nossa época. O estudo de Ruani, Couto Junior e Brito (2021) pôde observar as diferentes formas de utilização do *emoji* de berinjela, no aplicativo *Grindr*, como formas de significação de masculinidade. Neste contexto específico, o *emoji* de berinjela refere-se ao tamanho do pênis avantajado e a posição de ativo-penetrante do indivíduo durante as relações sexuais.

Outro sentido mobilizado nos enunciados que cabe problematizar é referente a dominação dos homens durante as práticas sexuais, como formas de demonstração de poder, como observado na intenção de Sérgio, presente na fala “vamo acabar com ela”. Assim como a ênfase no tamanho do pênis como significante de masculinidade, as práticas sexuais de dominação sobre as mulheres também são formas de reafirmação do modelo normativo de masculinidade. Para bell hooks (2022), as vivências sexuais no Ocidente são marcadas pelo sexo patriarcal, pela erotização de características referentes à dominação, da subjugação dos homens sobre as mulheres, de rituais sadomasoquistas. O sexo patriarcal é uma das formas de reafirmação da masculinidade normativa. Em contraponto, a autora afirma que “precisamos vislumbrar uma sexualidade libertadora que se recuse a fundamentar atos sexuais em narrativas

de dominação e submissão e reivindique uma agência erótica desinibida que priorize a conexão e a mutualidade” (hooks, 2022, p. 159).

Para fechar minha argumentação sobre os sentidos transmitidos nos enunciativos de masculinidade do vídeo “Ménage inseguro”, irei recorrer a parte final do vídeo, em que Sérgio deseja realizar sexo anal com Dread Hot, na condição de penetrante, e rapidamente ela desiste e o interpela: “O meu cu, com esse pau gigante? Não vai mesmo!”. Nesse momento, Marcinho que até então estava envergonhado e desconfortável por ter um pênis menor do que o de Sérgio, se anima, começa a tirar a roupa, e atribui conotação positiva ao tamanho de seu pênis: “vou te falar uma coisa, sabe qual é o meu apelido lá em Realengo? Supositório de Novalgina. Ele entra, e quando entra, entra legal”.

Nesses enunciados, o humor é utilizado como forma de inversão da realidade e das expectativas sobre o tamanho do pênis dos homens. Além do humor, que é utilizado dessa forma no vídeo, o sexo anal, enquanto prática performativa subversiva da sexualidade, também pode produzir esses efeitos na sociedade. Embora o vídeo apresente o sexo anal sendo praticado em uma relação heterossexual, a possibilidade de performatizar a sexualidade fora dos parâmetros reprodutivos (pênis-penetrante/vagina-penetrado) já aponta algumas das fragilidades existentes dentro das heteronormas e expõe o suposto caráter natural das relações sexuais. No vídeo, a simples mudança do órgão feminino que seria penetrado (deixou de ser a vagina e passou a ser o ânus) foi capaz de inverter a significação referente ao tamanho do pênis, mostrando a arbitrariedade e superficialidade das normas regulatórias de gênero. Para Preciado (2022) as práticas subversivas da sexualidade são necessárias para combater o regime heterocentrado, como: (re)sexualizar do ânus; o fim da centralidade do pênis como significador das práticas sexuais e relações de poder na sociedade; a difusão e (re)significação de práticas sexuais tidas como abjetas; e a ampliação das zonas sexuais e erógenas dos corpos falantes para além do pênis/vagina.

Por fim, gostaria de retornar a alguns enunciados do vídeo “Homens?”, cuja transcrição completa foi apresentada no subcapítulo 4.2, quando abordei a noção de homem em desconstrução. No vídeo, o personagem Gustavo precisa enviar um nude para uma mulher chamada Lívia, para que em troca receba uma foto dela nua. Ao perceber que não tem uma foto nu em seu celular, Gustavo liga para seu amigo, Alexandre, e pede para que ele lhe envie uma foto do pênis, para que ele possa reenviar essa foto para Lívia. A performatização de masculinidade de Gustavo carrega consigo inúmeros aspectos normativos, como a objetificação/sexualização das mulheres e a exposição de seus momentos de intimidade com essas mulheres. Dentre esses aspectos, há também a expectativa para que o pênis pareça grande

nas fotos, como mostram os enunciados: “Oh, não esquece o negócio do ângulo para o seu pau parecer grande, tá?”; e “ô Alê, não esquece que de baixo pra cima a ilusão de ótica fica melhor, ein”. A busca para alcançar o modelo normativo de masculinidade é intangível e os padrões são inalcançáveis. O ideal fantasioso criado em torno do pênis faz com que muitos homens se sintam frustrados e emasculados ao não conseguirem atingir esse modelo normativo do corpo. Para Preciado (2022), a matriz heterossexual transforma os órgãos genitais em órgãos sexuais baseado no viés reprodutivo, centralizando as relações de gênero e erotizando todos os pontos de prazer do corpo em torno do pênis. Acredito que para que os homens possam performatizar o gênero e sexualidade de maneira com maior grau de liberdade, independente da orientação sexual, é necessário romper com os modelos heteronormativos e patriarcais, que buscam normatizar os corpos e legitimar um modo único e universal de ser homem; e, ainda, descentralizar o pênis do locus de principal zona erógena do corpo e explorar as múltiplas possibilidades de performatizar a sexualidade de forma subversiva.

4.4.2 “A quarentena transformou esse mundo do nude”: performatizações da sexualidade em tempos de pandemia

Ao realizar a transcrição dos vídeos e organizá-los em linhas de significação, não me pareceu, no primeiro momento, ser necessário abordar as significações da prática de enviar/receber nudes, embora essa prática tenha sido reiterada em inúmeros enunciados e no título de um dos vídeos quem compuseram a análise. Entretanto, para Silva e Paraíso (2023, p. 11) “a cartografia é uma arte sensorial que se faz à flor da pele” e é necessário “cartografar sentindo”. E durante uma conversa com alguns amigos homens, sobre a forma adequada de enviar um nude, se é que existe essa forma, fui afetado e me lembrei dos vídeos da análise que abordam o tema, pois em alguns momentos a conversa parecia a transcrição literal do vídeo intitulado “Nude”. Nesse momento precisei recalculiar a rota que estava seguindo e dedicar uma seção especificamente para abordar essa temática, tendo em vista que (a) nessa conversa, a prática de envio/recebimento de nudes se mostrou um importante aspecto na performatização de gênero e sexualidade desses sujeitos; e (b) as enunciações de masculinidade e o envio de nudes se entrecruzaram nos vídeos presentes na análise.

Silva e Paraíso (2023, p. 11) argumentam que “o que importa em uma cartografia são os encontros. Organizar encontros. Deixar-se atravessar por eles. Criar em composição com eles”. E foi a partir desse encontro que pude pensar e problematizar o nude enquanto performatização da sexualidade em tempos de cibercultura, sobretudo durante a quarentena,

período em que os vídeos que abordam a temática foram postados. Para Machado (2023) as formas de experimentação da sexualidade na sociedade contemporânea foram ressignificadas e muitas vezes são mediadas pelas tecnologias digitais. Dentre essas formas, os nudes surgem como práticas de erotização do corpo e experimentação da sexualidade, possibilitando aos sujeitos expressarem-se corporalmente e produzir subjetividades por meio do envio de fotos sensuais em que aparecem completamente despidos ou com roupas íntimas, o semi-nude.

Um ponto importante a ser destacado é que quando os vídeos analisados nessa dissertação foram postados, ao longo dos anos de 2020 e 2021, o mundo vivia em um contexto pandêmico provocado pela doença COVID-19. No Brasil e em outros países o *lockdown* foi adotado como medida de segurança, o que limitou a circulação de pessoas em locais públicos em inúmeras cidades do país; evidentemente nem todos os sujeitos seguiram à risca as medidas de segurança adotadas na época.

Contudo, para quem se manteve em isolamento físico, a sociabilização e performatização da sexualidade teve que ser ressignificada e os aparelhos digitais conectados em rede foram preponderantes nesse processo, permitindo a conexão em rede entre pessoas geograficamente dispersas. Nem a prática de envio/recebimento de nudes, nem a conexão em rede entre pessoas geograficamente dispersas surgiu com a pandemia, mas foram potencializadas a medida que os encontros presenciais foram limitados devido às medidas restritivas adotadas.

Para iniciar a problematização acerca dos sentidos mobilizados nos enunciados, irei apresentar a transcrição do vídeo intitulado “Nude”. O vídeo retrata dois amigos, Carlinhos e Felipe em uma videochamada. Carlinhos pede ajuda à Felipe para aprender a tirar um nude. Para ajudar Carlinhos, Felipe pede para que o amigo o envie uma foto pelado, para que assim possa compreender o contexto e ver a forma com que o amigo está tirando as fotos, para então poder ajudá-lo. Carlinhos, hesita no primeiro momento, mas após ser convencido pelo amigo, envia um nude para Felipe, que faz uma série de comentários sobre a forma adequada de tirar uma foto nude. Ao final do vídeo, Carlinhos afirma que devido ao período de isolamento físico, durante a pandemia da COVID-19, o universo do nude se revolucionou, exigindo uma readaptação dos sujeitos na hora de tirar uma foto nu para seus/as parceiros/as, e aceita os conselhos do amigo para tirar nudes de forma correta.

Segue a transcrição do vídeo:

O vídeo inicia com um homem, Carlinhos, fazendo uma ligação por chamada de vídeo para seu amigo, Felipe.

Felipe: Fala, Carlinhos. O que que era tão importante que você pediu pra eu abrir o notebook e falar contigo. O que que é?

Carlinhos: Qual é, meu brother!? Não é nada de trabalho não. Deixa eu te falar... é sobre a Bárbara, cara. É até meio doido tá falando isso, mas é que assim... [Da uma risada envergonhada, de desconforto] Felipão, tu acredita que ela tá reclamando dos nudes que eu tô mandando pra ela, irmão?

Felipe: Ué... Como assim? Ela não gosta que você mande foto pelado pra ela? O que que é?

Carlinhos: Não. Então, foi até ela que sugeriu, ela que deu a ideia de tá mandando, mas ela começou numa de falar que eu não fotografo bem, que as fotos não ficam legais.

Felipe: [agindo naturalmente] Caramba. Deixa eu ver a foto então.

Carlinhos: Para de palhaçada. Tu quer ver o que?

Felipe: Deixa eu ver teu nude. Deixa eu ver a foto, pô.

Carlinhos: [começa a rir] Aah qual é, Felipe? Quer ver meu pau, porra? Qual é, parceiro?

Carlinhos [rindo] Iiiiih, oh o cara.

Felipe: [Felipe se irrita] O Carlinhos, você acha que eu quero ver tua rola? Porra, 10 anos de amizade, para de frescura. Você me ligou pra falar que ela não gostou da foto da rola que você mandou pra ela, eu preciso ver essa foto pra entender o cenário, né.

Carlinhos: Não. O cenário é meu quarto.

Felipe: Eu não to falando de cenário assim. Eu to falando de cenário como um todo, porra. Não adianta você mandar uma foto de rola se o fundo é escuro. Ou o contrário também: uma foto com um fundo maneiro e a tua rola parecendo um Cheetos albino, o dedão do Raul Gil... Eu tenho que entender tudo, o contexto. Manda aí, po.

Carlinhos tem um breve momento de silêncio e diz:

Carlinhos: Entendi. Vou mandar. [outro momento de silêncio] Caralho. Que doideira. Aiai... Aí.

Escuta-se um barulho de mensagem enviado

Felipe: Mandou?

Carlinhos: Mandei.

Felipe: Pera aí que tá abrindo aqui.

Escuta-se um barulho de mensagem sendo recebida

Felipe: [Em tom de desaprovação] Aí não, Carlinhos. Primeira coisa: você não manda foto de rola com a meia soquete aparecendo, Carlinhos.

Carlinhos: O, Felipe. Tava um frio da porra nesse dia, cara. E meu pé fica congelando.

Felipe: Porra, não importa, Carlinhos... Se tá com frio, você mete um secador de cabelo no cu, mas não tira uma foto com uma meia soquete branca. Pra resumir pra você: cueca da Taco, camisa regata e calça corsário tiram completamente o foco da piroca. Você não pode usar esses negócios.

Carlinhos: Entendi.

Felipe: Tá. Outra coisa aqui. Já que a gente falou do figurino, vamos falar da locação também?

Carlinhos: Tá.

Felipe: Que porra de chão é esse, Carlinhos?

Carlinhos: Ué, é o chão da minha casa, porra.

Felipe: Carlinhos, não. Isso aqui é porcelanato. Você sabe o que é porcelanato?

Carlinhos: Sei, porra. Porcelanato é o... [uma leve pause, seguida de uma gaguejada] é o revestimento. Não é isso?

Felipe: Não, Carlinhos. Porcelanato é um atestado de mau gosto. Significa que você era fudido, ganhou um pouco de dinheiro, comprou um quarto e sala na Barra, fez uma reforma merda ou comprou na planta, o que é ainda pior, voltou a ser fudido e continua com o porcelanato. Você não faz um negócio desses com você mesmo, Carlinhos. É que nem... sei lá... botar um adesivo do Crivella numa Ferrari.

Carlinhos: Felipe, não me leva a mão não. Mas você não tá exagerando não, irmão?

Felipe: Não estou exagerando. Nude tem que ter ambientação. Outra coisa, você tá morando aonde agora? Numa Droga Raia? É num puxadinho do Carrefour? É num açougue? O que que é isso?

Carlinhos: [triste] Felipe, isso aqui é a minha casa. Você já teve aqui. Porra, por que você tá falando isso, Felipe?

Felipe: Porque eu estou vendo o reflexo de uma lâmpada fluorescente na chapeleta da sua rola, Carlinhos. Não pode luz fria num negócio desses. Pra fazer um nude tem que ter uma ambientação maneira, tem que ter um clima, uma luz indireta... tem que ter uma temperatura. Tem que jogar uma cor. Tem que ter uma madeira. Você joga um fundo de madeira aqui, a mulher olha a foto, vê madeira, madeira, pau, madeira, pau, madeira, pau... o que que acontece? Ela fica sedenta por uma giromba.

Carlinhos: Mas também é foda, né? Caralho, nudes virou o quê? Astrologia agora? É desfile de moda essa porra? Tem make pica? Tem leitura de piroca pra saber como é que é a pica? Vai pro lado? É direita? Esquerda? Eu não to entendendo, Felipe. Agora você até me deixou nervoso. Caralho.

Felipe: O Carlinhos, olha só. Vou te falar uma parada porque tu é meu amigo, mas morre aqui, tá?

Carlinhos: Fala.

Felipe: Eu fiz um curso de seis meses em Berlim pra essa merda. Estou fazendo mais dois *online* agora. Vou até te mandar aí agora o resultado disso.

Felipe pega o celular e envia uma mensagem para Carlinhos pelo celular. Nesse momento, escuta-se o barulho de uma mensagem sendo enviada.

Felipe: Ta aí, olha. Um nude meu aí pra você. Pra você dar uma conferida. Pra você dar uma comparada.

Carlinhos olha para o celular e escuta-se o barulho de uma mensagem chegando. Carlinhos se assusta e diz:

Carlinhos: Ô, caralho, Felipe. Feliipee, ficou lindo brother. Caralho, o pôr do sol lá no fundão... Gente, esse flare em volta do escroto... Ficou bonito pra caralho mesmo, irmão. Essas gotículas aqui na chapeleta é o que? Isso aqui na...

Felipe: Dendê.

Carlinhos: Azeite de dendê?

Felipe: Dendê tem a cor do pecado. É o Pantone correto.

Carlinhos: Coisa esquisita. Cheguei a dar... uma aguada... O, Felipe, fiquei emocionado, brother.

Felipe: Pode chorar, Carlinhos. Isso é poesia, irmão.

Carlinhos: Parece que você tá segurando a paz mundial, parece que é uma coisa que traz um bem, sabe? Você olha a cabeça, você vê o rosado, você vê o tronco...

Felipe: O, Carlinhos, eu já te falei. Você vai mandar um nude, você não pode mandar só a piroca como se tivesse apertando um tubo de pasta de dente, entendeu? O que que tu vai fazer agora? Fala pra mim, cara.

Carlinhos: [entusiasmado] Irmão, vou alugar uma casa em Angra, com a porra de um iate ao fundo e vou tirar maior fotão da minha rola, porra.

Felipe: [entusiasmado] Porra. É isso, Carlinhos. É isso que eu to te falando. É isso que eu to te falando. Segue a sua piroca. Põe ela pro norte. Pensa que a sua rola é igual ao Tônico Pereira: não fotografa bem, mas com produção ela entrega.

Carlinhos: Caralho, eu sabia que eu tinha que falar com você, cara. É que essa porra dessa quarentena transformou esse mundo do nude aí numa outra coisa que eu não peguei.

Felipe: Tamo junto, Carlinhos. Tamo junto! Agora deixa eu ir aqui que eu tenho que dar comida pros cachorros aqui.

Carlinhos: Ih, tá com cachorro agora?

Felipe: Pô, eu to com 3 cachorros, 4 gatos, um sagui, uma porra de um aquário. Uma ararinha azul voando aqui e o caralho.

Carlinhos: Que porra é essa? Pra que tanto bicho, irmão?

Felipe: É que tá rolando um clima aqui, eu to num direct com a Luisa Mell direto e hoje a rola é pra ela.

VINHETA DO PORTA DOS FUNDOS

Antes de continuar com a argumentação, gostaria de rerepresentar alguns trechos da transcrição do vídeo “Homens?”, que também tem como enunciação central o envio/recebimento de nudes:

Gustavo: Presta a atenção. Ela ficou de me mandar umas fotos dela pelada agora.
 Alexandre: [Alexandre demonstra interesse pelo assunto] É assunto de vida ou morte com a Lívia, loira, gostosa. E aí, o que é que tem?
 Gustavo: Só que pra isso eu preciso mandar um nude meu pra ela.
 Alexandre: Então manda um nude, caralho.
 Gustavo: Aí é que entra a questão delicada dessa ligação. Eu não consigo mandar um nude pra ela agora.
 Alexandre: Por que que você não consegue mandar um nude agora? Pelo amor de Deus!
 Gustavo: Porque eu acabei de gozar virtualmente com a Tina.
 Alexandre: Que Tina? Que Tina?
 Gustavo: Tina, morena, gostosa.
 Alexandre: [Alexandre fica indignado com a postura de Gustavo] Essa gente não tem sobrenome, Gustavo? Meu Deus!
 Gustavo: Eu fico confuso. Fica mais fácil de lembrar assim.
 Alexandre: Como é que será que você salvou o nome da minha mãe no seu celular? Hã... fala!
 Gustavo: Olha, eu acho que você não ta entendendo a gravidade dessa situação. Eu to exatamente a um pau duro de finalmente conseguir ver a Lívia, loira, gostosa, pelada.
 Alexandre: Meu Deus do céu! Você não pode, sei lá, mandar daqui a 30 minutos uma nude sua?
 Gustavo: [Gustavo responde em tom de desespero] Ô, animal... não é assim que funciona a troca de nude não. É praticamente uma conjunção astral que pode nunca mais acontecer. Ela precisa tá com tesão no exato momento que eu preciso tá *online* e no precioso segundo em que o meu pau tem que tá disponível.
 Alexandre: Ah, você não tem uma foto aí de uma piroca antiga salva no celular?
 Gustavo: Não tenho. Eu apago. Eu tenho medo do Snowden ter acesso a isso.
 Alexandre: [Alexandre responde em tom irônico] Ah, lógico! O Snowden tá refugiado na Rússia. Ele pode expor o governo americano e o FBI, mas ele vai atrás da piroca do Gustavo que tá no Brasil. Ele é safado! Ele é danado, esse Snowden. Ele gosta é da bagunça mesmo.
 Gustavo: Alê, foca aqui, tá? Eu que to precisando de ajuda. Foca aqui.
 Alexandre: Hãh?
 Gustavo: Me manda uma foto do seu pau?
 Alexandre: [Alexandre, cético com a proposta do amigo, em tom de desaprovação] Desculpa, acho que cortou, eu não te ouvi. Fala. Que?
 Gustavo: Me empresta um nude seu. Eu preciso de uma foto do seu pau pra se passar pelo meu. É isso.
 Alexandre: Gustavo, eu não sei nem como começar a te explicar o porquê que eu não vou mandar uma foto do meu pau pra você.
 Gustavo: Olha, não vai aparecer rosto. Ninguém vai saber que é seu.
 Alexandre: [Alexandre responde irritado] Gustavo, eu não vou mandar a minha piroca pra você pelo telefone.
 Gustavo: Eu apago depois.
 Alexandre: Ah, que maravilha! Achei que você ia postar e dar o crédito, caralho.
 Gustavo: [Gustavo responde desesperado] Olha, eu acho que você não tá entendendo. Pelo amor de Deus! Eu to numa batalha pra conseguir ver as fotos da Lívia, loira, gostosa, faz tempo. Me ajuda pelo amor de Deus.

Barulho de mensagem chegando no Whatsapp

- Ah lá, ela tá mandando mensagem. Ela ta pedindo pra mandar agora... Alê, eu preciso

disso, tá? Eu já zerei o xvídeos. Eu não tô legal, a minha vida tá complexa. Me ajuda!

Alexandre: Eu não acredito que eu vou fazer um negócio desses, meu Deus do céu.

Gustavo: Te amo! Te amo! Te amo! Oh, não esquece o negócio do ângulo pro seu pau parecer grande, tá?

Alexandre: Ô, Gustavo. Eu vou pegar uma foto de piroca minha que tem aqui salvo no meu celular e é isso.

Gustavo: Tá. Me manda umas quatro opções e aí eu escolho a melhor. E vamo ver o fundo, um fundo bom também.

Alexandre: [Em tom de ironia] Lógico! Com certeza!

Alexandre desliga o telefone

Gustavo: Ah, ô Alê, não esquece que de baixo pra cima a ilusão de ótica fica melhor ein.

VINHETA DO PORTA DOS FUNDOS

Embora a temática central do vídeo “Nude” não esteja relacionada ao tamanho do pênis como significante de masculinidade, pode-se observar uma preocupação dos personagens com a ambientação ideal para que a foto do pênis seja perfeita. Nesse vídeo, o tamanho do pênis não está no cerne das enunciações de sexualidade dos personagens, ao contrário das enunciações presentes no vídeo “Ménage inseguro”, mas a centralidade do pênis enquanto significante de masculinidade e da sexualidade dos homens continua latente. Podemos ver essa centralidade no comentário de Felipe: “cueca da Taco, camisa regata e calça corsário tiram completamente o foco da piroca. Você não pode usar esses negócios”. Já no vídeo “Homens?”, o desenrolar do enredo tem como eixo central o envio de nudes do personagem Gustavo para Lívia. Ao contrário do vídeo intitulado “Nude”, em que o tamanho do pênis enquanto significante de masculinidade e significante sexual aparece de forma latente, como mostra a preocupação de Gustavo com a angulação ideal para a foto – que deve ser tirada de baixo pra cima – para que cause uma ilusão de ótica em que o pênis pareça grande.

Outro sentido mobilizado com frequência em ambos os vídeos é referente à maneira ideal para se tirar uma foto nude. No decorrer dos vídeos podemos ver uma série de normatizações acerca da maneira correta para tirar essas fotos, como mostram os enunciados: 1 “não adianta você mandar uma foto de rola se o fundo é escuro. Ou o contrário também: uma foto com um fundo maneiro e a tua rola parecendo um Cheetos albino, o dedão do Raul Gil”; 2 “você não manda foto de rola com a meia soquete aparecendo”; 3 “nude tem que ter ambientação”; 4 “pra fazer um nude tem que ter uma ambientação maneiro, tem que ter um clima, uma luz indireta... tem que ter uma temperatura. Tem que jogar uma cor”; 5 “você vai mandar um nude, você não pode mandar só a piroca como se tivesse apertando um tubo de

pasta de dente, entendeu?"; 6 "não esquece o negócio do ângulo pro seu pau parecer grande, tá?"; 7 "não esquece que de baixo pra cima a ilusão de ótica fica melhor ein".

A respeito dessas normatizações que vão desde o pedido ao envio das fotos nuas, Nicaretta e Hennigen (2019) argumentam que existem uma série de normas intrínsecas ao processo de pedir e enviar nudes, como a forma com que se pede, a conquista que deve ser feita antes e até mesmo o cenário utilizado. Muitas vezes esse envolve atributos de uma masculinidade normativa, como a conquista, e receber o maior número de nudes possíveis torna-se um objetivo, sobretudo para homens heterossexuais. Tal afirmação me leva a reforçar a necessidade de desconstruir as performatizações normativas de masculinidade e a do homem em desconstrução, tendo em vista que no vídeo "Homens" o personagem Alexandre é colocado nessa posição de homem desconstruído e acaba cúmplice das performatizações de masculinidade normativas de seu amigo Gustavo.

Foucault (2022) entende a sexualidade como práticas corporais, linguagens, sensações do corpo, formas de agir, sentir e pensar os prazeres que não se restringem ao ato sexual em si, e que são constituídas discursivamente ao longo dos anos por meio do discurso e de práticas institucionalizadas. O dispositivo da sexualidade é todo o aparato discursivo e institucionalizado que atua na disciplinação e gerenciamento dos corpos baseado nas noções de sexo. Para Foucault (2022, p. 116), esse dispositivo "tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global". Ainda segundo o autor, uma das formas de contra-discurso ao dispositivo da sexualidade é a experimentação dos corpos e dos prazeres.

Nos enunciados presentes nos vídeos "Nude" e "Homens?" podemos observar algumas formas de performatizações da sexualidade que vão além do ato sexual em si, como na experimentação de prazeres por meio do envio e recebimento de nudes. Em contrapartida, podemos observar também as formas com as quais o dispositivo da sexualidade atua e se reinventa para disciplinar e gerenciar esses corpos, produzindo e impondo normatizações a respeito da forma correta para se tirar os nudes, como por exemplo a angulação e o contexto da foto, para que o pênis pareça grande e se torne central nessas formas de iteração da sexualidade. Por um lado, observamos em Foucault (2022) e Preciado (2022), a defesa pela fruição corporal e a experimentação de prazeres por todo o corpo, como práticas subversivas da sexualidade para Preciado, ou como um contra-discurso ao dispositivo da sexualidade para Foucault. E nesse caso, a prática de envio/recebimento de nudes pode ser tanto uma prática subversiva da sexualidade quanto um contra-discurso. Por outro, o dispositivo da sexualidade se readapta e

produz normatizações acerca dessas práticas, retornando o pênis para o cerne das enunciações de sexualidade e utilizando seu tamanho como um significante de masculinidade.

De acordo com Machado (2023, p. 7)

as práticas eróticas das trocas de nudes são compreendidas enquanto empreendimentos de risco, pois podem colocar em xeque as normas e as convenções vigentes de gênero e de sexualidade e, desse modo, ampliar o escopo de experiências com prazeres e com corpos (principalmente no meio digital), mas também podem confirmar essas normas.

Em outras palavras, a prática de envio de nudes pode ser compreendida como performatizações subversivas da sexualidade dos sujeitos, sobretudo das chamadas “minorias sexuais”, ao transgredir as normas regulatórias de gênero, expressando sua sexualidade de forma legítima, fruindo prazeres e recitando seus corpos em um contexto de valorização desses corpos. Contudo, quando essas práticas se atêm ao modelo heteronormativo que busca regular as performances de gênero e as vivências da sexualidade dos sujeitos, elas acabam por reiterar essas normas que limitam e restringem a fruição da sexualidade nesses corpos. Sendo assim, retomo à importância de problematizar as enunciações em que o personagem Gustavo expõe as performatizações de sexualidade de duas mulheres, Lívia e Tina, como forma de reafirmar uma masculinidade normativa. Não para corroborar o discurso que busca restringir a sexualidade das mulheres, mas para ressaltar a importância dos homens em romper com o modelo heteronormativo e patriarcal que vulnerabiliza as dissidências de sexo/gênero/sexualidade. Machado (2023) alerta para o perigo quando um sujeito pertencente a uma dita “minorias sexual” – mulheres, homens *gays*, pessoas *trans*, dentre outros grupos – tem seus nudes ou intimidades sexuais expostas. Quando isso acontece, esses sujeitos muitas vezes são expostos a uma série de ataques verbais, psicológicos e até físicos.

Dando sequência à análise, gostaria de recorrer a três enunciados, dois do vídeo “Homens?” e um do vídeo “Nude”, respectivamente: 1 “Alê, eu preciso disso, tá? Eu já zerei o xvídeos. Eu não tô legal, a minha vida tá complexa. Me ajuda!”; 2 “eu acabei de gozar virtualmente com a Tina”; 3 “é que essa porra dessa quarentena transformou esse mundo do nude aí numa outra coisa que eu não peguei”. Ambos os enunciados conotam desafios e mudanças enfrentadas pelos sujeitos durante o período de quarentena devido a pandemia da COVID-19. No primeiro enunciado, o personagem Gustavo afirma já ter “zerado o xvídeos”. O termo “zerar” é utilizado na sociedade para se referir a quando alguém conquista ou completa algo. Já o xvídeos é um site adulto com vídeos pornográficos. Os termos são citados para reiterar as modificações nas performatizações de sexualidade dos sujeitos durante o período de

quarentena, em que as sociabilizações presenciais se tornaram limitadas. Nesse sentido, a frase de Gustavo conota a dificuldade que os sujeitos enfrentaram nesse período ao não poder se encontrar presencialmente com suas parceiras. Contudo, os enunciados também mostram a potencialidade na relação *offline-online* geradas pelas possibilidades de performatizações das sexualidades intermediadas pelas mídias digitais conectadas em rede, como o envio de nudes, o “gozar virtualmente” e o acesso à conteúdos pornô.

Vale ressaltar que o ciberespaço não é um lugar descolado da realidade apresentada no mundo físico, muito pelo contrário, se caracteriza como um lócus de expansão das relações sociais através da possibilidade da interconectividade e sociabilidade de pessoas geograficamente dispersas. Os sentidos mobilizados nos vídeos mostram o quanto as relações interpessoais são atravessadas pelo digital em rede e algumas formas de performatização do gênero/sexualidades que foram potencializadas pelo uso de tecnologias digitais durante o período da pandemia da COVID-19, como bem explicita o enunciado “é que essa porra dessa quarentena transformou esse mundo do nude aí numa outra coisa que eu não peguei”.

4.4.3 *Proposições da seção*

Nessa subcapítulo, me propus a discorrer sobre o tamanho do pênis enquanto significante de masculinidade nas enunciações presentes nos vídeos que compuseram a análise. No decorrer do processo, me deparei também com a necessidade de investigar as significações de gênero/sexualidade que envolvem o envio e recebimento de nudes. Nos enunciativos de masculinidade presentes no vídeo “Ménage inseguro” e “Homens?”, o tamanho do pênis apareceu como um relevante significante da masculinidade desses sujeitos: seja por meio da vergonha de ter um pênis menor que o de um colega, seja pelo orgulho em ter um pênis grande ou seja pela preocupação em fazer o pênis parecer maior nas fotos.

Pode-se inferir também a relevância da prática de enviar/receber nudes como um importante fenômeno cibercultural de nosso espaço-tempo e uma possibilidade performativa de vivenciar a sexualidade. Tal prática, apesar de já existir no período pré-pandêmico, se potencializou durante o período de quarentena, decorrente das medidas sanitárias de prevenção contra a COVID-19. Os vídeos que compuseram a análise foram postados durante os anos de 2020 e 2021, período em que as medidas restritivas de circulação de pessoas se mostrou mais intensa em grande parte do Brasil. É notório que nem todos os sujeitos se mantiveram em isolamento físico, sobretudo devido ao contexto político brasileiro da época. Na ocasião, o ex-chefe do poder executivo do país foi a público algumas vezes para negar a ciência e questionar

algumas medidas restritivas adotadas, como aponta Brito (2022). Contudo, para os sujeitos que permaneceram em suas residências, limitando as interações presenciais às atividades essenciais, as performatizações de sexualidade assumiram diferentes formas, muitas delas mediadas pelo digital em rede.

Por fim, destaco o caráter performativo do humor e dos sentidos mobilizados nos vídeos analisados nesse subcapítulo: “Ménage inseguro”, “Nude” e “Homens?”. No vídeo “Ménage inseguro”, os sentidos que atribuem ao pênis grande um caráter masculinizante foram reiterados a todo momento. Contudo, ao final do vídeo, esses sentidos são deslocados e o que se torna objeto de interesse é o pênis tido como “pequeno” – ou não tão grande quanto as expectativas da norma. Precisamos questionar até que ponto esse pequeno deslocamento de sentidos, que ocorre de forma rápida e somente ao final do vídeo, pode gerar efeitos performativos que confrontem as heteronormas. Contudo, aposto em mais deslocamentos como esse para confrontar a suposta estabilidade interna das normas regulatórias de gênero. O humor pode ser um importante aliado nesse processo como forma de torção da realidade e inversão das expectativas, além de quebrar o silenciamento e a vergonha que permeiam a vida de muitos homens que não conseguem atingir esse ideal de pênis. No caso do vídeo “Nude” e “Homens”, o envio e recebimento de nudes aparece como práticas subversivas da sexualidade. Nesse sentido, Nicaretta e Hennigen (2019) destacam o papel do humor no auxílio da subversão das normas regulatórias de gênero, ao quebrar as barreiras da vergonha e do julgamento de valor sobre os nudes.

4.5 “Virei o que eu mais temia”: sentidos de paternidade e a desestabilização/manutenção do *status quo*

Para finalizar, momentaneamente, a problematização acerca das linhas de significação elencadas nessa cartografia, a presente seção irá discutir e problematizar os sentidos de paternidade que correm na sociedade e foram mobilizados nos vídeos analisados. Os sentidos referentes à paternidade parecem cristalizados em nosso espaço-tempo. Amparados pelo modelo patriarcal de família burguesa e pelas heteronormas, esses códigos foram discursivamente construídos ao longo da história e são passíveis de serem ressignificados. Beraldo e Trindade (2016) destacam que durante milhares de anos, as sociedades antigas não tinham a concepção biológica nem social de paternidade. Foi somente a partir do quinto milênio, com os povos indo-europeus e egípcios, que o papel do homem na procriação começou

a ser conhecido. Até então, era comum que as configurações sociais e familiares girassem em torno das mães, sendo atribuído às mulheres um caráter religioso baseado em sua fecundidade. Analisar essas organizações sociais e familiares permite compreender que a configuração patriarcal de nossa sociedade e os sentidos de paternidade, muitas vezes propagados como naturais por um viés essencialista, foram socialmente construídos.

Passaram-se vários milênios desde o entendimento do papel dos homens na procriação até a formação de sociedades patriarcais. Nesse processo lento, o papel do pai na propagação da linhagem sanguínea foi ganhando cada vez mais força, função essa que até então era atribuída exclusivamente às mulheres. Com o avanço desse modelo de sociedade, os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres nas sociedades foram ganhando novos contornos e mudaram também as configurações familiares. O casamento heterossexual foi instituído como forma de perpetuar a linhagem sanguínea dos homens e preservar as riquezas da família. Nesse contexto, foi imputada às mulheres a obrigação da fidelidade no relacionamento como forma de manter a pureza dessa linhagem (Beraldo; Trindade, 2016).

Com a revolução industrial e a migração dos campos para a cidade, ocorreu uma grande mudança na relação de homens e mulheres com o trabalho e com suas famílias, sobretudo em países do ocidente europeu. Se anteriormente, nessas sociedades, ambos trabalhavam juntos nos campos, a partir da revolução industrial surge uma divisão sexual do trabalho, sendo os homens brancos relegados ao trabalho nas fábricas(público) e as mulheres brancas relegadas ao trabalho doméstico(privado). Tais configurações sociais e familiares implicaram fortemente nos sentidos de paternidade observados até hoje em nossa sociedade, com os homens associando a paternidade fortemente a aspectos financeiros, como “sustentar” a família, e se afastando de aspectos referentes ao cuidado com os filhos, entendendo que esse papel é materno (Beraldo; Trindade, 2016).

A socióloga e ativista feminista argentina, María Lugones, aponta as transformações oriundas desse momento histórico e a forma com que esse modelo de sociedade foi difundido mundo afora pelo processo de colonização. Para Lugones (2014), o sistema de gênero vigente em nossa sociedade é baseado no modelo de hierarquização dicotômica da Europa ocidental, tendo o homem branco, heterossexual, cristão e burguês como a base do que é socialmente inteligível. Tal modelo foi imposto forçosamente, principalmente nos países das Américas e África, por meio de processos de colonização violentos e brutais durante a modernidade. Ainda segundo a autora:

O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão,

um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês (Lugones, 2014, p. 936).

Nota-se aqui que o modelo tradicional de paternidade está em consonância com o modelo normativo de masculinidade vigente em nosso espaço-tempo. Por um lado, o modelo normativo de masculinidade exige dos homens uma predisposição para o mercado de trabalho(público), busca por riqueza, repressão de sentimentos e negligência com o cuidado de si e do outro; por outro lado o modelo tradicional de paternidade infere na ausência de responsabilidade com o cuidado dos/as filhos/as(privado), na responsabilização pelos aspectos financeiros da família e no distanciamento das questões afetivas relacionadas às crianças. Sendo assim, avançar na ressignificação dos sentidos de masculinidade vigentes em nossa sociedade pode auxiliar também na ressignificação dos sentidos de paternidade vigente, tendo em vista que ambos se encontram intimamente ligados.

Medrado e Lyra (2000) argumentam que a concepção social da paternidade vem mudando lentamente nos últimos anos, apontando para homens que se preocupam mais com a criação dos/as filhos/as e com o estabelecimento de fortes laços afetivos com suas proles. Corroborando essa ideia, Beraldo e Trindade (2016) afirmam que há um conflito entre as noções de paternidade mais tradicionais e as contemporâneas. Se por um lado há na paternidade tradicional um afastamento dos aspectos afetivos e do cuidado com os/as filhos/as, na contemporaneidade é possível observar certa mudança nesses padrões de comportamento, com pais mais próximos dos/as seus/as filhos/as e mais preocupados com aspectos relacionados a criação.

Sendo assim, para discutir os sentidos de paternidade mobilizados nos vídeos irei recorrer ao vídeo intitulado “Teste” e ao vídeo intitulado “Nasce um Papai”. A temática principal de ambos os vídeos gira em torno da paternidade. O vídeo intitulado como “Teste” retrata o diálogo de um casal ao descobrir o resultado – positivo – de um teste de gravidez. Ao descobrir que vai ser pai, o personagem, Marcelo, entra em desespero, pois acredita que ao virar pai ele terá que sucumbir a certas normas sociais que envolvem a paternidade, normas essas que ele enxerga de forma negativa. Dentre as expectativas sociais para a paternidade que são abordadas no vídeo estão a forma de se vestir, carro utilizado, forma de se comportar, postagens nas redes sociais, dentre outras.

Já o vídeo intitulado “Nasce um papai” é uma paródia do processo de gravidez de uma mulher. Ao invés de um bebê, a gestação e desenvolvimento dentro do útero é de um pai. O

novo papai que está sendo gerado aparece dentro do útero e o vídeo mostra o processo de desenvolvimento desse pai, que vai desde o resultado positivo no exame de gravidez, até o nascimento do novo papai. Ao contrário dos outros vídeos analisados nessa dissertação, essa esquete não apresenta diálogos, trata-se de um vídeo narrado, uma paródia de uma reportagem sobre o processo de desenvolvimento de um bebê, em que o pai em questão assume o lugar do feto no útero. O vídeo traz de forma irônica uma série de atos considerados comuns a paternidade em nossa sociedade, como a falta de responsabilidade com a gravidez, a falta de “senso de realidade”, e a “necessidade de fugir”, retratada como “absolutamente comum no desenvolvimento do papai”.

Abaixo, segue a transcrição do vídeo “Nasce um Papai”:

O vídeo se passa dentro de um útero e começa com um homem, o futuro papai, abrindo os olhos e acordando.

Narração:

- Este é o organismo de um futuro papai. Na semana seguinte ao exame positivo para a gravidez, o futuro papai ainda está em transe. Ele agora é chamado pelos amigos de “pai do ano” e seu senso de realidade é menor do que a cabeça de um alfinete.
- Na quinta semana de gravidez a consciência do que é ser papai já tem o tamanho de uma sementinha de gergelim. O embrião começa a tomar forma e surgem as primeiras açõezinhas. Na nona semana o papai ainda se parece mais com um micareteiro²⁶ do que com alguém responsável. Essa é a última fase da negação e em breve ele vai passar de um papai embrião para um papai feto.
- Começam a surgir os primeiros gastos que virarão dívidas. A partir de agora os custos crescem rápido. A ilusão que ele tinha entre os dedos já sumiu. E graças aos 0,5% de contato com a realidade o papai se mexe bastante.
- Na semana 16, os olhos e os ouvidos do papai ainda estão fechados para a realidade, mas ele já faz caretas. O cérebro e o sistema nervoso não sofrem nenhuma dilatação, já o fígado tem muito trabalho. O papai não mudou em nada a sua rotina e agora bebe por ele e pela mamãe.
- Entre 16 e 20 semanas, o seu bebê dobra de tamanho. A medida que isso acontece o sistema nervoso do papai começa a funcionar, conectando o super pai ao planeta terra. O pensamento, que antes era sonho, começa a enrijecer e virar pesadelo. O desenvolvimento sensorial acelera. O cérebro do papai está designando áreas especiais para o medo, a ansiedade, o despreparo e a insegurança. Nessa fase é bastante comum que os papais chupem o dedo em posição fetal.
- Entre as semanas 21 e 27, a vida social do papai se intensifica proporcionalmente a reclusão da mamãe. Daqui para frente inicia um novo ciclo de negação. Com a data prevista para o parto agendada, ele sente a necessidade de fugir. Essa fase é absolutamente comum no desenvolvimento do papai.
- Na trigésima semana, as pálpebras do papai se abrem quase que por reflexo, mas ele ainda não enxerga. O quatinho do bebê já está montado e tem início o último trimestre da gestação. Milhões de neurônios já existem para criar conexões cerebrais que serão essenciais nos aprendizados futuros, como esquentar a água do banho e segurar o bebê quando a mamãe estiver ocupada.
- Nas vésperas do parto, o papai também se prepara para nascer. Todo período da gestação parece ter servido para ele entender que a vida mudou. Agora ele vai ter que dividir a atenção, o carinho e o peito da mamãe.

²⁶ Micareteiro é uma expressão utilizada para se referir às pessoas que frequentam as festas de carnaval fora de época, conhecidas como micaretas.

O vídeo “Nasce um papai” mobiliza alguns sentidos negativos relacionados à paternidade que correm em nossa sociedade. Dentre os sentidos mobilizados com maior frequência nos enunciados está a ausência de responsabilidade dos homens, seja com o processo gestacional da mãe, seja com sua própria saúde, seja com aspectos ligados ao futuro do bebê que está para nascer. Tais sentidos são mobilizados de forma irônica, em tom de crítica e utilizam um humor ácido para problematizar esses aspectos negativos que estão presentes tanto no modelo de paternidade tradicional quanto no de masculinidade normativa.

Os enunciados presentes no vídeo são utilizados de forma irônica, utilizando o humor como forma de torção da realidade. Se ao longo dos anos, tais posturas referentes à paternidade foram preponderantes e normatizadas em nosso espaço-tempo, essas mesmas posturas são colocadas sobre outra ótica no vídeo. O humor, nesse caso utilizado em forma de ironia/crítica, confronta a realidade da nossa sociedade e cria um cenário dentro do vídeo em que as enunciações de masculinidade normativa e paternidade tradicional não são mais vistas como algo positivo, mas sim como algo problemático. Essa possibilidade de torção ocorre por meio do caráter iterável e citável da linguagem. Se por um lado os enunciados do vídeo resgatam contextos prévios em que a paternidade tradicional e masculinidade normativa são naturalizadas, ao mesmo tempo esses enunciados são reinseridos em novos contextos e utilizados de forma com que esses modelos de masculinidade e paternidade sejam problematizados.

Para Derrida (1991), a possibilidade de reiteração desses sentidos e o engendramento em novos contextos de significação se dá justamente pela ausência de um referente, de um significado prévio, de uma essência significativa que dê significado ao enunciado. Parto desse princípio para entender os sentidos de paternidade tradicional como mutáveis, como passíveis de ressignificação quando inseridos em novos contextos, como no contexto paródico apresentado no vídeo, que resgata o modelo tradicional de paternidade por meio da citacionalidade do ato de fala e, ao mesmo tempo, problematiza e agrega um sentido crítico a esse modelo por meio da iterabilidade. De acordo com o autor,

É porque essa unidade de forma significante só se constitui pela sua iterabilidade, pela possibilidade de ser repetida na ausência, não apenas de seu ‘referente’, o que é evidente, mas na ausência de um significado determinado ou da intenção de significação atual, como toda intenção de comunicação presente (Derrida, 1991, p. 23).

Após abordar a possibilidade de torção dos sentidos de paternidade tradicional presentes no vídeo por meio da iterabilidade da linguagem, gostaria de retomar a discussão para os

sentidos de paternidade que são mobilizados. Dentre esses sentidos, os que são mobilizados com maior frequência no vídeo são a ausência de responsabilidade dos homens com o processo gestacional e futuros cuidados com o bebê, e, ainda, a falta de “noção da realidade”, que podem ser observados em inúmeros enunciados.

A respeito da falta de responsabilidade com o processo gestacional da mãe e com os cuidados com o bebê, destaco os seguintes enunciados: 1) “Na nona semana o papai ainda se parece mais com um micareteiro do que com alguém responsável.”; 2) “O cérebro e o sistema nervoso não sofrem nenhuma dilatação, já o fígado tem muito trabalho. O papai não mudou em nada a sua rotina e agora bebe por ele e pela mamãe.”; 3) “Entre as semanas 21 e 27, a vida social do papai se intensifica proporcionalmente a reclusão da mamãe.”; 4) “Com a data prevista para o parto agendada, ele sente a necessidade de fugir. Essa fase é absolutamente comum no desenvolvimento do papai.”; 5) “Milhões de neurônios já existem para criar conexões cerebrais que serão essenciais nos aprendizados futuros, como esquentar a água do banho e segurar o bebê quando a mamãe estiver ocupada.”.

Alguns dos comportamentos relatados nesses enunciados como comuns às formas de vivenciar a paternidade em nosso espaço-tempo estão em consonância com o modelo de masculinidade normativa e de masculinidade tóxica abordado na primeira seção desse capítulo – e entendida aqui como expressões de masculinidade em que a norma é mais repetida que seus deslocamentos. Esses comportamentos narrados no vídeo reiteram a relação íntima entre os discursos de paternidade tradicional e a masculinidade normativa. Dentre esses comportamentos estão o pouco cuidado com a própria saúde e a alta ingestão de álcool, que podem ser observados no seguinte enunciado: “O cérebro e o sistema nervoso não sofrem nenhuma dilatação, já o fígado tem muito trabalho. O papai não mudou em nada a sua rotina e agora bebe por ele e pela mamãe”.

Casadei e Kudeken (2020) ressaltam que em acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), três das principais causas de óbito dos homens estão ligadas a aspectos relacionados à masculinidade tóxica: violência interpessoal, acidentes de trânsito e cirrose hepática – doença que em grande parte das incidências está relacionada à alta ingestão de bebidas alcoólicas. Embora não possamos afirmar que as expressões de paternidade mais tradicionais incluem o alto consumo de álcool, esse sentido é mobilizado com frequência no vídeo “Nasce um papai” e atrelado a performatização desse modelo de paternidade. Tal fato me leva a pensar o quão entrelaçados estão as noções de paternidade tradicional e de masculinidade normativa no imaginário social e nas representações midiáticas; novamente destaco que a quebra na repetição desse estilo de masculinidade e a ressignificação desses sentidos podem

auxiliar desestabilização e ressignificação dos sentidos de paternidade vigentes em nossa sociedade.

Seguindo com a análise dos sentidos mobilizados, destaco mais dois enunciados que vão ao encontro dessa significação que acomete a alta ingestão de bebidas alcoólicas: 1) “Na nona semana o papai ainda se parece mais com um micareteiro”; e 2) “Entre as semanas 21 e 27, a vida social do papai se intensifica proporcionalmente a reclusão da mamãe”. Embora nenhum dos dois enunciados transcritos faça menção direta a ingestão de álcool, no segundo há no vídeo a enunciação do futuro papai ingerindo bebidas alcoólicas, conforme mostra a **Figura 9**. Além disso, pela relação feita entre o estilo de vida do futuro papai e a ingestão de bebidas alcoólicas mostradas em outros enunciados, quando a narração do vídeo se refere à “vida social do papai” ou se refere a ele como alguém que “parece um micareteiro”, é possível inferir que o sentido mobilizado nesse discurso é de que há também a ingestão de bebidas alcoólicas nesses momentos.

Figura 9 – A vida social do futuro papai.



Fonte: O autor, 2024.

Para Derrida (2013), o que dá sentido ao significante é a cadeia de significantes anteriores e posteriores a ele. Dessa forma, tendo em vista que já existe uma referência no vídeo atrelando a alta ingestão de bebidas alcoólicas à vida social do futuro papai, o sentido presente nessas duas enunciações é de que há também o consumo de bebida alcoólica nesses dois momentos, tendo em vista que no lapso temporal do vídeo que separa essas duas enunciações há também o seguinte enunciado: “o fígado tem muito trabalho. O papai não mudou em nada a sua rotina e agora bebe por ele e pela mamãe”. Para entender o sentido é necessário analisar o

contexto no qual o ato de fala está inserido, afinal “o ato de fala diz mais, ou de maneira diferente, do que pretende dizer” (Butler, 2021, p. 26).

Além da presença de hábitos nocivos para a saúde, como o alto consumo de bebidas alcoólicas, o vídeo também aborda questões relacionadas à falta de responsabilidade com aspectos referentes ao cuidado, seja com a companheira durante o processo gestacional, seja com o futuro bebê. Nas falas “O papai não mudou em nada a sua rotina e agora bebe por ele e pela mamãe”, e “a vida social do papai se intensifica proporcionalmente a reclusão da mamãe”, a crítica se direciona para a manutenção da rotina dos homens durante o período da gravidez, que nesse caso envolve uma vida social ativa com festas e bebidas alcoólicas. Em contrapartida, a rotina das mães seria dedicada para o cuidado do bebê. A falta de responsabilidade do homem aqui se traduz na ausência de mudanças no dia a dia dos pais para tornar mais fácil, ou menos desgastante, o cotidiano das futuras mamães durante a gravidez e após a chegada do bebê.

Já o enunciado “Milhões de neurônios já existem para criar conexões cerebrais que serão essenciais nos aprendizados futuros, como esquentar a água do banho e segurar o bebê quando a mamãe estiver ocupada”, busca, de forma irônica, problematizar a ausência dos homens quando o assunto está relacionado ao cuidado com os bebês. Apesar de afirmar que os homens aprenderão coisas referentes ao cuidado, como “esquentar a água do banho” e “segurar o bebê quando a mamãe estiver ocupada”, tais atividades são ínfimas perto das demandas que uma criança na mais tenra idade precisa. A crítica segue no sentido de que os homens se ausentam de grande parte das responsabilidades com o cuidado da criança, se relegando a atividades pontuais e esporádicas, enquanto a maioria esmagadora dessas responsabilidades recai sobre o colo das mães, que ficam sobrecarregadas pela ausência de paridade na (não) divisão de responsabilidades referentes ao cuidado.

Para Beraldo e Trindade (2016), as exigências do sistema capitalista após a revolução industrial determinavam que para os homens serem considerados bem-sucedidos e terem suas masculinidades reconhecidas, era necessário o êxito nas relações de trabalho e financeiras, além de atributos físicos como a força e agressividade e, por fim, um aspecto dominante, frio e calculista. Tais características refletiram nas relações familiares e no interior dos lares, fazendo com que os homens cada vez mais se afastassem do aspecto afetivo e cuidador na criação dos filhos. Em consonância com tal afirmação, Lyra e Medrado (2000) argumentam que os aspectos sociais ligados à paternidade por muito tempo giraram em torno de um ideal que tem os homens como provedores financeiros da família e dos/as filhos/as. Nessa perspectiva, a criação dos filhos se restringe exclusivamente às mulheres.

No sistema dicotômico e hierárquico que vem moldando as relações sociais desde a modernidade, sobretudo nos países colonizados pela Europa Ocidental, que sofreram um processo de expropriação cultural por meio de imposições brutais durante o processo de colonização (Lugones, 2014), a construção social das masculinidades se deu em oposição a tudo que é considerado feminino. De igual modo, os sentidos de paternidade mais tradicionais que correm em nosso espaço-tempo se constroem por meio de um afastamento de tudo que é considerado materno. Sendo assim, aspectos referentes ao cuidado com as crianças e com o ambiente doméstico, considerados como atribuições das mulheres/maternas, sobretudo após a revolução industrial, não são incorporados pelos homens e, muitas vezes, são entendidos por esses homens como emasculantes.

Contudo, tais noções de paternidade começaram a ser problematizadas recentemente e modelos de paternidade mais ativas e cuidadoras vêm ganhando espaço em nossa sociedade. Beraldo e Trindade (2016) afirmam que há um conflito entre as noções de paternidade mais tradicionais e as contemporâneas. Se por um lado há na paternidade tradicional um afastamento dos aspectos afetivos e do cuidado com os/as filhos/as, na contemporaneidade é possível observar certa mudança nesses padrões de comportamento, com pais mais próximos dos/as seus/as filhos/as e mais preocupados com aspectos relacionados à criação. Jorge Lyra e Benedito Medrado (2000), em artigo publicado nos anos 2000, já identificavam um processo de mudança nos sentidos de paternidade vigentes àquela época. Para os autores, o papel do homem na criação dos filhos, que outrora foi ocultado e negligenciado, vinha ganhando espaço em discussões acadêmicas e no âmbito político. Com isso surgem formas alternativas de vivenciar a paternidade que fogem do modelo normativo e que, apesar de não serem novas, começam a ganhar destaque (Lyra; Medrado, 2000).

Aposto na resignificação dos sentidos de paternidade vigentes em nossa época por meio da mobilização de novos sentidos de paternidade, atrelada à mobilização de novos sentidos de masculinidade e à problematização ao modelo tradicional e normativo. Se por um lado tais sentidos parecem cristalizados em nosso espaço-tempo, por outro lado temos o aparecimento de formas cada vez mais afetivas e cuidadosas de vivenciar a paternidade; essas formas não estão surgindo agora, mas ganhando maior visibilidade na contemporaneidade. Acredito na potencialidade performativa, gerada pela reiteração dessas performances alternativas de paternidade, para auxiliar na desestabilização dos discursos mais tradicionais e normativos de paternidade vigentes em nossa época.

Finalizando por ora a argumentação sobre os sentidos de paternidade mobilizados no vídeo “Nasce um papai”, trago para o debate um enunciado no final do vídeo que trata de algo

um tanto quanto comum na vivência da paternidade – ou ausência dessa vivência – no Brasil: “Com a data prevista para o parto agendada, ele (o futuro pai) sente a necessidade de fugir. Essa fase é absolutamente comum no desenvolvimento do papai”.

De acordo com o Portal de Transparência da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen), do início de 2016 até 31 de agosto de 2024, data em que esses dados foram coletados, foram registradas 1.302.607 crianças no Brasil em que não constava o nome do pai na certidão de nascimento, somente o nome da mãe. Tais registros são denominados como “pai ausente”. Desde 2020 o número tem aumentado ano após ano e em 2024 já são 111.272 crianças registradas com pais ausentes, o que corresponde a um percentual de mais de 6% das crianças registradas no ano²⁷. Tais dados mostram o quão alarmante são os sentidos mobilizado nesse enunciado, nos levando a questionar o quão normatizado é o fato de que muitas mães assumem integralmente a responsabilidade legal de cuidar da criança.

A respeito da afirmativa acima, Fernandes (2020) afirma que, em relações heterossexuais, grande parte das vivências ativas de paternidade estão condicionadas à presença de um relacionamento afetivo entre os pais e as mães biológicas das crianças. Quando há a separação do casal, a tutela das crianças geralmente é dada à mãe biológica e há um afastamento ainda maior do pai com os aspectos relativos à criação dos/as filhos/as, limitando suas relações com as crianças à momentos de lazer e entretenimento. Para a autora, esse afastamento dos homens dos aspectos relativos à paternidade em caso de separação conjugal decorre do ideal heteronormativo que associa a paternidade ao modelo de família tradicional. Quando esse modelo de família é desfeito por meio da separação do casal, poucos são os homens que continuam vivenciando a paternidade de forma prazerosa.

Em resumo, grande parte das enunciações de masculinidade presentes no vídeo “Nasce um papai” fazem referência a uma masculinidade normativa que em consonância com o modelo tradicional de paternidade eximem os homens de uma série de responsabilidades durante o processo gestacional e após o nascimento da criança. Dentre os sentidos presentes nos enunciados, os que foram apresentados mais vezes fazem referência a uma alta ingestão de bebidas alcoólicas e a não mudança em sua rotina para se adaptar as novas demandas oriundas da gravidez. Ao investigar as expectativas de homens – durante o período da gravidez – sobre as mudanças que irão ocorrer em suas vidas após o nascimento da criança, Camila Fernandes (2020) observou que, embora a maioria dos homens afirme que haverá mudanças significativas

²⁷ Dados coletados em 31 de agosto de 2024. Esses dados e outras consultas estão disponíveis em: <<https://bit.ly/47ba6Fr>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

em suas vidas com a vivência da paternidade, essas mudanças não são especificadas por esses homens e nem são observadas em suas falas. Os achados da autora estão em consonância com os sentidos de paternidade mobilizados no vídeo “Nasce um papai”, que promove uma crítica à permanência de determinados hábitos por parte dos homens (alto consumo de bebidas alcoólicas, idas às micaretas, falta de responsabilidade com os aspectos referentes ao cuidado, dentre outros), em detrimento da rotina das mulheres que é afetada totalmente durante a gravidez, como pode ser observado na **Figura 10**.

Figura 10 – O papai não mudou em nada sua rotina.



Fonte: O autor, 2024.

Embora a crítica realizada no vídeo “Nasce um papai” possibilite utilizar o humor para confrontar a permanência de determinados hábitos nocivos na vida de homens que são/serão pais; ao analisar o vídeo “Teste”, que também tem como arco temático as mudanças oriundas da paternidade, os sentidos mobilizados contrastam com a crítica apresentada no primeiro vídeo e parecem corroborar a permanência desses hábitos. Para seguir com a argumentação, irei recorrer ao diálogo apresentado no vídeo intitulado “Teste”, logo após o personagem principal, Marcelo, descobrir que sua companheira está grávida:

Mulher: Marcelo, deu positivo. Eu vou ser mãe e você vai ser pai.
 Marcelo se anima com a notícia e responde a mulher em tom de alegria.
 Marcelo: Eu vou ser pai. Meu Deus do céu, eu vou ser pai. Que maravilha, meu amor!
 Que notícia linda. Eu vou ser pai, meu Deus. Que maravilha!

Marcelo olha para as mãos e se depara que a sua aparência mudou. Ele não calça mais havaianas e sim um sapatênis, sua camiseta e jaqueta deu lugar a uma camisa polo listrada.

Marcelo: [dizendo para si próprio, assustado] O que é isso? O que é que está acontecendo?

Mulher: O que?

Marcelo: Meu amor, eu... As minhas havaianas viraram sapatênis, meu amor. Eu virei pai, meu amor. Meu Deus! Eu sabia que isso ia acontecer.

Mulher: Quê, Marcelo? Pera aí que eu vou aí.

Marcelo: [gritando, preocupado] Não vai sair!

Mulher: Quê?

Marcelo: Não vai sair. Fica aí. Você não pode me ver assim.

Mulher: Tá bem, tá bem. Eu vou ficar aqui. Não abro a porta. O que que é?

Marcelo: Eu tô com uma camisa cheia de número aleatório, eu tô parecendo uma cartela de bingo. Meu Deus, eu to vestido de pai pra sempre... [preocupado]

Mulher: Não existe roupa de pai. Existe roupa. Você vai continuar usando as mesmas de sempre.

Marcelo: Existe sim. Existe sim.

Marcelo pega um adesivo de carro com o desenho de uma mulher, um homem e uma criança.

Marcelo: [desesperado] Eu vou colar um adesivo no nosso carro. Eu vou colar um adesivo de família comigo, com você, com nosso filho e com cachorro. Eu tenho alergia, mas eu vou comprar um *Golden Retriever*, porque agora eu sou assim. Meu Deus, eu virei o que eu mais temia.

Mulher: A gente não tem carro, Marcelo.

Marcelo: Tem sim. É que cargo tem muito bolso, mas tem sim. Olha aqui! Olha aqui! Tem inclusive chaveiro escrito “pai, eu te amo”. Meu Deus do céu, aquele SUV gigante, que parece que é pra transportar o Godzilla, mas na verdade é pra transportar uma criança de 50 centímetros. Aquele carro que só de ligar morre uma árvore.

Marcelo fica em silêncio e ouve-se o barulho de digitação no celular

Mulher: Marcelo, o que que tá acontecendo aí? O que que cê tá fazendo?

Marcelo: Eu tô escrevendo um textão no Facebook e nada pode me deter.

Mulher: [lamuriando] Pelo amor de Deus, não me diz que você tá escrevendo “éramos dois e agora...”

Marcelo: [Marcelo complementa] “Agora somos três”. É mais forte do que eu. Eu tô escrevendo em linguagem de pai.

Mulher: Meu amor, você vai continuar sendo a mesma pessoa de sempre, com o mesmo bom gosto.

Marcelo coloca a mão no peito, sentindo dor no local e diz:

Marcelo: Ai... Não pode ser... Amor, eu acho que eu fiz uma tatuagem em homenagem ao nosso filho.

Mulher: É nome?

Marcelo balança a cabeça negativamente e mostra a tatuagem no peito – um pezinho de bebê

Marcelo: O pezinho.

Mulher: Aí não... Aí não...

VINHETA DO PORTA DOS FUNDOS

O teor do vídeo “Teste” gira em torno das diversas mudanças oriundas da paternidade na vida dos sujeitos. No vídeo em questão, o personagem principal, Marcelo, experimenta uma série de mudanças instantâneas em sua vida logo após receber a notícia de que sua companheira está grávida, como: mudanças na forma de se vestir; a compra de um carro no modelo SUV; a intenção de comprar um (cachorro) *Golden Retriever*; começar a se comunicar em “linguagem

de pai”; e, por fim, fazer uma tatuagem de pezinho em homenagem ao futuro bebê. Mesmo se mostrando feliz ao receber a notícia de que sua companheira está grávida, rapidamente a linguagem corporal de Marcelo e as enunciações ditas por ele dão o tom de que o futuro papai não está nada satisfeito com essas mudanças. Tal insatisfação pode ser observada nos seguintes enunciados: 1 “Meu Deus! Eu sabia que isso ia acontecer.”; 2 “Fica aí. Você não pode me ver assim.”; 3 “Meu Deus, eu tô vestido de pai pra sempre... [preocupado]”; 4 “Meu Deus, eu virei o que eu mais temia.”.

Embora pareçam mudanças sutis, ao analisar o contexto no qual os enunciados estão inseridos, é possível perceber que essas mudanças não se referem apenas ao modo de se vestir, à compra de um carro novo ou às postagens nas redes sociais, mas sim como mudanças profundas de comportamento no dia a dia, colocando a família e a vivência da paternidade no cerne da vida do futuro papai. Se a mudança na forma de se vestir não nos dá indícios de que haja uma mudança na rotina de Marcelo, a compra de um carro SUV, um carro “gigante”, que segundo o próprio será utilizado para transportar a criança, já denota uma mudança nas prioridades de vida do pai. De igual modo, a compra de um *Golden Retriever*, cachorro conhecido por ser extremamente dócil e apropriado para a convivência com crianças, também transmite esse sentido. Vale destacar aqui que, mesmo alegando ter alergia, o futuro pai pretende comprar o cachorro, deixando claro que a criança passou a ser a prioridade em sua vida em detrimento até de aspectos da sua própria saúde.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, outras enunciações transmitem o sentido de colocar a família e a paternidade no cerne de sua vida, como o *post* no Facebook exaltando a chegada de um novo integrante a família e a tatuagem em homenagem ao bebê, que em breve fará parte da vida do casal. Por si só, tais enunciações não dizem muito a respeito de uma mudança de rotina ou de uma preocupação real com os cuidados com a família e a criança, mas associadas aos enunciados anteriores, podemos fazer a ilação de que o sentido a ser transmitido é esse. Novamente, recorro a Derrida (1991) para afirmar que o que dá sentido ao significante são os contextos nos quais ele está inserido.

Contudo, apesar de o principal sentido mobilizado no vídeo ser de que há, e deve haver, mudanças na vida dos homens com a chegada da paternidade, esse sentido é mobilizado de forma negativa no vídeo. O vídeo retrata as mudanças na vida do futuro papai como se fossem algo ruim. Se há uma mudança na vestimenta, essa mesma mudança é reprovada por Marcelo que reclama por estar “vestido de pai pra sempre”. Se há a preocupação de comprar um *Golden Retriever*, mesmo afirmando ter alergia, essa preocupação é seguida de uma frase de reprovação que traz um aspecto extremamente negativo para essas mudanças: “Meu Deus, eu virei o que

eu mais temia”. Se há a preocupação em comprar um carro grande para transportar o bebê, em seguida há também uma série de críticas ao modelo do carro comprado. E, por fim, se há a produção de textos no Facebook exaltando a nova família e uma tatuagem nova em homenagem ao filho, essas duas ações são reprovadas não só pelo Marcelo, mas também por sua companheira.

Muito dessa desaprovação me parece ser pelo fato de que as mudanças oriundas da paternidade relatadas no vídeo não estão em consonância com o modelo normativo de masculinidade, mostrando novamente a negociação constante entre os sentidos de paternidade e os sentidos normativos de masculinidade. As roupas utilizadas pelo novo papai, como mostra a **Figura 11**, fogem do estilo das roupas que garantem certo grau de masculinidade aos sujeitos, como roupas de marcas caras e roupas que estão nas tendências da moda, questão essa que já foi apresentada e problematizada no vídeo “Jesus Hétero”. Dessa forma, esse novo estilo de vida desagrade o personagem também por infringir os padrões normativos de masculinidade. De igual modo, a escolha por um modelo de carro SUV familiar ao invés de carros de luxo ou caminhonetes, que parecem legitimar a masculinidade dos sujeitos perante a sociedade, caminha no mesmo sentido, causando insatisfação ao sujeito por não se enquadrar no modelo normativo de masculinidade.

Figura 11 – “Roupa de pai”



Fonte: O autor, 2024.

A respeito da negociação constante entre a masculinidade normativa e os modelos de paternidade, Casadei (2022) analisou as enunciações de paternidade cuidadora em dois perfis

autobiográficos no Instagram, Paizinho Vírgula²⁸ e Homem Paterno²⁹. Ambos os perfis apresentam narrativas de paternidade bem-sucedida, rompendo com o modelo tradicional e normativo de paternidade e dando ênfase a uma paternidade cuidadora e ativa. Contudo, ambos os perfis buscam uma constante negociação com o modelo de masculinidade normativo, buscando, dentro desse modelo, validar e normalizar uma paternidade presente, ativa e cuidadora. O ato de cuidar, aqui, é apresentado com uma característica da masculinidade normativa, e, por meio da aproximação com esse modelo normativo, os perfis buscam tentar validar uma paternidade que incentive os cuidados com as crianças e as parceiras.

Gonçalves (2023) vai ao encontro dessa afirmação e argumenta que as performances de masculinidades alternativas vêm ganhando cada vez mais visibilidade nos últimos anos, como a do homem em desconstrução, confrontando a norma ao apresentar performatizações de masculinidades e de paternidades que fogem ao modelo normativo. Tais performances envolvem paternidades mais ativas, cuidadoras e afetivas, contudo, negociam constantemente com a norma ao demonstrar aspectos de virilidade, do homem como provedor, dentre outros, para receberem legitimação de outros homens.

Os sentidos mobilizados no vídeo “Teste” se encontram em contradição com os sentidos mobilizados no vídeo “Nasce um papai”. Se por um lado o vídeo “Nasce um papai” tece uma série de críticas e problematizações à manutenção da rotina por parte dos homens durante o processo da gravidez, o vídeo “Teste” me parece corroborar com a manutenção dessa rotina dos homens, ao retratar as mudanças oriundas desse processo de forma negativa. No vídeo “Nasce um papai”, o discurso resgata toda a historicidade de um modelo tradicional de paternidade e de masculinidade tóxica/normativa por meio da citacionalidade, e, em seguida, o reinsere em um contexto de problematizações e torção da realidade por meio da iterabilidade. Por meio do humor, da paródia e da crítica em tom de ironia, essas performances de paternidade, tão reproduzidas ao longo da história, passam a não ser mais aceitáveis, ao menos no contexto produzido no vídeo. Já no vídeo “Teste”, o discurso resgata uma historicidade em que essas mudanças são entendidas de forma negativa por parte dos homens, e a reinsere em um contexto que não auxilia na mudança desses padrões, mas sim os corrobora por meio da sátira aos pais que realizam essas mudanças.

Em outras palavras, se no vídeo “Nasce um papai” o humor é utilizado para problematizar os homens que mantêm suas rotinas após a descoberta da paternidade,

²⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/paizinhovirgulaoficial>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

²⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/homempaterno>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

confrontando esse discurso; no vídeo “Teste” o humor é utilizado para fazer sátira das mudanças que ocorrem na vida dos homens após a descoberta da paternidade, corroborando a manutenção do *status quo*. Para Butler “a força do performativo é derivada justamente de sua descontextualização, de sua ruptura com um contexto anterior e de sua capacidade de assumir novos contextos” (Butler, 2021, p. 242). No caso dos dois vídeos em questão, enquanto o vídeo “Nasce um papai” reinsere o discurso em um contexto que critica a performatização desse modelo de paternidade tradicional, o vídeo “Teste” reinsere o discurso em um contexto que de certa forma corrobora a manutenção dessas performances.

Vale destacar aqui que, embora o canal faça uso do humor para promover inúmeras críticas sociais – sejam elas relacionadas às questões de gênero, religião, raça, etnia, dentre outros –, o objetivo principal do canal é fazer esquetes de humor, seja com situações hipotéticas, seja com situações cotidianas, e não necessariamente promover críticas sociais. Meu papel aqui, como professor-pesquisador, é analisar o quanto os sentidos mobilizados nesses esquetes podem ou não auxiliar a desestabilizar as normas regulatórias de gênero. Se por um lado alguns dos vídeos já analisados nesse trabalho, como os vídeos “Jesus Hétero”, “Homens” e “Nasce um papai” podem realizar tanto a função de entreter como ter o efeito performativo de auxiliar na desestabilização das heteronormas e do modelo tradicional de paternidade, o vídeo “Teste” me parece correr na contramão e ter como potencial efeito performativo a corroboração e manutenção do *status quo*.

Além dos pontos supracitados, gostaria de pontuar a ausência da representação de performances de paternidade mais responsáveis, afetuosas e cuidadosas nos vídeos analisados. Tendo em vista que o recorte temporal utilizado foi de 2 anos (2020-2021), não encontrar nenhuma representação desse modelo de paternidade me pareceu problemático, tendo em vista que aposto fortemente na veiculação de novos códigos de masculinidade/paternidade para auxiliar na quebra do padrão de repetição e, assim, na ressignificação e mobilização de novos sentidos. Assim como Casadei e Scabin (2021), gostaria de destacar séries como *The Witcher*, *The Mandalorian* e *Prision Break* que apresentam performances alternativas de masculinidades que colocam as relações familiares no cerne do debate, valorizando sentidos como o afeto, o cuidado e a nutrição no seio familiar, apesar de apresentarem enredos hipermasculinos (Casadei; Scabin, 2021). A representação de configurações familiares que fogem do modelo de família tradicional, que colocam homens no papel de cuidador das crianças, como casais de homens homoparentais e homens que vivenciam a paternidade de forma solo, por exemplo, também podem auxiliar no processo de desestabilização da heteronormas e dos ideais de paternidade.

Busco rememorar que embora as mais diferentes formas de vivenciar a paternidade venham ganhando espaço na contemporaneidade, o modelo tradicional ainda é predominante. Dessa forma, a reiteração de performances alternativas de paternidade pode ser produtiva à medida que mobiliza e faz circular novos sentidos de paternidade pela sociedade. Por fim, cabe destacar que quando os enunciados evocam os sentidos de paternidade tradicional e masculinidade normativa que circulam na sociedade e esses sentidos não são ressignificados/reiterados, eles acabam por ratificar esse modelo.

5 REFLEXÕES FINAIS: POR UMA EDUCAÇÃO QUE RECONHEÇA A PLURALIDADE DAS MASCULINIDADES

Tendo em vista o aspecto performativo infindável de resignificação e reflexão na pesquisa, e a provisoriedade das conclusões em uma pesquisa que aborda questões relacionadas a gênero e sexualidade na cibercultura na perspectiva pós-estruturalista, finalizo o texto dessa dissertação fazendo um retorno aos pontos que foram centrais no traçado dessa cartografia. Para isso, apresento meu processo de desconstrução/resignificação enquanto sujeito-professor-pesquisador ao ser afetado pelas problematizações propostas nesse trabalho e, por fim, pensar uma educação que valorize e reconheça a pluralidade das masculinidades.

Partindo da premissa de que em uma cartografia é preciso “deixar-se tocar, na experiência do sensível, pelo campo” (Silva; Paraíso, 2019, p. 8), me encontrei defrontado muitas vezes com as problematizações tecidas nesse trabalho e a minha performatização de masculinidade: seja com autorreflexões acerca de enunciações de masculinidade tóxica/normativa que tive ao longo da vida – e ainda tenho em alguns momentos; seja com a enunciação de uma suposta masculinidade em desconstrução, mas que frequentemente negocia com o modelo normativo de masculinidade; seja com a lembrança de vivências de paternidade tradicional ao qual tive acesso na infância, porém, que gostaria de desconstruir e resignificar para não citá-las no futuro quando puder vivenciar a paternidade, que é um grande desejo pessoal.

Foi por meio da educação que meu processo de desconstrução (sempre inacabado e passível de desconstruções) começou. Quando ingressei na UFRRJ para realizar minha graduação esse processo começou a se moldar. Foi durante a graduação que pude ter consciência de meu lugar de fala enquanto homem, branco, cisgênero e que no momento se entende como heterossexual, embora essa experimentação da sexualidade tenha mudado algumas vezes durante a vida. Foi a partir desse lugar que busquei conduzir essa pesquisa e contribuir com a desconstrução do modelo (hetero)normativo de masculinidade e do modelo patriarcal de sociedade. As reflexões tecidas nesse trabalho foram extremamente relevantes nesse processo. Mesmo ao performatizar uma masculinidade dita em desconstrução, me encontrei, inúmeras vezes, negociando como as heteronormas para buscar a legitimação da minha masculinidade, ou ainda reproduzindo o modelo patriarcal e heteronormativo de masculinidade.

Hoje, ao finalizar o mestrado, questiono mais meus comportamentos, minhas atitudes, investindo maiores esforços teóricos/reflexivos para entender e problematizar os processos culturais que subjagam grande parte dos sujeitos em nossa sociedade, mesmo que de formas

distintas. Mas, igualmente, ciente de que esse processo de desconstrução e autorreflexão é constante e permanente. É por meio dessas desconstruções que penso uma educação que promova a pluralidade das performatizações de masculinidade. Como afirmam Silva e Paraíso (2023, p. 8) “há, nesse exercício de composição, algo que transforma não somente o ato de cartografar, como também os(as) pesquisadores(as) cartógrafos(as). Nesse sentido, uma cartografia é também uma estética da existência”. Mas antes de adentrar nesse tópico, gostaria de fazer um apanhado sobre os principais pontos abordados nessa dissertação.

Comecei esse trabalho com um capítulo destinado a apresentar o campo da cibercultura, a relevância do ciberespaço e das redes sociais, sobretudo o YouTube, em nosso espaço-tempo e no campo acadêmico, apresentando algumas pesquisas que analisaram questões relacionadas a gênero e sexualidade no cenário cibercultural. Em seguida, realizei a apresentação do meu objeto de pesquisa, o canal Porta dos Fundos, e de alguns estudos a nível de pós-graduação *strictu sensu* já desenvolvidos que também tiveram o Porta dos Fundos como *locus* investigativo. Na sequência, apresentei o objetivo da minha dissertação, que foi investigar a construção de códigos e sentidos das masculinidades presentes em vídeos do canal Porta dos Fundos. Para isso, utilizei a cartografia *online* como aporte teórico-metodológico para mapear os sentidos de masculinidade presentes nos vídeos do canal que foram postados nos anos de 2020 e 2021. O processo de análise utilizou o referencial teórico da performatividade da linguagem e de gênero para investigar os sentidos presentes nos vídeos de acordo com cinco linhas de significação: 1) masculinidade tóxica, 2) homem desconstruído, 3) tamanho do pênis, 4) paternidade e 5) masculinidades dissidentes.

Entendo por masculinidade tóxica as performatizações de masculinidade em que a norma é mais repetida que seus deslocamentos. Castro (2018) aponta algumas características dessa norma que são encontradas de forma exacerbada nessas performatizações de masculinidade, como violência, agressividade, machismo, misoginia e homofobia. No vídeo denominado “Jesus Hétero” essas características pretendidas pela norma são representadas de forma hiperbólica, como uma espécie de paródia de gênero. Tais representações da norma, elevando esses aspectos a níveis burlescos, causam estranhamento no consumidor do conteúdo e mostra o quão intangíveis são as expectativas de gênero, tendo como potencial efeito performativo a desestabilização das heteronormas e a quebra nesse padrão de repetição. Ainda, a circunscrição do termo masculinidade tóxica tem como efeito performativo colocar à luz os aspectos da norma que são ocultados e naturalizados, para que dessa forma possam ser questionados e problematizados.

Na sequência do trabalho, destaquei representações de performatizações alternativas de masculinidades, também importante nesse processo de enfrentamento e desconstrução dos aspectos normativos. Dentre elas, estão a noção de homem desconstruído, que optei por chamar de homem em desconstrução, e as masculinidade dissidentes. Essas performatizações alternativas de masculinidade são alternativas ao modelo tradicional e normativo. Por homem em desconstrução, entendo as performances de masculinidade de homens heterossexuais em que se buscam os deslocamentos da norma em contraponto às suas reiteraões. Fizem parte dessa seção de análise o vídeo “Homens?” e o vídeo “Terminador do futuro”. Embora possamos observar alguns avanços nas performances de masculinidade dos homens em desconstrução, ainda é possível observar a constante negociação desses sujeitos com os aspectos normativos e patriarcais, buscando assim uma maior legitimação social de sua masculinidade.

Ao abordar as masculinidades dissidentes, apresentei-as como vivências alternativas ao modelo de masculinidade normativa, sobretudo com sujeitos que performatizam sua sexualidade de maneira não-heterossexual. Nessa parte da análise fizeram-se presentes os vídeos “Terminador do futuro”, “O último ativo” e “Efeito colateral da vacina”. Considero de grande importância a representação de vivências de masculinidades não-heterossexuais nos múltiplos artefatos culturais, sobretudo no campo do humor. Se outrora o humor foi utilizando em grande parte das produções culturais para fazer zombarias de sujeitos que performatizam masculinidades dissidentes das impostas pelas heteronormas, termos representações desses sujeitos como possibilidades legítimas de performatizar a masculinidade se mostra como um avanço. Contudo, somente isso não basta. É necessário que haja um enfrentamento efetivo ao modelo patriarcal e a heteronormatividade para que possamos ter uma sociedade mais igualitária para todos os sujeitos.

Já na seção 4.4 me propus a debater a temática do tamanho do pênis enquanto significante de masculinidade dos sujeitos. No decorrer da análise surgiu também a necessidade de abordar o envio/recebimento de nudes enquanto prática performativa da sexualidade dos sujeitos em tempos de cibercultura, sobretudo durante o período de quarentena causado pela pandemia da COVID-19. Para isso, analise os vídeos “Ménage inseguro”, “Nude” e “Homens”. Pude observar que o tamanho do pênis funciona como um atribuidor de masculinidade aos sujeitos: quanto maior o pênis, maior a masculinidade atribuída a esses sujeitos. Esse modelo é baseado no pênis enquanto significante central da masculinidade e sexualidade dos sujeitos, e parte de um ideal ilusório de pênis, que deve ser grande, grosso, estar sempre ereto e pronto para cumprir seu papel de penetrante. Quando esse ideal, quase sempre inatingível, não é alcançado, acaba por constranger e frustrar grande parte dos homens. Sendo assim, destaco a

importância de combater esse discurso normatizador dos corpos baseado no pênis enquanto significante central de masculinidade dos homens.

Finalizei a análise com um subcapítulo destinado a discussão dos sentidos de paternidade mobilizados nos vídeos. Pude observar o quanto o modelo patriarcal de família burguesa influencia até hoje nas concepções tradicionais de paternidade, que se encontram em consonância com o modelo normativo de masculinidade. Nessa parte do texto analisei os vídeos intitulados “Teste” e “Nasce um papai”. Os sentidos associados à paternidade tradicional estão ligados à aspectos materiais e financeiros, como o sustento da família, em detrimento de aspectos emocionais, afetivos e de cuidado. Os sentidos mobilizados em ambos os vídeos apontam para uma mudança de rotina na vida dos futuros pais, que envolvem a diminuição na ingestão de álcool, preocupação com a família, dentre outros. Contudo, enquanto um dos vídeos apresenta uma crítica aos pais que não mudam suas rotinas, o outro faz uma sátira dos pais que realizam essas mudanças em seu cotidiano. Contextualizei os achados nessa seção com a literatura que aponta para uma pequena mudança nas performatizações contemporâneas de paternidade, com homens mais preocupados com os aspectos relacionados ao cuidado e com os aspectos afetivos da criação dos/as filhos/as.

Cabe destacar ainda os atravessamentos das tecnologias digitais em rede nas enunciações de masculinidade presentes nos vídeos, como um dos aspectos da cibercultura. A presença de chamadas de vídeo foi recorrente em vários dos vídeos analisados; assim como a difusão das *fake news* também foi abordada no vídeo “Efeito colateral da vacina”; e a prática de envio/recebimento de nudes como um relevante fenômeno cibercultural e formas de performatização da sexualidade, sobretudo durante a pandemia. Os vídeos analisados foram postados nos anos de 2020 e 2021, quando o Brasil e o mundo enfrentavam a pandemia da COVID-19. A partir das medidas de segurança adotadas, a circulação de pessoas em locais públicos foi restringida em várias cidades, potencializando ainda mais a relevância das tecnologias digitais em rede na sociabilização dos sujeitos. Tais exemplos são importantes para ressaltar cada vez mais a importância da indissociável relação *offline-online* na sociedade e nessa dissertação.

Outro fator de destaque foi o tentando realizado contra a sede do Porta dos Fundos, no Rio de Janeiro, em dezembro de 2019. O fato ocorreu após a estreia do “especial de Natal” da empresa, intitulado “A primeira tentação de Cristo” e disponibilizado na Netflix, que representou a figura de Jesus como um homem *gay*. Isso despertou uma série de protestos de grupos conservadores e cristãos, o que reforça que os sentidos mobilizados no ciberespaço não são desconexos da realidade, ressaltando o caráter performativo dos sentidos mobilizados

nesses (ciber)espaços. Cabe destacar também os ideais heteronormativos que alicerçam as concepções cristã sobre masculinidades e como esses ideais foram difundidos nos países colonizados pelo Ocidente ao longo da modernidade; concepções essas que perduram até os dias atuais.

Analisar os possíveis efeitos performativos das reiterações das performatizações das masculinidades nos vídeos foi um processo desafiador. Primeiro, porque como afirma Butler (2021) e Derrida (2013), não podemos precisar os efeitos performativos de um enunciado. Muitas vezes, os enunciados dizem e produzem efeitos além, ou aquém, do que eles pretendem dizer. Dessa forma, analisar os efeitos performativos que os vídeos podem ter se torna um desafio. Contudo, baseado na análise dos sentidos mobilizados e do humor como forma de torção da realidade e contestação de alguns sentidos, podemos apontar algumas possibilidades da performatividade.

Outro ponto desafiador foi não deixar o meu apreço pelo canal do Porta dos Fundos tendenciar a análise. Embora a minha visão sobre o canal seja positiva e eu os enxergue como um canal progressista, que promove críticas sociais contundentes e pertinentes, o objetivo do canal não é promover críticas sociais ou desestabilizar as normas regulatórias de gênero, mas produzir conteúdo humorístico e capitalizar financeiramente em cima disso. Entretanto, meu trabalho enquanto pesquisador foi analisar se essas enunciações auxiliam a corroborar ou desestabilizar as normas regulatórias de gênero.

Foram analisados dez vídeos publicados pelo canal, durante os anos de 2020 e 2021, que tinham como enunciação mais latente questões relacionadas às masculinidades. Dentre esses vídeos, podemos destacar o vídeo “Jesus Hétero” como um dos vídeos cujo efeito performativo possa ser auxiliar na desestabilização da heteronormas. Ao realizar uma paródia de gênero, hiperbolizando os aspectos normativos de masculinidade, o vídeo mostra o quão nocivas são essas performatizações de masculinidade, causando estranhamento e reflexão nos consumidores do canal. O vídeo inverte a ótica do humor que, historicamente, foi utilizado para satirizar as ditas “minorias sexuais”, ao tornar o modelo normativo de masculinidade como a identidade “risível”. Problematizar os aspectos da norma pode ser produtivo, tendo em vista que uma das artimanhas da norma é se manter oculta, gerando como potencial efeito performativo a desestabilização da heteronormatividade.

Outro vídeo que pode auxiliar nesse movimento é o intitulado “Nasce um papai”, que faz uma paródia do processo de gestação de uma criança, problematizando inúmeros aspectos do modelo de paternidade tradicional. O vídeo “Efeito colateral da vacina” traz um aspecto um pouco diferente. Apesar de não promover uma crítica deliberada à heteronormatividade, o vídeo

apresenta a performatização da sexualidade não-heterossexual de um homem sem atrelar aspectos negativos a essa performatização, na contramão do que as produções humorísticas, historicamente, produziram. O vídeo mostra que as performatizações de masculinidades não-heterossexuais são possibilidades de experiência legítimas do gênero e da sexualidade. Sendo assim, também observo o vídeo em questão com potencial performativo de auxiliar a desestabilizar as normas regulatórias de gênero.

Em contrapartida, os vídeos “Terminador do futuro” e “O último ativo” apresentam performatizações de masculinidades dissidentes, assim como o vídeo “Efeito colateral da vacina”, mas essas performances estão envoltas por aspectos heteronormativos e não há nenhuma crítica explícita a esse modelo que regula a vida dos sujeitos. Sendo assim, embora as representações de masculinidades dissidentes nesses vídeos possam auxiliar na desnaturalização da heterossexualidade compulsória, elas ainda são permeadas pela heteronormatividade, que continua a normatizar os corpos e as vivências desses sujeitos mesmo em relações não-heterossexuais. Além das representações de vivências alternativas de masculinidade é preciso que haja uma desnaturalização e enfrentamento das heteronormas, como no caso do vídeo “Jesus Hétero”, “Nasce um papai” e “Efeito colateral da vacina”.

Por fim, os vídeos “Homens?”, “Teste”, “Ménage inseguro” e “Nude” auxiliam a corroborar as normas regulatórias de gênero ao reiterar enunciados heteronormativos em seus enredos. No vídeo “Homens?”, apesar de ser a chamada para a segunda temporada da série que busca, justamente, desnaturalizar as performatizações normativas de masculinidade, as performatizações de masculinidade apresentadas reiteram o modelo normativo. O vídeo “Teste” satiriza as transformações oriundas da paternidade na vida dos homens e vai de encontro aos sentidos que o vídeo “Nasce um papai” problematiza. Já os vídeos “Ménage inseguro” e “Nude” citam e reiteram as normatizações de masculinidade a respeito do tamanho do pênis enquanto significante de masculinidade e as normatizações do dispositivo da sexualidade para regular os corpos.

Por fim, como profissional-pesquisador do campo da educação, gostaria de finalizar o texto propondo contribuições ao campo, principalmente pensar em como os vídeos do Porta dos Fundos podem ampliar o debate sobre o modelo normativo de masculinidade e auxiliar na desestabilização das heteronormas dentro-fora da escola. Recentemente, com o avanço das ofensivas anti-gênero em vários setores da sociedade, as discussões a respeito de gênero e sexualidade vêm sofrendo inúmeros ataques e culminando na perda de direitos que foram conquistados ao longo dos anos por meio de lutas e enfrentamentos, como o recente Projeto de

Lei que visa a proibição do casamento civil e união estável entre pessoas do mesmo sexo, aprovada na Câmara dos Deputados em 2023, durante a escrita deste trabalho.

Aliado a isso, durante o período de postagem dos vídeos analisados, o cenário político brasileiro era um tanto quanto conturbado, sobretudo a partir da eleição do ex-chefe do poder executivo do Brasil, Jair Bolsonaro, cujo mandato durou de 2019 a 2022. O ex-presidente promoveu uma série de ataques as pautas de gênero e sexualidade durante seu mandato. Para Casadei e Scabin (2021), os debates sobre gênero vivenciam um cenário desafiador no âmbito global pela intensificação da virada conservadora – movimento em que as investidas anti-gênero avançaram em escala global, buscando reagir ao avanço dos movimentos sociais e das lutas identitárias, com o intuito de reocupar seu posto hegemônico.

Essas investidas também avançaram na área da Educação. Como exemplo, temos a supressão dos termos gênero e sexualidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Lima; Gonçalves; Duque, 2019). Para as autoras e o autor, esse silenciamento e recusa em debater as questões de gênero no ambiente escolar tem como objetivo manter o *status quo* das relações de gênero na sociedade, tal qual os modelos patriarcais e machistas nas quais essas relações se estabelecem. Sendo assim, é necessário ressaltar o caráter político dessa dissertação e propor contribuições para pensar uma educação que promova a pluralidade das masculinidades. Afinal, como afirma Castro (2018), uma educação verdadeiramente democrática deve ser comprometida com o combate às desigualdades sociais e isso inclui desestabilizar os modelos universalizantes de como “ser homem” e “ser mulher” na sociedade.

Côrrea e Sepulveda (2021) abordam o avanço recente das investidas conservadoras no âmbito educacional, muitas delas amparadas pelo Movimento Escola Sem Partido. Dentre os inúmeros ataques desse movimento aos docentes e à educação, se encontram a crítica aos debates e discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas, e a acusação de que os docentes pretendem acabar com a “família tradicional” promovendo uma suposta “ideologia de gênero”. Esse movimento vem embasando uma série de projetos de lei, apresentados aos poderes legislativos de inúmeros estados e municípios do Brasil, sempre com ataques aos debates sobre gênero e sexualidade dentro das escolas.

Para Lima, Gonçalves e Duque (2019) a educação deve ser uma importante aliada no processo de desestabilização das normas de gênero, problematizando as normatizações e os essencialismos que permeiam as narrativas de gênero. Assim como Carvalho e Pocahy (2020), entendo os processos de formação como constituintes/constituídos por meio das múltiplas dimensões da vida cotidiana dos/as estudantes, seja no âmbito escolar ou fora dele. As múltiplas vivências do dia a dia, tais como as práticas cotidianas, as interrelações pessoais e o

consumo/interação com conteúdo no âmbito informal, constroem discursivamente as percepções que os sujeitos têm de si e do mundo, tal como as aprendizagens decorrentes dos processos de escolarização.

Destaco a potencialidade das performatizações plurais de masculinidades nos múltiplos artefatos culturais, sobretudo no ciberespaço, como forma de desestabilizar as normas regulatórias que promovem um modelo único e universalizado de “ser homem”. Como observamos no decorrer dessa dissertação, a relação *offline-online* está imbricada nas performatizações de gênero dos sujeitos e em suas representações no ciberespaço. Nesse trabalho, foi possível observar essa relação nas enunciações de masculinidade e sexualidade no canal do YouTube do Porta dos Fundos, que vão ao encontro dos sentidos de masculinidade que, frequentemente, são mobilizados na sociedade.

Sendo assim, utilizando o referencial teórico da performatividade de gênero, aposto na resignificação dos sentidos de masculinidade mobilizados na sociedade para promover uma transformação nas relações de gênero em nosso espaço-tempo. Nesse sentido, as redes sociais e o ciberespaço podem ser aliados nesse processo. A resignificação dos sentidos de masculinidade vigentes e a ampla difusão desses sentidos que as redes sociais possibilitam, podem auxiliar na desestabilização das normas regulatórias de gênero. Devemos apontar e valorizar as derivas da norma, os desvios, as desconstruções, as dissidências, os deslocamentos, as resistências e as possibilidades. Contudo, acredito que a simples representação e valorização de formas alternativas de vivenciar as masculinidades não seja suficiente para promover mudanças sociais profundas, embora seja considerado um avanço.

Nesse sentido, Pelúcio (2020) ressalta a forma com que os meios de comunicação e campanhas de publicidade reforçam os modelos normativos de masculinidade. Viveros Vigoya (2018), argumenta que os meios de comunicação e a produção cultural na América Latina auxiliam na reprodução do modelo dominante de masculinidade e da heterossexualidade enquanto norma. A autora afirma que é necessário identificar a forma com que esses discursos são difundidos na sociedade, confrontá-los e mobilizar sentidos que valorizem outras formas de experienciar as masculinidades.

Além de representar e valorizar formas alternativas de vivenciar as masculinidades, é necessário promover críticas e enfrentamentos ao modelo patriarcal e heteronormativo que permeiam essas performatizações. O humor pode ser um facilitador desse processo, à medida que entretém, e ao mesmo tempo pode conscientizar, sensibilizar, causar questionamentos e autorreflexões. O Porta dos Fundos, nesse caso, pode se tornar a porta de entrada para que os sujeitos tenham acesso a essas problematizações. Os vídeos “Jesus hétero” e “Nasce um papai”

são alguns exemplos dessa possibilidade. Nesses vídeos, o humor pode ser visto como uma rota de fuga ao modelo normativo de masculinidade. Para Silva e Paraíso (2019), o método cartográfico nos permite identificar e traçar rotas de desterritorialização, linhas de fuga que produzem resistência. O humor presente nesses vídeos diverte, entretém e causa boas risadas, mas também promove uma crítica às performatizações de masculinidade normativas e mostra o quanto essas performatizações podem ser nocivas para a sociedade como um todo.

Aposto na potencialidade educacional da formação pela desconstrução do modelo normativo de masculinidade, do enfrentamento à heteronormatividade nos múltiplos artefatos culturais. Nesse sentido, o humor se apresenta como um ato de resistência. Enquanto professor de Educação Física da rede pública de ensino do Rio de Janeiro, não posso deixar de abordar essa questão no ambiente escolar. Para Couto Junior e Brito (2018), é necessário traçar estratégias discursivas e pedagógicas com ações para combater o regime da heteronormatividade dentro-fora da escola. Para isso, os autores defendem uma educação subversiva, capaz de problematizar e combater o discurso heterocentrado que limita a fabricação de corpos e a multiplicidade de vivências das masculinidades. Por fim, os autores destacam a necessidade de combater os discursos machistas e homofóbicos, que por meio das normas regulatórias de gênero inserem determinados grupos de sujeitos no campo da ininteligibilidade social.

Para Côrrea e Sepulveda (2021), muitas escolas não só reproduzem o modelo normativo de gênero e sexualidade, como também impedem que os/as estudantes se expressem de forma livre e espontânea. Sendo assim, os sujeitos são obrigados a se encaixar nas normatizações de gênero e sexualidade para atender às expectativas do modelo hegemônico. Para a autora e o autor, muitos docentes apresentam dificuldades ao lidar com crianças e jovens que performatizam a sexualidade de forma dissidente e por isso suprimem essa temática dentro do ambiente escolar.

Como professor de Educação Física, ressalto a necessidade de combater o regime heteronormativo dentro da escola, sobretudo durante as aulas da disciplina, em que o corpo se encontra em evidência. Para Goellner (2013), apesar dos avanços teóricos a respeito da temática de gênero e sexualidade no campo da Educação Física escolar, ainda é possível observar, durante as aulas, o gênero ser tratado por meio de uma ótica dicotômica, dividindo-os em categorias binárias e hierárquicas que culminam na normatização de determinadas representações de masculinidade e feminilidade. É necessário romper com estes binarismos, com as normas regulatórias de gênero, entender a pluralidade dos sujeitos e combater o regime

heteronormativo que limita as performatizações de masculinidades dos sujeitos durante as aulas da disciplina.

Para Butler (2019) é impossível que haja a reprodução das normas regulatórias de gênero sem que sejam corporificadas. E quando a corporificação dessas normas falha ou apresenta desvios, abrem-se caminhos para as inúmeras formas de vivenciar o gênero que escapam aos modelos normativos dominantes. Sendo assim, aposto na valorização das múltiplas formas de performatizar as masculinidades dentro das escolas e combater os discursos normativos que permeiam grande parte das experiências corporais dos sujeitos durante as aulas de Educação Física (e para além delas).

Como exemplo, posso citar os discursos (hetero)normativos e masculinizantes que permeiam grande parte das práticas esportivas, ou os discursos homofóbicos que permeiam a maioria das experiências dos homens com as danças. Combater esses discursos heteronormativos e valorizar a pluralidade no interior das performatizações das masculinidades pode ser uma forma de garantir maior liberdade para os sujeitos que performatizam o gênero fora do modelo imposto pelas heteronormas. Assim como PocaHy (2012), acredito que o enfrentamento às normas regulatórias de gênero se faz por meio de micromovimentos, das enunciações alternativas das masculinidades, da (auto)estilização dos corpos, do enfrentamento diário as normatizações do corpo por meio de discursos subversivos. Sendo assim, garantir um espaço acolhedor que favoreça a reiteração dessas performatizações, que promova o pensamento crítico sobre posturas machistas, sexistas e homofóbicas, e valorize a pluralidade no interior das masculinidades e feminilidades pode auxiliar no combate e desnaturalização do modelo normativo.

Por fim, acrescento que uma das estratégias da heteronormatividade é se manter oculta e não dizer de si. Nesse sentido, combater o modelo (hetero)normativo de masculinidade, colocar luz sob a norma, denunciar o modelo normativo que impõe aos sujeitos uma forma única de experienciar a masculinidade e apontar as fragilidades e instabilidades existentes no interior das normas regulatórias de gênero, pode auxiliar no processo de subversão dessas normas. Para isso, utilizar os vídeos do Porta dos Fundos que realizam esse movimento, como o vídeo “Jesus hétero” e “Nasce um papai”, pode ser uma porta de entrada para trazer essas problematizações para o cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

- BERALDO, Guilherme de Souza; TRINDADE, Ellika. Novos pais, novos homens? Paternidade e identidade masculina no contexto pós-moderno. *Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 1, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3PMH8o2>. Acesso em: 01 abr. 2024.
- BILGE, Sirma. Interseccionalidade desfeita: salvando a interseccionalidade dos estudos feministas sobre interseccionalidade. *Revistas Feminismos*, v. 8, n. 3, p. 67-82, set./dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3MEkVGA>. Acesso em: 09 set. 2024.
- BILGE, Sirma. Panoramas recentes do feminismo na interseccionalidade. *Revista Escritas do Tempo*, v. 2, n. 6, p. 238-256, out./dez. 2020. Disponível: <https://bit.ly/3ND6ByP>. Acesso em: 25 set. 2024.
- BRITO, Leandro Teófilo. “Enfrentar o vírus como homem e não como moleque”: quando a masculinidade tóxica se torna genocida. *Redoc*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 150-162, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3McjHCP>. Acesso em: 21 out. 2023.
- BRITO, Leandro Teófilo. *Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer*. 2018. 228f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BUTLER, Judith. Atos performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela.; RAYNER, Francesca. (Org.). *Gênero, cultura visual e performance*. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011, p. 213-230.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. 4ª edição. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2019.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 151-172.
- BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Vida Precária: os poderes do luto e da violência*. Tradução: Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- CARVALHO, Felipe; POCAHY, Fernando. Cibercartografia: uma abordagem ético-epistêmico-metodológica na cibercultura. In: OSWALD, Maria Luiza; FERNANDES, Adriana Hoffmann; SILVA, Dagmar Mello; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino (Orgs.). *Metodologias de pesquisa online: investigando em/na rede com o outro*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023, p. 175-203.

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte de; POCAHY, Fernando. O método cartográfico na/com a formação na cibercultura. *RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning*, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 62-77, mar./abril 2020. Disponível em: <https://bit.ly/33t3oe9>. Acesso em: 05 jun. 2023.

CASADEI, Eliza Bachega. Estratégias discursivas de paternidades cuidadoras em perfis autobiográficos do Instagram. *Esferas*, ano 12, v. 2, n. 25, p. 415-436, set./dez. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/4fDwqeX>. Acesso em: 30 jul. 2024.

CASADEI, Eliza Bachega; SCABIN, Nara Lyra Cabral. Da “masculinidade tóxica” ao “homem desconstruído”: humor de gênero e o consumo de ativismos na série Homens?. *Razón y Palabra*, v. 24, n. 111, p. 285-305, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/47xcR3i>. Acesso em: 25 nov. 2023.

CASTRO, Susana de. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. *APRENDER – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, Vitória da Conquista, ano XII, n. 20, p. 75-82, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3QtBQym>. Acesso em: 23 out. 2018.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CONNELL, Raewyn. Masculinidade corporativa e o contexto global: um estudo de caso de dinâmica conservadora de gênero. *Cadernos Pagu*, v. 40, p. 323-344, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3to6CzH>. Acesso em: 08 out. 2023.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/48XKwo7>. Acesso em: 08 out. 2023.

CONNELL, Robert William. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://bit.ly/3Fa7Wca>. Acesso em: 08 out. 2023.

CÔRREA, Renan; SEPULVEDA, Denize. A importância das discussões sobre gêneros e sexualidades nas escolas: combatendo práticas conservadoras misóginas e LGBTIfóbicas. *Instrumento: Revista de Estudos e Pesquisa em Educação*, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 278-296, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3YxOUXG>. Acesso em: 21 out. 2024.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan; ROMERITTO, Renato; RUANI, Ruann Moutinho. Celebrando a normatização da vida: (re)pensando os corpos infantis arbitrariamente genericados em vídeos de “chás de revelação” do YouTube. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 469-488, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2WTzuwQ>. Acesso em: 23 maio 2023.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teófilo de. “Vocês conhecem algumx ‘heterossexual flexível’?”: masculinidades performativas em debate. *Educação Temática*

Digital, Campinas, v. 20, n. 1, p. 81-97, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2D0q3SY>. Acesso em: 05 set. 2024.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; MADDALENA, Tania Lucía. #LigaACâmera: relatos de estudantes de Pedagogia do Rio de Janeiro sobre os Encontros por videoconferência. *EaD em Foco*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, e2061, 2023. Disponível em: <https://is.gd/7npUwq>. Acesso em: 30 jan. 2024.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; MADDALENA, Tania Lucía; SOARES, Reginaldo Rosa. Por que pesquisa online não é pesquisa remota emergencial? Particularidades e potencialidades investigativas na cibercultura. In: OSWALD, M. L.; FERNANDES, A. H.; CANELLA, D. M. S.; COUTO JUNIOR, D. R.; FERREIRA, H. M. C. (Orgs.). *Metodologias de pesquisa online: investigando em/na rede com o outro*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023, p. 404-429.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, p. 171-188, 2002. Disponível: <https://bit.ly/4gnoL16>. Acesso em: 12 set. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3Xzky6q>. Acesso em: 09 set. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução: Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Tradução: Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

FERNANDES, Camila Rebouças. Masculinidades e paternidades: novos olhares. *Crítica Histórica*, ano XI, n. 22, p. 229-259, dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3zWzpyq>. Acesso em: 28 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade do saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14ª edição. Paz & Terra: Rio de Janeiro, 2022.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11ª edição. Paz & Terra: São Paulo, 2021.

FREITAS, Paula Rios de; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; CARVALHO, Felipe. “Eu sempre sonhei em ter um neto homem!”: cartografando vídeos de “chás de revelação” no YouTube. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 55, p. 37-58, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/4haDjoG>. Acesso em: 10 jan. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. *Educação Física e Gênero. Desafios*. Ijuí: UNIJUÍ, 2013. p. 23-43.

GONÇALVES, Juliana Soares. Homão da porra: Rodrigo Hilbert e a rede textual de masculinidades transformadas. *Esferas*, ano 13, vol. 2, n. 27, p. 1-21, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3MW3L7u>. Acesso em: 23 set. 2024.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs., p. 223-244, 1984. Disponível em: <https://bit.ly/4gckT5Y>. Acesso: 15 dez. 2024.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://bit.ly/3UkczIE>. Acesso em: 27 set. 2024.

hooks, bell. *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. Tradução: Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. Disponível em: <https://bit.ly/46KuhJ5>. Acesso em: 09 out. 2023.

LEMOS, André. Cidade e mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. *Matrizes*, São Paulo, v. 1, n.1, p. 121-137, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2hjdOlc>. Acesso em: 05 jun. 2023.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 40, p. 28-35, dez. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2Vp01Pz>. Acesso em: 05 jun. 2023.

LEMOS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, André.; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 21-31.

LIMA, Sandra Regina Rocha; GONÇALVES, Josiane Peres; DUQUE, Thiago. A subalternidade nas relações de gênero: apontamentos a partir da perspectiva pós-estruturalista. *Cadernos da Fucamp*, v. 18, n. 34, p. 87-94, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3SoyFth>. Acesso em: 05 nov. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto, v. 1, n. 25, p. 235-245, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2xrE8oH>. Acesso em: 05 jun. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 29, p. 935-952, set./dez. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/46rY0Yc>. Acesso em: 30 jul. 2024.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. *Estudos Feministas*, ano 8, p. 145-158, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/3UDToKa>. Acesso em: 01 maio 2024.

MACHADO, Nealla Valentim. Nudes: vigilância, subjetividades e os processos comunicacionais na internet. *Esferas*, ano 13, v. 12, n. 27, p. 1-20, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/4dOslC8>. Acesso em: 15 out. 2024.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, set./dez. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3Cgnv0d>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MELO, Renata Gomes. *Humor, publicidade e representação: a mulher no canal Porta dos Fundos*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

MENESES, Ramiro Délio Borges. A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. *Universitas Philosophica*, Bogotá, v. 60, año 30, p. 177-204, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/4cad5zm>. Acesso em: 06 jun. 2024.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2JBHPvT>. Acesso em: 16 out. 2023.

NICARETTA, Fernanda; HENNIGEN, Inês. “Manda nude”: jogos de saber-poder e produção de subjetividade. *Revista Polis e Psique*, v. 9, n. 2, p. 4-24, 2019. Disponível em <https://bit.ly/48bIkJF>. Acesso em: 16 out. 2024.

MONTEIRO, Maria Clara. A construção social de gênero para crianças através do YouTube. *Revista Sociais e Humanas*, v. 33, n. 2, p. 9-24, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3P7eUVc>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MOTTA, Arthur Alves. *Análise do conhecimento conceitual retido pelos alunos do Ensino Médio na Educação Física escolar*. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física) – Departamento de Educação Física e Desportos, Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

MOTTA, Arthur Alves; SOUZA, Thamiris Medeiros de. “Ele vai ser menina”: uma análise da intervenção docente em Educação Física sobre questões de gênero. Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cassia de Oliveira e Silva. 28p. TCC (Especialização) – Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva, Escola de Educação Física e Desportos, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2020.

NICARETTA, Fernanda; HENNIGEN, Inês. “Manda nude”: jogos de saber-poder e produção de subjetividade. *Revista Polis e Psique*, v. 9, n. 2, p. 4-24, 2019. Disponível em <https://bit.ly/48bIkJF>. Acesso em: 16 out. 2024.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira; PARAÍSO, Marluçy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 159-178, set./dez. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3Oqb9Ht>. Acesso em: 27 jun. 2022.

PALMIERE, Julia Arruda da Fonseca; BERNARDES, Anita Guazzelli. Produzindo corpos trans: cartografia pelo território virtual do YouTube em uma perspectiva pós-colonial. *Estudos*

e *Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, n. 21, v. 1, p. 94-115, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3MTjy6K>. Acesso em: 06 jun. 2023.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. 2 Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-47.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisa pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. *Cadernos de Pesquisa*, n. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3YYgGJU>. Acesso em: 19 mar. 2023.

PELÚCIO, Larissa. Um match com os conservadorismos: masculinidades desafiadas nas relações heterossexuais por meios digitais. *Interfaces Científicas – Educação*, v. 8, n. 2, p. 31-46, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/4dY0Ch1>. Acesso em: 22 out. 2024.

POCAHY, Fernando Altair. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. *Textura*, Canoas, v. 13, n. 23, p. 18-30, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2HBZJOz>. Acesso em: 06 jun. 2023.

POCAHY, Fernando Altair. Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 357-376, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3ANc0A4>. Disponível em: 01 set. 2024.

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto de estudo da(s) psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. 3, p. 14-19, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/4eVits0>. Acesso em: 19 out. 2024.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2QtXyVC>. Acesso em: 06 jun. 2023.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/4cLEd8T>. Acesso em: 08 abr. 2024.

PROCACI, Thiago Baesso; SIQUEIRA, Sean, W. M.; NUNES, Bernardo Pereira. Aprender ao longo da vida através de ambientes pessoais de aprendizagem. In: Mariano Pimentel, Fábio Ferrentini Sampaio, Edméa Santos. (Org.). *Informática na Educação: ambientes de aprendizagem, objetos de aprendizagem e empreendedorismo*. 1ed.: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Ch91xg>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Violência/abuso sexual contra meninos: masculinidades e silenciamentos em debate. *Pesquisa em Foco*, São Luís, v. 25, n. 2, p. 144-167, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/46272uu>. Acesso em: 06 jun. 2023.

RODRIGUES, Carla; LOBATO, Ana Emília. Os feminismos e seus sujeitos. *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, v. 27, n. 52, p. 43-65, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3G23EUG>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RODRIGUES, Carla. Para além do gênero: anotações sobre a recepção da obra de Butler no Brasil. *Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência*, n. 5, p. 59-72, 2019. Acesso em: <https://bit.ly/467c1c4>. Acesso em: 13 nov. 2023.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n. 10, p. 140-164, abr. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3sb6bbi>. Acesso em: 15 ago. 2023.

RODRIGUES, Cristiano; ANDRADE, Darlane Silva Vieira; MANO, Máira Kubik. Por uma Teoria Social de Gênero do - e para - o Sul Global: uma entrevista com Raewyn Connell. *Revista Feminismos*, v. 3, n. 1, p. 45-58, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/46DTAML>. Acesso em: 9 out. 2023.

RUANI, Ruann Moutinho; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO Leandro Teofilo de. Sentidos de masculinidades dissidentes através do uso do emoji de berinjela no Grindr. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 18, p. 1-20, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3n8FSgZ>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SANTOS, Edméa. Caminhar ubíquo como dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura: a insurgência de práticas educativas na relação cidadeciberespaço. In: CRUZ, Giseli Barreto da; FERNANDES, Claudia Fernandes; FONTOURA, Helena Amaral da; MESQUITA, Silvana (Orgs.). *Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; Endipe /DP et al, 2020, p. 482-498.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://bit.ly/2GeB0jx>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/4c3QqVZ>. Acesso em: 04 mar. 2024.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Cartografia para pesquisar currículos e infâncias em dissidências: um exercício experimental de invenção. *Acta Scientiarum*, v. 45, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/4f9oilR>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Para uma cartografia de infâncias queer no currículo escolar. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-21, out./dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2t5wHES>. Acesso em: 06 jun. 2023.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teofilo de. Nem tudo que reluz é ouro: discutindo memes e *fake news* em tempos de pandemia. *Comunicologia*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 81-101, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/31E462k>. Acesso em: 06 jun. 2023.

VIVEROS VIGOYA, Mara. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Tradução: Allyson de Andrade Perez. Papéis Selvagens: Rio de Janeiro, 2018.